

CARLOS MIGUEL MARTINS SILVA FREIRE

**TURISMO RESIDENCIAL DE BASE COMUNITÁRIA
RUMO A UM MODELO INTEGRADO**

Orientador: Prof. Doutor Álvaro Lopes Dias

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Ciências Económicas e das Organizações

Departamento de Turismo

Lisboa

2018

CARLOS MIGUEL MARTINS SILVA FREIRE

**TURISMO RESIDENCIAL DE BASE COMUNITÁRIA
RUMO A UM MODELO INTEGRADO**

Dissertação defendida em Provas Públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Turismo no Curso de Mestrado em Turismo, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 26 de Outubro de 2018, perante o júri, nomeado pelo Despacho Reitoral nº276/2018, com a seguinte composição:

Presidente: Prof^ª. Doutora Mafalda Patuleia

Arguente: Prof. Doutor Francisco Silva

Orientador: Prof. Doutor Álvaro Lopes Dias

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Ciências Económicas e das Organizações

Departamento de Turismo

Lisboa

2018

Nota: Por decisão do autor, a presente dissertação não foi escrita ao abrigo do novo acordo ortográfico.

RESUMO

A existência de aldeias portuguesas, em zonas rurais, que se tornaram desertificadas com populações envelhecidas mas que estão localizadas em regiões cheias de cultura, belezas naturais e património, levou a questionar sobre a possibilidade de se desenvolver o turismo residencial numa lógica de turismo de base comunitária como forma de sustentabilidade daquelas comunidades.

Uma iniciativa de turismo residencial de base comunitária (CBRT), para que possa ser implementada com sucesso, tem que garantir que existe o nível de procura ajustado, que o destino apresenta o nível organizacional adequado para fazer face a todas as necessidades e por fim que a competitividade esteja assegurada face a outros destinos.

O presente estudo tem como finalidade conhecer as percepções de membros da comunidade sobre o impacte dos níveis da procura, de organização e de competitividade do destino na sustentabilidade da comunidade, de forma a validar o modelo de CBRT.

Desta forma, os resultados do estudo de caso sobre Santo Estevão, apontam para que, o turismo residencial, quando é fomentado, desenvolvido e gerido com a intervenção activa da comunidade local, contribui para a sustentabilidade do destino.

Palavras-chave: Turismo residencial, turismo de base comunitária, sustentabilidade

ABSTRACT

The existence of Portuguese villages in rural areas, with aged populations and empty houses but located in regions full of culture, natural beauty and heritage, has led to questioning the possibility of developing residential tourism with a community-based approach as a way to bring sustainability to those communities.

A community-based residential tourism initiative (CBRT), in order to be successfully implemented, has to ensure that there is an adjusted demand level, that the destination has the appropriate organizational level to meet all needs and ultimately that competitiveness is assured compared to other destinations.

The purpose of this study is to understand the perceptions of community members about the impact of the level of demand, organization and competitiveness of the destination, on the sustainability of the community, in order to validate the CBRT model.

Therefore, the results of Santo Estevão's case study point to that residential tourism, when fostered, developed and managed with the active intervention of the local community, contributes to the sustainability of the destination.

Keywords: Residential tourism, community-based tourism, sustainability

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|--------------|--|
| CBRT | Community Based Residential Tourism ou turismo residencial de base comunitária |
| CBT | Community Based Tourism ou turismo de base comunitária |
| EC | European Commission |
| GNR | Guarda Republicana Nacional |
| IMI | Imposto Municipal sobre Imóveis |
| INE | Instituto Nacional de Estatística |
| IUCN | União Internacional para a Conservação da Natureza |
| ONG | Organização Não Governamental |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PDM | Plano Director Municipal |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| QOL | Quality of Life |
| UNWTO | United Nations & World Tourism Organization |
| WTTC | World Travel & Tourism Council |

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|-----------|
| RESUMO | III |
| ABSTRACT | IV |
| LISTA DE ABREVIATURAS | V |
| ÍNDICE GERAL | VII |
| ÍNDICE DE QUADROS | VIII |
| ÍNDICE DE TABELAS | IX |
| ÍNDICE DE FIGURAS | X |
| 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1. PROBLEMA E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO | 3 |
| 2. REVISÃO DA LITERATURA | 7 |
| 2.1. TURISMO RESIDENCIAL | 7 |
| 2.2. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (CBT) | 12 |
| 2.3. IMPACTE DA PROCURA, DO NÍVEL ORGANIZACIONAL E DA COMPETITIVIDADE NA SUSTENTABILIDADE DO DESTINO | 22 |
| 3. METODOLOGIA | 27 |
| 3.1. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA | 27 |
| 3.2. PARTICIPANTES | 29 |
| 3.3. RECOLHA DE DADOS | 33 |
| 3.4. ANÁLISE DE DADOS | 34 |
| 4. RESULTADOS | 37 |
| 4.1. PERCEPÇÕES DE MEMBROS DA COMUNIDADE | 37 |
| 4.2. IMPACTE DO TURISMO NA SUSTENTABILIDADE DO DESTINO | 58 |
| 5. CONCLUSÃO | 67 |
| 5.1. CONCLUSÕES | 67 |
| 5.2. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS | 70 |
| 5.3. LIMITAÇÕES E FUTURAS INVESTIGAÇÕES | 74 |
| REFERÊNCIAS | 75 |
| APÊNDICES | 79 |
| APÊNDICE A - INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE | 79 |
| APÊNDICE B - GUIÃO DE ENTREVISTA | 85 |
| APÊNDICE C – RESULTADOS DAS ENTREVISTAS | 91 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|---|-----------|
| QUADRO 1 DIMENSÕES DO TURISMO SUSTENTÁVEL: INDICADORES E CATEGORIAS DE ANÁLISE | 35 |
| QUADRO 2 SÍNTESE DAS PERCEPÇÕES DE MEMBROS DA COMUNIDADE | 57 |
| QUADRO 3 VALIDAÇÃO DAS HIPÓTESES | 66 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|---|-----------|
| TABELA 1 DISTRIBUIÇÃO DAS RESIDÊNCIAS SECUNDÁRIAS CONSOANTE O ANO DE CONSTRUÇÃO (EM 2011) | 29 |
| TABELA 2 PERFIL DEMOGRÁFICO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS | 30 |
| TABELA 3 PERFIL DEMOGRÁFICO POR CATEGORIA – RESIDENTES PERMANENTES E TURISTAS RESIDENCIAIS | 31 |
| TABELA 4 PERFIL DEMOGRÁFICO DOS RESIDENTES PERMANENTES – NATIVOS E ADOPTIVOS | 32 |
| TABELA 5 DISTRIBUIÇÃO DOS ALOJAMENTOS CONSOANTE A FORMA DE OCUPAÇÃO (EM 2011) | 38 |
| TABELA 6 VARIAÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE (ENTRE 1864 E 2011) | 39 |
| TABELA 7 DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS (EM 2001 E 2011) | 40 |
| TABELA 8 DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO EMPREGADA POR SECTOR DE ACTIVIDADE ECONÓMICA | 41 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|-----------|
| FIGURA 1 MODELO DE INVESTIGAÇÃO | 6 |
| FIGURA 2 RELACIONAMENTO DOS RECURSOS E ACÇÕES NO CBT | 15 |
| FIGURA 3 MODELO PARA O CBRT | 68 |

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretende-se conhecer se o turismo residencial quando fomentado, desenvolvido e gerido por uma comunidade rural se pode constituir como elemento determinante do desenvolvimento sustentado da comunidade.

Na revisão da literatura, faz-se primeiro uma abordagem ao turismo residencial que está muito vezes associado ao turismo de massas, salientando-se alguns aspectos menos positivos deste tipo de turismo. Depois, apresenta-se o turismo de base comunitária (CBT) como forma alternativa de turismo sustentável e alertando para a complexidade da sua implementação.

Para assegurar a sustentabilidade do CBT, é necessário garantir que todas as partes envolvidas beneficiam com a actividade de turismo, sendo fundamental a existência de um sistema de monitorização, pelo que se apresenta um conjunto de indicadores de sustentabilidade que podem ser utilizados no desenvolvimento de uma iniciativa de turismo de base comunitária. Apresenta-se uma sugestão de metodologia de execução que coloca a comunidade no centro do processo e das tomadas de decisão.

Para o desenvolvimento do trabalho, identifica-se um destino turístico onde o turismo residencial se desenvolveu com o suporte da comunidade e utilizam-se os indicadores de sustentabilidade para avaliar a evolução temporal, de forma a conhecer os impactes causados por este tipo de turismo na sustentabilidade da comunidade.

A recolha de dados efectua-se através da análise de informação estatística, da observação directa e de entrevistas a residentes, turistas residenciais, pessoas ligadas ao comércio e serviços e pessoas ligadas ao poder local de forma a conhecer a percepção que têm sobre o contributo da actividade turística na sua qualidade de vida. Foram definidas três dimensões de análise, o nível da procura, o nível organizacional e o nível de competitividade do destino, considerando-se que sustentabilidade se traduzirá na qualidade de vida dos moradores, tanto dos permanentes como dos turistas residenciais, i.e., proprietários de 2ª habitação.

Em Portugal, existem alguns casos de sucesso de aldeias rurais que beneficiaram de um forte desenvolvimento, nos últimos anos, fomentado pela dinâmica criada pelo turismo residencial ou

de 2ª habitação que conseguiram atrair para a região. Estes casos parecem demonstrar que o adequado desenvolvimento do turismo envolvendo a própria comunidade constitui o motor do seu desenvolvimento sustentável.

Assim, Portugal pode tirar proveito das suas regiões do interior, que são ricas em património natural e cultural e onde existe um parque habitacional vazio e disponível para ser utilizado. O turismo residencial enquadrado numa lógica de turismo de base comunitária que coloca a comunidade no centro da actividade pode ser uma forma de combater de forma sustentável a desertificação e envelhecimento do interior do país. Uma abordagem holística para o desenvolvimento do turismo sustentável deve ser ecologicamente responsável, socialmente compatível, culturalmente apropriada, politicamente equitativa, tecnologicamente favorável e, finalmente, economicamente viável para a comunidade anfitriã (Choi & Sirakaya, 2006).

A sustentabilidade pode ser encarada como um modo de estar, i.e., como um processo que não tem fim e que tem de ser constantemente vigiado e afinado. Actualmente, há cada vez mais uma consciencialização global para a importância da sustentabilidade, pois de outra forma corre-se o risco de acabar com os recursos do planeta e com a diversidade e riqueza do ser humano e das suas diversas expressões culturais.

O turismo sendo uma das maiores e mais dinâmicas actividades económicas mundiais, representando 10,2% do PIB mundial e empregando 1 em cada 10 pessoas no mundo (WTTC, 2017), pode e deve ter um papel activo nas questões de sustentabilidade do planeta. Foi neste sentido que a ONU declarou 2017, como o ano internacional do turismo sustentável para o desenvolvimento (UNWTO, 2017). Esta medida visa apoiar uma mudança nas políticas, práticas empresariais e comportamento dos consumidores para um sector de turismo mais sustentável, promovendo o papel do turismo nas seguintes áreas: (1) Crescimento económico inclusivo e sustentável; (2) Inclusão social, emprego e redução da pobreza; (3) Eficiência dos recursos, protecção do ambiente e alterações climáticas; (4) Valores culturais, diversidade e património; (5) Compreensão mútua, paz e segurança.

1.1. PROBLEMA E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Durante o século XX, a globalização da economia, as movimentações das populações e os avanços nas tecnologias dos transporte e comunicações ajudaram a desenvolver e a transformar o turismo num dos maiores sectores económicos mundiais.

Vivemos num mundo globalizado, com fácil acesso a viagens baratas, o que torna o mundo um lugar pequeno para viajar e viver. Por um lado, as pessoas têm mais tempo livre de lazer e procuram novas experiências longe do seu quotidiano. Por outro, com o crescimento da esperança média de vida verificado nas últimas décadas é expectável que após a reforma as pessoas tenham ainda 15 a 20 anos de vida de qualidade.

Na ultima década, o mundo sofreu uma das maiores crises financeiras de que há registo. Consequentemente, Portugal, uma pequena economia dependente da União Europeia, teve muitas dificuldades para sobreviver. No entanto, fruto da localização territorial, das condições meteorológicas e belezas naturais, da relativa segurança e da simpatia do seu povo, do património histórico e cultural, da gastronomia e dos vinhos, do relativo baixo custo de vida, da atractividade do investimento e das medidas fiscais, conseguiu reforçar a sua posição enquanto destino turístico.

Contudo, apesar do turismo ter trazido enormes benefícios económicos à escala global, também contribuiu significativamente para a degradação do ambiente, nomeadamente através de impactes sociais e culturais negativos e da fragmentação dos habitats naturais. O crescimento não planeado do turismo prejudicou o ambiente natural e sociocultural de muitos destinos turísticos. Esta tomada de consciência, sobre o lado negro do turismo, tem conduzido ao aparecimento de formas alternativas, tais como o turismo de base comunitária, que colocam a sustentabilidade no centro da discussão.

Portugal tem crescido como destino turístico, principalmente devido ao modelo de sol, praia e mar. No entanto, há uma necessidade de olhar para além do turismo de massas e aproveitar o património rico das regiões do interior, mantendo a sua autenticidade e sustentabilidade.

À medida que Portugal consegue atrair cada vez mais estrangeiros desejosos de investir na aquisição de uma segunda habitação, maior se torna a pressão sobre o ordenamento do território. Pretende-se apostar em novas construções ou na recuperação do parque habitacional existente? E

que tipo de conceito é mais conveniente incentivar, residências em ambiente urbano ou integradas em Resorts? Como se pode transformar o turismo residencial numa actividade sustentável?

Em Portugal, existem aldeias em zonas rurais que se tornaram desertificadas com populações envelhecidas. No entanto, estas regiões estão cheias de cultura, belezas naturais e património. Como se pode aproveitar o turismo para recuperar essas aldeias? Como se podem combater as assimetrias entre o litoral e o interior do país?

Que características são necessárias para desenvolver o turismo de base comunitária nas aldeias do interior do País? Como avaliar o CBT? Que indicadores poderão ser utilizados para monitorizar o CBT? Como é que o turismo de base comunitária se pode relacionar com o turismo residencial, e quais os impactes do turismo sustentável no desenvolvimento da economia regional?

Assim, neste estudo pretende-se conhecer em que medida o turismo residencial desenvolvido no âmbito de uma abordagem de turismo de base comunitária contribui para o desenvolvimento sustentável da comunidade, traduzindo-se na qualidade de vida dos residentes e turistas residenciais.

Para se aferir da sustentabilidade do destino (variável dependente) foram tidos em conta 3 níveis de análise (variáveis independentes):

- i) O nível da procura do destino (comportamento da procura e impactes no destino)
- ii) O nível organizacional do destino (organização do destino e sua evolução. Grau de envolvimento dos intervenientes da comunidade)
- iii) O nível de competitividade do destino (características do destino: vantagens competitivas e comparativas)

Neste sentido, para se conhecer que impacte teve, o aumento da procura no destino motivado pelo turismo residencial, no desenvolvimento da comunidade local, contribuindo dessa forma para a sua sustentabilidade, colocou-se a seguinte hipótese que se pretende investigar:

Hipótese 1 (H₁) – Os membros da comunidade percebem que o aumento da procura tem um impacto positivo sobre a sustentabilidade do destino

Para se conhecer que impacte teve, a forma organizacional do destino motivada pelo turismo residencial, no desenvolvimento da comunidade local, contribuindo dessa forma para a sua sustentabilidade, colocou-se a seguinte hipótese que se pretende investigar:

Hipótese 2 (H₂) – Os membros da comunidade percebem que uma melhor organização do destino tem um impacto positivo sobre a sustentabilidade do destino

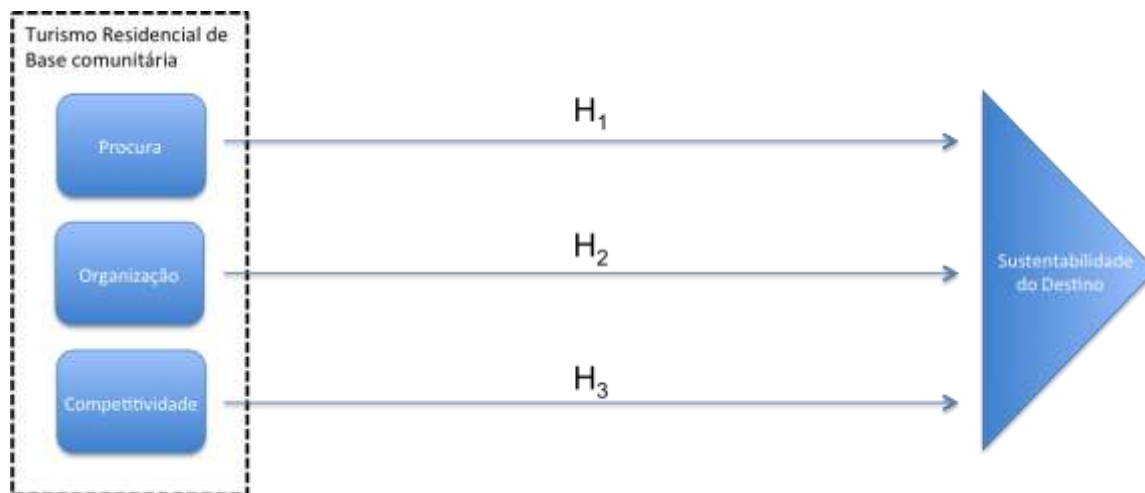
Para se conhecer que impacte teve, a competitividade do destino motivada pelo turismo residencial, no desenvolvimento da comunidade local, contribuindo dessa forma para a sua sustentabilidade, colocou-se a seguinte hipótese que se pretende investigar:

Hipótese 3 (H₃) – Os membros da comunidade percebem que uma maior competitividade do destino tem um impacto positivo sobre a sustentabilidade do destino

O modelo que traduz o âmbito do presente trabalho de investigação é o seguinte (Figura 1):

Figura 1

Modelo de Investigação



Tendo em vista as hipóteses formuladas, a pesquisa, proposta neste estudo, será orientada pelas seguintes questões de investigação:

- a) Que mudanças ocorrem na vida quotidiana dos habitantes com o surgimento do CBT?
- b) Que efeitos percecionaram os residentes na sua qualidade de vida com o aumento do turismo?
- c) Que papel podem desempenhar as autoridades de modo a criar uma harmonia entre residentes e turistas?
- d) Que ofertas turísticas podem ficar disponibilizadas de modo a integrar os turistas na vida comunitária?
- e) Que características do destino são importantes para a escolha dos turistas?
- f) Quais os benefícios, custos e riscos para os residentes resultantes de uma iniciativa de CBT?

2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo procede-se à revisão da literatura sobre os conceitos abordados no presente estudo, que tem como objectivo validar a premissa de que o turismo residencial de base comunitária contribui para o desenvolvimento sustentável da comunidade.

Este capítulo está organizado em três secções. Na primeira secção, começa-se por fazer o enquadramento teórico do turismo residencial apresentando para além de algumas definições, os pontos menos positivos desta forma de turismo.

Na segunda secção, enquadra-se o turismo de base comunitária como forma alternativa de turismo sustentável, apresentando-se algumas definições e mostrando a complexidade desta abordagem.

Na última secção, faz-se o enquadramento da procura, do nível organizacional e da competitividade do destino, abordando as diversas definições e o impacte que podem trazer para a sustentabilidade do destino.

2.1. TURISMO RESIDENCIAL

O turismo residencial ou de 2ª habitação é uma actividade económica que se dedica à urbanização, construção e venda de moradias residenciais que compõem o sector extra-hoteleiro, que por sua vez, consiste no conjunto de moradias, usualmente, de propriedade individual, que são oferecidos ao mercado turístico, quase sempre fora dos canais oficiais, e que estão localizados, na grande maioria, na zona costeira (Martinez & Tur, 2005).

Cunha & Abrantes (2013) referem o turismo residencial como sendo o mercado da imobiliária turística que compreende as actividades de compra e venda desenvolvidas sobre empreendimentos turísticos que sejam decomponíveis em fracções ou unidades imobiliárias ou que correspondam a um edifício autónomo de carácter unifamiliar (moradias).

A dinâmica perversa do desenvolvimento do turismo residencial, assente apenas no investimento

imobiliário, pode levar a uma crise ambiental e socioeconómica dos municípios focados apenas neste tipo de oferta. De facto, o esgotamento das terras urbanas, a falta de planeamento, a má qualidade do produto global, a destruição dos recursos naturais, a ausência de serviços complementares adequados, o escasso desenvolvimento hoteleiro e a má imagem turística da região, impossibilitam muitas vezes a criação de estratégias de recuperação da região e no final do ciclo de vida, todos estes elementos podem conduzir ao esgotamento do modelo.

Como tal, a degradação de muitas zonas turísticas e a sua sobrecarga é frequentemente associada ao turismo residencial. Em Espanha, existem vários destinos na Costa Blanca, por exemplo Torrevieja, que sofreram deste fenómeno (Martinez & Tur, 2005).

A especulação imobiliária levou à transformação de algumas localidades características de determinadas regiões, fazendo com que se tornassem em conjuntos desordenados de blocos e torres de betão. Em Portugal, nomeadamente no Algarve, as localidades de Armação de Pêra, Albufeira, Quarteira, Monte Gordo ou Praia da Rocha são exemplos desse desenvolvimento desordenado. Nestes casos, o desenvolvimento imobiliário não foi devidamente acompanhada pelas infra-estruturas necessárias como por exemplo:

- Saneamento básico
- Fornecimento de água
- Saúde
- Transportes
- Espaços Lúdicos

Acabando por faltar também ordenamento turístico e protecção dos recursos naturais e do ambiente, bem como o desenvolvimento de outros componentes da oferta turística tais como animação desportiva e cultural (Cunha & Abrantes, 2013).

As motivações dos diversos intervenientes no modelo de turismo residencial leva a que haja diversas percepções sobre as externalidades do modelo, quer sejam positivas ou negativas. Tanto Huete et al (2008) como Nieves et al (2008) analisam, qualitativamente, os discursos dos principais envolvidos neste processo dinâmico, com o objectivo de conhecerem o tipo de aceitação, por parte da sociedade, a este modelo turístico. Para isso, tendo por base uma

perspectiva económica, ambiental e sociocultural, entrevistaram vários intervenientes nas comunidades anfitriãs. Aqueles que estão envolvidos directamente, tais como, gerentes de hotéis, gerentes de agências de viagens, agentes imobiliários e construtores. Os que estão envolvidos indirectamente, tais como presidentes das associações de comércio e gerentes bancários e, por fim, os envolvidos no poder local, tais como, pessoal dos centros de turismo e políticos de todos os partidos. Desta análise, concluem que o discurso predominante produz mais argumentos de legitimação do modelo do que propriamente de resistência.

A complexidade do modelo leva a que aspectos positivos possam compensar os aspectos negativos. Os decisores locais e políticos envolvidos nos processos ligados ao turismo não consideram a autenticidade como um factor de atracção de turistas (Mantecón & Huete, 2008). A deterioração que está a acontecer em algumas regiões do Sul de Espanha na esfera da autenticidade são claramente compensadas pelos efeitos económicos muito positivos obtidos pelo desenvolvimento das actividades ligadas à construção. Mantecón & Huete (2008), sugerem que para se poder evoluir para um modelo mais sustentável será necessário alterar a concepção dos decisores locais, pois têm que entender que este é um modelo muito complexo de actividades diversas, rodeadas por diferentes categorias de visitantes e residentes, com interesses díspares.

As relações sociais implícitas na mobilidade internacional sofrem alterações ao longo do tempo. Williams et al (2000) examinam as mudanças que ocorrem na relação entre a emigração de reformados e o turismo, baseadas em dados recolhidos entre reformados ingleses a viver na Toscânia, Malta, Costa del Sol e Algarve. De facto, para os emigrantes reformados internacionais, o turismo tem um papel importante na procura do local para se mudarem, desde a estratégia delineada para a sua reforma, passando pelas ligações prévias ao destino, até à eventual aquisição da 2ª habitação. Este tipo de emigração orientada para o valor, conforto, conveniência e prazer, contempla processos complexos de identidade, consumo e estilo de vida itinerante que extravasam claramente as fronteiras internacionais. Assim, os emigrantes reformados que aderem ao turismo residencial, do ponto de vista das relações sociais, tornam-se participantes e ao mesmo tempo receptores de turismo através da visita de amigos e família.

O turismo residencial começa com algumas pessoas que compram 2ª habitação num local onde existem voos regulares baratos, um ambiente agradável e alguma tranquilidade, provavelmente num destino que já tinham visitado como turistas (O'Reilly, 2007).

À medida que estes estrangeiros se estabelecem naquela zona, ficam criadas as condições para que outros os possam visitar e que eventualmente os possam imitar. Estes primeiros emigrantes são, provavelmente, visitantes sazonais ou reformados, mas com o passar do tempo, começam a constituir uma comunidade de turistas residenciais. Nessa altura, outros emigrantes mais jovens decidem localizar-se nesse local para prestarem serviços vocacionados para a comunidade turística e residencial, financiando, assim, um estilo de vida que de outra forma não estaria ao seu alcance caso não tivessem algum tipo de trabalho disponível. No entanto, à medida que mais pessoas são atraídas para a área, os preços dos imóveis tendem a subir, assim como, o custo geral de vida. Quanto mais pessoas se movimentam para a região, maior é a densidade populacional, maior é o nível de poluição, maior é o tráfego nas estradas e menor é a sensação de local remoto e exótico. Ao mesmo tempo, torna-se cada vez mais difícil a integração social e cultural com a comunidade local pois a comunidade emigrante torna-se cada vez mais visível. Eventualmente, a simplicidade, o afastamento e a tranquilidade do lugar perde-se e a taxa de criminalidade aumenta, levando a que os turistas residenciais comecem a pensar em abandonar o local e que novos turistas já não sejam atraídos para a região (O'Reilly, 2007).

Assim, segundo O'Reilly (2007), para que se possam tirar as ilações necessárias, é muito importante continuar a monitorizar o que acontece com o destino que foi inicialmente desenvolvido para o turismo. Por exemplo, Marbella (Costa del Sol) tem conseguido manter o seu posicionamento de elite e os preços elevados, enquanto que, Torrevieja (Costa Blanca), com os preços da habitação em declínio e aumento das taxas de criminalidade, tornou-se num lugar em que as pessoas estão desesperadas para abandonar.

Quando se aplica a teoria do ciclo de vida do produto ao turismo em cidades no sul de Espanha, conclui-se que se não se atender a um planeamento cuidado da região, enquanto produto turístico integrado, o desenvolvimento baseado apenas do negócio imobiliário, pode levar ao esgotamento do modelo de turismo residencial (Aledo & Mazon, 2004).

Aplicando a teoria do marketing do ciclo de vida do produto ao estudo sobre a evolução e desenvolvimento dos destinos turísticos, podem identificar-se seis fases: exploração, iniciação, desenvolvimento, consolidação, estagnação e uma fase final de rejuvenescimento-recuperação ou declínio. Na fase de exploração, um pequeno número de visitantes aventureiros são atraídos para um destino devido à beleza natural ou à cultura de uma área turística inexplorada. Nesta fase o número de turistas é limitado devido à falta de acesso e instalações, a atractividade do destino turístico é grande e o contacto entre turistas e nativos é alto. Na fase inicial, o turismo actua como catalisador de iniciativas locais. Isso acaba resultando num aumento do número de visitantes e na entrada da região no mercado turístico. Surge então uma forte pressão sobre o sector público para que forneça a infra-estrutura necessária para o desenvolvimento do turismo na região. Observa-se o início da mudança no uso da terra, da agricultura para o turismo. Até esta fase, as iniciativas e o seu controle são efectuadas a nível local. Com a fase de desenvolvimento começa um período de crescimento e evolução motivado pela chegada de um grande número de visitantes que pode igualar ou até mesmo superar a população local. O controle das actividades começa então a transferir-se para empresas estrangeiras e a aparência da região altera-se, dada a construção de infra-estruturas e serviços turísticos. Os turistas começam a chegar através dos canais estabelecidos pelas grandes empresas turísticas. Nessa fase torna-se necessário, o que raramente acontece, um planeamento que controle os impactes mais negativos que a massificação do produto turístico pode originar. Na fase de consolidação, o destino está totalmente imbuído na indústria do turismo global, com os principais agentes e cadeias turísticas na área, embora a chegada de visitantes possa começar a diminuir. Finalmente, a fase de estagnação pode ser alcançada, caso este destino não tenha sido desenvolvido de forma sustentável, podendo inclusive iniciar-se um processo de declínio (Martinez & Tur, 2005).

2.2. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (CBT)

O desenvolvimento do turismo não gerido de uma forma adequada, tem o potencial de depender das desigualdades existentes e de criar desequilíbrios económicos através da comercialização das culturas locais, distribuindo os benefícios do turismo de uma forma injusta e desigual, incluindo a criação de impactes adversos sobre o ambiente.

Estes efeitos colaterais indesejáveis levam a uma preocupação crescente com a conservação e preservação dos recursos naturais, o bem-estar humano e a viabilidade económica de longo prazo das comunidades. Como consequência destas questões negativas relacionadas com o turismo de massas, surgiram formas alternativas de turismo, tais como o turismo de base comunitária (Community-Based Tourism ou CBT).

O CBT surge como uma forma de demonstrar a compatibilidade do turismo com os valores naturais, sociais e comunitários, uma vez que este tipo de turismo alternativo tem efeitos negativos menores para as regiões, para o ambiente e para a população anfitriã, sem diminuir no entanto os efeitos económicos positivos.

O desenvolvimento sustentável para o turismo de base comunitária tem como objectivo melhorar a qualidade de vida dos residentes, através da optimização dos benefícios económicos locais, protegendo o ambiente natural e construído e proporcionando uma experiência de alta qualidade ao visitante (Choi & Sirakaya, 2006).

CBT é um tipo de turismo que sendo propriedade da comunidade, é gerido pela comunidade para a comunidade, com o objectivo de permitir que os visitantes tomem consciência e aprendam sobre a comunidade e os modos de vida locais (Giampiccoli & Mtapuri, 2017).

No fundo, um projecto de turismo de base comunitária constitui uma actividade lucrativa e sustentável, que melhora o meio ambiente, enquanto agrega valor à experiência dos residentes e visitantes (George et al, 2007).

Os principais benefícios associados ao desenvolvimento do turismo de base comunitária são:

- criação de emprego local
- redução da pobreza local
- menor impacto negativo na cultura e no ambiente da região do que o exercido pelo turismo de massas
- fortalecimento da comunidade e seu orgulho próprio
- disponibilidade de receitas para manter ou melhorar os activos culturais da comunidade

De facto, segundo o estudo de Mathew & Sreejesh (2017), as práticas de turismo responsável e sustentável, têm um impacto positivo na percepção da comunidade local sobre a sustentabilidade do destino e sobre a sua qualidade de vida, medida pelo bem estar comunitário, pelo bem estar emocional e pelo bem estar de saúde e segurança. Também Kim et al (2013) encontraram evidências que os residentes em destinos turísticos têm a percepção que a actividade turística tem impacto económico, social, cultural e ambiental nas suas comunidades, bem como, tem impacto na sua percepção de bem estar em vários domínios da vida, tais como, vida material, vida comunitária, vida emocional, saúde e segurança, ou seja, influencia as suas percepções sobre a satisfação com a vida comunitária em geral.

Segundo George et al (2007), algumas das características mais relevantes duma iniciativa de CBT passam por:

- Envolver directamente a comunidade - proporcionando benefícios sociais e económicos
- Satisfazer as expectativas dos consumidores sem prejudicar os interesses da comunidade
- Focar no mercado, cumprindo elevados padrões de qualidade para ser sustentável
- Poder ser propriedade de empresários privados, de grupos comunitários e/ou de organizações, mas visando sempre, educar, treinar, desenvolver, incentivar e utilizar quaisquer habilidades e potencial humano existente dentro da comunidade, com vista à prestação de serviços profissionais
- Atender aos regulamentos governamentais, obrigações financeiras, boas relações de trabalho e sistemas de gestão saudáveis, na condução dos negócios
- Garantir que os proprietários/organizações compreendem as oportunidades, ameaças e

- riscos, demonstrando a viabilidade a longo prazo do projecto
- Colocar como prioridade máxima a sensibilização para o ambiente e para a sustentabilidade, sendo responsabilidade da comunidade manter ambientes limpos e saudáveis
 - Fomentar a simpatia, honestidade e profissionalismo dentro da comunidade, bem como, nas suas relações com o visitante, para garantir a integridade do projecto

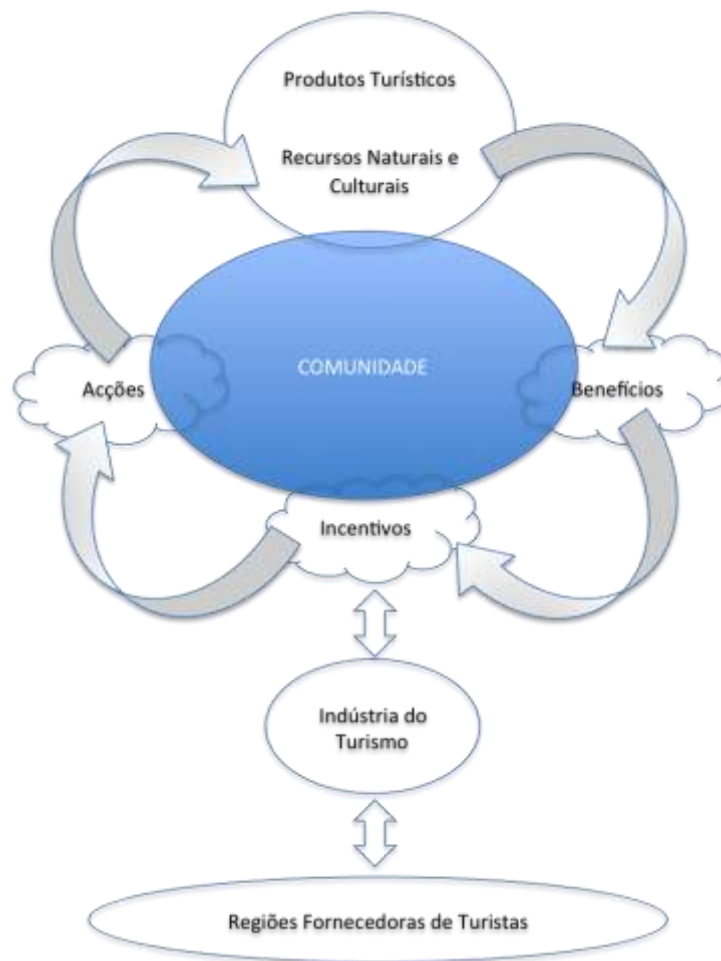
Blackstok (2005) identificou três debilidades normalmente existentes nas abordagens ao CBT e que devem ser tidas em conta para que o envolvimento da comunidade tenha um papel importante a desempenhar na evolução turismo local. Em primeiro lugar, há uma tendência para se adoptar uma abordagem funcional do envolvimento da população não permitindo que a comunidade tenha o poder de decisão sobre a opção do turismo como ferramenta de desenvolvimento local. Em segundo lugar, há uma tendência para se tratar a comunidade anfitriã como um conjunto homogéneo, quando na realidade podem existir várias vozes dentro da comunidade. E em terceiro lugar, há uma tendência para se negligenciar as barreiras regionais ou mesmo nacionais, i.e., as restrições estruturais ao controle local, causadas pela indústria do turismo que estando focada na maximização do lucro tem ligações a nível nacional e consequentemente tem poder de influência.

A fundamentação base da abordagem e objectivos do CBT para a sustentabilidade dum destino turístico assenta no reconhecimento de que através do aumento da intensidade de participação da comunidade, é possível, por um lado, proporcionar amplos benefícios económicos e sociais para a região e, por outro, dar poder de decisão à comunidade na gestão do património natural e cultural (George et al, 2007).

Nesta relação, os benefícios económicos actuam como um incentivo para os participantes e, simultaneamente, como um meio para conservar os recursos naturais e culturais.

Figura 2

Relacionamento dos recursos e acções no CBT



Fonte: Adaptado de George et al (2007)

Este modelo coloca a comunidade no centro, ocupando a posição de comando na gestão dos seus recursos naturais e culturais que podem vir a ser constituídos como produtos turísticos (Figura 2). A comunidade tem, assim, um papel relevante de intermediação, não permitindo um relacionamento directo entre a indústria do turismo e os produtos turísticos desenvolvidos a partir dos recursos naturais e culturais da região, assegurando que as aspirações da comunidade nunca sejam contornadas pelos interesses externos da indústria (George et al, 2007).

A sustentabilidade do CBT apenas pode ser assegurada enquanto a relação custo/benefício for interessante para cada um dos principais grupos envolvidos, i.e., a própria comunidade, os turistas e a indústria do turismo. Se a condição essencial de sucesso do turismo de base comunitária, é que o benefício máximo com o menor custo vá para a comunidade, não se pode no entanto negligenciar os restantes participantes.

Os turistas só escolhem um destino de turismo de base comunitária se os benefícios percebidos forem superiores aos custos envolvidos e a única forma de evitar que a indústria do turismo perca o interesse na região ou que se mova através de práticas insustentáveis, é permitindo que os benefícios da indústria sejam significativamente superiores aos seus custos.

Existem várias iniciativas de turismo alternativo espalhadas pelo mundo, que têm como objectivo gerar formas sustentáveis de turismo ao nível comunitário. Apesar destes projectos terem em comum serem geridos pela comunidade, as temáticas de turismo que sustentam estas iniciativas podem ser muito diversas. Por exemplo, o turismo voluntário em Solheimar, o turismo de natureza na Ilha de Coron ou o turismo de experiência na Prainha do Canto Verde.

Solheimar é uma aldeia ecológica situada no sudoeste da Islândia, que atrai mais de 30 mil visitantes por ano e que foi fundada em 1930 por Sesselja Sigmundsdóttir como um meio para ajudar crianças órfãs mentalmente incapacitadas, criando-se para o efeito um espaço onde elas se pudessem desenvolver, promovendo a interacção do indivíduo e o meio ambiente, dando a todos os indivíduos uma oportunidade justa para maximizar o seu potencial. A administração da comunidade Solheimar, através do centro educacional, convida estagiários por conta própria e aceita voluntários de diferentes programas externos para participar nas suas actividades sociais, ambientais e económicas por períodos que variam de algumas semanas até um ano completo (Prince & Ioannides, 2017).

Os Tagbanua foram, em 1998, o primeiro povo indígena das Filipinas a receber direitos de terra, o que lhes permitiu desenvolver um projecto de turismo de base comunitária, sendo actualmente um dos principais destinos turísticos da sua região, que é considerada uma referência mundial para a prática de mergulho (scuba diving). Para esse efeito, criaram uma organização comunitária, a Fundação Tagbanua para a Ilha de Coron (TFCI), que desenvolveu o plano director dos domínios ancestrais, incluindo a gestão turística da ilha. Através desta iniciativa foram definidas taxas de admissão de entrada que são cobradas aos turistas que pretendam visitar

a ilha e foram estabelecidas patrulhas compostas por membros da comunidade para controlar as actividades turísticas garantindo a protecção do ambiente natural e a cultura local (Okazaki, 2008).

A comunidade de Prainha do Canto Verde, no Brasil, oferece aos visitantes a tranquilidade da natureza de uma pequena vila de pescadores, que preserva o meio ambiente, destinando-se a turistas interessados em aprender sobre a cultura e tradição da pesca artesanal da lagosta. Através da Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde, a comunidade como um todo, para além de decidir avançar com a implementação do projecto de CBT, conseguiu em 2009, ao final de mais 30 anos de disputa, criar a Reserva Extractivista da Prainha do Canto Verde, que concede a exploração e a propriedade de terra à comunidade, não permitindo que sejam efectuadas novas construções ou venda de casas, garantindo a sobrevivência e manutenção da sua cultura, a preservação do meio ambiente e o uso sustentável dos recursos naturais (Hallack et al, 2011).

Os projectos de turismo referidos anteriormente, apesar de terem dimensões, características, localizações, idades e enquadramentos legais diferentes, têm como objectivo comum contribuir para a sustentabilidade da comunidade onde estão a ser implementados. Estas diferentes experiências permitem evidenciar a complexidade associada ao turismo de base comunitária e antecipar que as fontes de conflito e de dificuldades são inúmeras em iniciativas desta natureza.

Na realidade, se a iniciativa de CBT não for bem gerida e executada com o envolvimento da comunidade, num abordagem de baixo para cima, os risco de conflitos de interesse e de exclusão social são iminentes (Lindström & Larson, 2016).

Prince & Ioannides (2017) apontam que, apesar do sucesso de Solheimar, para que o turismo alternativo se possa transformar numa ferramenta de desenvolvimento sustentável de comunidades é necessário haver um investimento forte na formação e na transmissão de conhecimento, envolvendo voluntários e anfitriões, em áreas como resolução de conflitos, reflexão crítica e comunicação cultural durante a experiência turística. A complexidade da implementação de uma iniciativa de CBT, obriga a uma profunda conceptualização do modelo de forma a acomodar as expectativas de todas as partes envolvidas.

Okazaki (2008) sublinha que os elementos cruciais para o sucesso do turismo de base comunitária incluem a participação da comunidade, a distribuição de poder e os processos de

colaboração, afirmando que dificilmente será possível criar um padrão base de desenvolvimento do CBT porque os processos e resultados de um caso particular são dependentes dos factores únicos daquela situação. Nesse sentido, desenvolveu um modelo para medir e avaliar a posição de uma comunidade em relação à sua participação no turismo e dessa forma determinar os passos necessários que permitam avançar com uma iniciativa de CBT.

Hallack et al (2011) sustentam que o CBT é um processo complexo e que a implementação per si de uma iniciativa deste tipo não garante o seu sucesso e a sua viabilidade, pelo que defendem que o turismo sustentável não pode ser visto como uma característica do projecto de CBT mas sim como o objectivo principal a alcançar com a sua realização.

A definição, implementação e manutenção de uma iniciativa de turismo de base comunitária é em si mesma um processo complexo que tem de ser realizado de forma sistemática para que nada seja deixado ao acaso.

Desta forma, George et al (2007) sugerem uma metodologia baseada em 6 passos para se desenvolver o turismo de base comunitária num determinado destino:

Passo 1. Conhecer e compreender a comunidade

Obtenção de informações que conduzam a uma compreensão detalhada da comunidade. Um estudo detalhado do contexto do destino inclui informações sobre a comunidade, recolhidas através das organizações que lá trabalham, das agências governamentais, de outras comunidades na região e dos próprios membros da comunidade.

Passo 2. Realizar estudo de viabilidade com a comunidade

A comunidade, como um todo, tem de estar totalmente envolvida no processo de decisão sobre a vontade de se envolver ou não numa iniciativa deste tipo. É muito importante que todas as vozes dentro da comunidade se possam fazer ouvir, sendo indispensável haver total abertura e honestidade sobre as limitações da comunidade. Para se conseguir um consenso alargado na comunidade, a informação e os dados têm que ser estudados em conjunto com os diversos intervenientes, públicos e privados, individuais e colectivos. Durante este processo, a comunidade será estimulada a pensar sobre as razões e motivações para o desenvolvimento do turismo de base comunitária:

- Aumentar receitas?
- Diminuir o desemprego?
- Preservar a cultura?
- Conservar os recursos naturais?
- Trazer mais conhecimento e habilidades para a comunidade?

Passo 3. Criar plano de acção

O processo de planeamento só deverá ser iniciado, após a existência dum consenso alargado sobre a decisão de se avançar para o CBT e deverá considerar questões como:

- Programas para turistas;
- Serviços a serem fornecidos;
- Desenvolvimento de instalações e infra-estruturas;
- Necessidades de formação;
- Capacidade de carga;
- Plano de marketing e estratégia
- Acordos com agências externas ou operadores turísticos
- Plano de monitorização e avaliação que inclua os indicadores relevantes

Passo 4. Configurar sistema administrativo

Criar uma associação de membros representativos da comunidade de forma a gerir efectivamente o CBT e evitar que surjam conflitos, confusões e suspeitas dentro da comunidade.

Esta organização administrativa deverá ter em atenção os seguintes pontos:

- Nível de participação dos membros da comunidade;
- Divisão dos papéis na operação turística;
- Divisão de benefícios;
- Transparência da gestão;
- Medidas para controlar os impactes económicos e sociais;

- Medidas para controlar os impactes naturais e culturais;
- Cooperação e comunicação com parceiros públicos e privados.

Passo 5. Preparar as bases da actividade turística

Para que o projecto de turismo de base comunitária possa entrar em plena operação, a comunidade e seus parceiros necessitam primeiro de:

- adquirir competências e conhecimentos para o desenrolar da actividade através de formação especializada (habilitações para guia turístico, aprendizagem de línguas, preparação de alimentos, serviço de limpezas, etc.)
- elaborar os conteúdos de marketing (apresentar os conteúdos educacionais dos programas turísticos, as informações sobre a própria comunidade para partilhar com os turistas)
- conceber e construir as infra-estruturas (alojamentos comunitários, sistemas de fornecimento de água e de energia, esgotos, etc.)
- colocar em funcionamento os equipamentos necessários (instalações sanitárias, trilhos, etc.).

Passo 6. Estabelecer sistema de monitorização e avaliação

A monitorização e avaliação é um processo participativo que começa quando a CBT está em pleno funcionamento, contribuindo para identificar problemas, impactes e benefícios, bem como, para garantir a sua sustentabilidade.

Para esse efeito, torna-se essencial a recolha de informações, junto dos turistas e dos membros da comunidade e através dos dados obtidos nas inspeções físicas das infra-estruturas e do ambiente, que permitam controlar aspectos como:

- Impactes ambientais
- Impactes económicos
- Impactes culturais
- Impactes sociais

- Eficácia do CBT como ferramenta de desenvolvimento

Todas as partes interessadas devem desempenhar um papel na recolha de dados, na assistência à análise e nas acções a tomar no seguimento da avaliação, pois só assim será possível garantir que o turismo de base comunitária está a atingir o seu objectivo, a sustentabilidade da comunidade.

Choi e Sirakaya (2006) defendem que o turismo sustentável compreende seis dimensões. Para além das dimensões tradicionais, económica, social, e ambiental, incluem duas dimensões adicionais, política e tecnológica e desagregam a dimensão social em duas, social e cultural. Por isso, apresentam as dimensões económica, social, cultural, ambiental, política e tecnológica.

A sustentabilidade, se vista como um fenómeno social, cultural, económico, ambiental, tecnológico e político, deve ser estudada dentro de um quadro de planeamento abrangente apoiado por uma pesquisa interdisciplinar, pela gestão e monitorização do processo e pelas reacções e comentários dos diversos intervenientes. Se os líderes dos sectores público e privado concordarem que a sustentabilidade constitui em si própria a meta final da comunidade, então o foco do debate deve mudar para a elaboração e monitorização de indicadores de sustentabilidade para a região. Os critérios de sustentabilidade necessitam ser adaptados a cada comunidade consoante as características e circunstâncias distintivas da região, conduzindo, por isso, a diferentes abordagens.

Para concretizar este conceito a nível local, é indispensável um conjunto eficaz de indicadores de sustentabilidade que envolvam as 6 dimensões do turismo sustentável. Choi e Sirakaya (2006) sugerem um conjunto de indicadores de sustentabilidade que servem como ferramenta de apoio ao planeamento do turismo sustentável em comunidades rurais. Nos Quadros A1 a A6, do Apêndice A, apresentam-se os indicadores de sustentabilidade para o desenvolvimento do CBT relativos às seis dimensões, económica, social, cultural, ambiental, política e tecnológica.

Tendo como objectivo a sustentabilidade, cada comunidade necessita então de considerar e adoptar apenas os indicadores necessários para monitorizar o desenvolvimento do turismo na sua região. A monitorização do impacte do turismo ao nível local é de extrema importância porque o turismo acontece na comunidade, com a comunidade.

2.3. IMPACTE DA PROCURA, DO NÍVEL ORGANIZACIONAL E DA COMPETITIVIDADE NA SUSTENTABILIDADE DO DESTINO

i) Nível da procura do destino

Um destino turístico é um espaço físico, natural ou construído, onde um turista permanece pelo menos uma noite, motivado pelos seus recursos culturais ou naturais e que tanto pode ser um resort ou uma cidade particular, uma região dentro de um país, todo um país ou mesmo uma área maior do mundo (UNWTO, 2010). Assenta normalmente numa estrutura coerente de oferta de produtos e serviços turísticos, coordenada por uma ou mais entidades ou organizações, que tem associada uma determinada imagem de conjunto, sendo promovido de uma forma integrada e sob uma marca distintiva, apresentando uma identidade própria e características turísticas que atraem os turistas, razão da sua existência (EC, 2003).

O sucesso de um destino turístico na atracção de turistas depende da qualidade de três características essenciais: atracções, comodidades e acessibilidades.

Quanto mais atracções um destino oferecer, mais fácil se torna comercializar esse destino para o turista. Muitas atracções de um destino dependem de suas características físicas, tais como: a beleza da paisagem e da natureza, o ar fresco de uma estância balnear, as qualidades de uma praia ou o património arquitectónico e histórico duma cidade. Podem também depender doutras características, tais como: as oferta de comércio e oportunidades de entretenimento, a gastronomia, o artesanato ou mesmo a atmosfera acolhedora de uma pequena localidade rural (Holloway et al, 2009).

As comodidades constituem os serviços essenciais que atendem às necessidades do turista. Estas incluem alojamento e comida, transportes locais, centros de informação e as infra-estruturas necessárias para apoiar o turismo, tais como, estradas e estacionamento, serviços de utilidade pública, serviços de saúde, serviços financeiros e serviços informáticos.

Um destino turístico tem também de ser acessível para facilitar a visita de turistas. Isto significa, no caso de viagens internacionais, ter um bom transporte aéreo próximo, regular e conveniente para a região a um preço acessível e boas ligações locais para o próprio destino, quer sejam

rodoviárias ou ferroviárias.

Grande parte da atracção de um destino é intangível e depende muito da sua imagem, tal como é percebida pelo turista (Holloway et al, 2009). A imagem de um destino relaciona-se com uma série de atributos físicos, como as atracções e comodidades, juntamente com percepções aliadas ao destino, que incluem atributos menos tangíveis, como a hospitalidade da comunidade, a atmosfera vivida, as sensações geradas ou outras emoções estimuladas pelo lugar.

São estes atributos que irão influenciar o regresso dos turistas ao local, sendo este um grupo vital para qualquer destino turístico porque captar novos turistas torna-se mais dispendioso do que manter os turistas habituais e fazê-los retornar outras vezes (EC, 2003).

À medida que a procura do destino aumenta e a actividade turística se desenvolve de forma a acompanhar esse aumento, é importante perceber se a população local é a grande beneficiária dessas externalidades, sem que isso afecte o interesse da indústria do turismo na região de forma a garantir a sustentabilidade do destino.

Para não se cair numa abordagem estreita, centrada no turismo, que interpreta o turismo sustentável como a viabilidade económica da indústria a longo prazo, é necessário que a actividade ligada ao turismo seja parte de uma estratégia de desenvolvimento sustentável, na qual a sustentabilidade é definida com base em todo o sistema humano / ambiente, em que a conservação ambiental, a eficiência económica e equidade social são igualmente importantes e desejadas (Farsari et al, 2007).

ii) Nível organizacional do destino

Qualquer região no mundo pode ser dotada de recursos ou actividades que podem ser utilizados como atracção turística e permitir o desenvolvimento de actividades turísticas. Contudo, de acordo com Cunha (2008), se o potencial de desenvolvimento turístico de um determinado local depende dos seus recursos, o seu crescimento depende da capacidade de os valorizar e da capacidade de criar novos factores de atracção. Pelo que é essencial a existência de um equilíbrio, por um lado, na optimização entre o local e os seus recursos e por outro na organização empresarial e no processo de exploração.

Estas actividades turísticas podem surgir através de iniciativas informais que não seguiram

nenhum plano e que a pouco e pouco vão alterando o espaço inicial ou podem surgir através de uma decisão estratégica para se organizar um lugar com o objectivo de atrair pessoas que venham obter novas experiências e que estabeleçam temporariamente vivências e relações diferentes das do seu quotidiano no local de residência (Cunha, 2008). Em qualquer dos casos, as transformações efectuadas no território criam novas relações, provocam alterações nas suas características e levam ao aparecimento de novas actividades de que resulta uma nova estruturação espacial.

Para a criação de um destino, para além dos recursos turísticos, são também necessários os recursos administrativos constituídos pelas políticas e regulamentação, os recursos produtivos constituídos pelas empresas e outros agentes e as inter-relações e efeitos produzidos constituídos pelas novas realidades paisagísticas, transformações territoriais e percepções (Cunha, 2008). Assim, neste processo existe um conjunto alargado de intervenientes, que vão desde as empresas ligadas à indústria do turismo, como de alojamento, restauração e de entretenimento, até ao sector público, a quem cabe criar as condições físicas e legais, através da definição de políticas a aplicar, efectuar a regulação do mercado e garantir a sua acessibilidade e segurança.

A necessidade de garantir o desenvolvimento sustentável e de evitar a utilização excessiva dos recursos provocando o seu desgaste, torna indispensável a existência de avaliações rigorosas que permitam gerir com maior eficácia os produtos turísticos e os destinos (Cunha, 2008).

À medida que o turismo residencial se vai desenvolvendo, a comunidade local tem que se adaptar à nova realidade, o que provoca necessariamente novas formas organizacionais, quer ao nível dos serviços e produtos disponibilizados, quer ao nível das comodidades e das acessibilidades.

Importa por isso perceber como é que o turismo residencial influencia a organização da comunidade e se a forma como a comunidade se organizou contribuiu para o desenvolvimento sustentável do destino.

iii) Nível de competitividade do destino

A actividade turística para que se desenvolva de uma forma sustentável, satisfazendo os turistas, a indústria do turismo e a população residente, tem que conjugar de uma forma equilibrada e convergente, embora limitada por restrições legais, culturais e éticas, alguns princípios:

- Os custos suportados pelos turistas e a sua satisfação
- Os lucros das entidades que oferecem produtos e serviços turísticos
- Os governos e as comunidades locais que procuram maximizar os benefícios das despesas dos turistas e do desenvolvimento criado.

Para esse desenvolvimento é necessário que o destino forneça experiências de valor aos turistas, sendo também fundamental que as várias partes envolvidas, públicas e privadas, entendam os turistas tanto quanto possível. Apenas compreendendo as motivações do turista, bem como os vários factores que influenciaram a sua escolha, será possível, satisfazer as necessidades dos turistas, desenvolvendo as atracções, comodidades e acessibilidades, de modo a tornar o destino único e atractivo, dentro de uma variedade de opções à escala cada vez mais universal e competitiva (Goeldner & Ritchie, 2012). Actualmente a competitividade é uma realidade transversal a todas as actividades, em que ser competitivo passou a ser uma necessidade elementar para a sobrevivência dos países, organizações e pessoas. Assim, também no turismo, competitividade significa a existência de concorrentes que oferecem alternativas visando a concretização de objectivos idênticos.

Tendo em conta os aspectos da experiência turística considerados importantes pelos turistas, Dwyer & Kim (2003) observam que a competitividade do destino está ligada à capacidade para disponibilizar produtos e serviços que tenham melhores resultados do que outros locais.

No entanto, nem todas as influências sobre a competitividade são objectivamente quantificáveis. De facto, no contexto do turismo, existe uma distinção importante entre aquilo que envolve a realidade da situação, conforme indicado por medidas objectivas de competitividade (preços, taxa de criminalidade envolvendo turistas como vítimas, etc.) e as percepções dos viajantes (nível relativo dos preços, segurança, níveis de conforto, apelo estético de diferentes tipos de recursos turísticos, etc.).

Neste contexto, Dwyer & Kim (2003) consideram que a vantagem comparativa do destino está relacionada com os seus recursos naturais e culturais, tais como, clima, paisagem, flora, fauna, património arquitectónico, gastronomia, tradições, história, etc., enquanto que a sua vantagem competitiva se relaciona com os recursos criados, tais como a infra-estrutura turística (hotéis, atracções, rede de transporte), festivais e eventos, a qualidade da gestão, as competências das

pessoas, as políticas públicas, a hospitalidade da comunidade local, etc.

Se por um lado, a despesa realizada pelos turistas abrange uma variedade considerável de produtos que vão desde os serviços de transporte ao alojamento, passando pelas refeições, vestuário, artesanato, produtos alimentares, equipamentos desportivos, espectáculos e museus, entre outros, por outro lado, a competitividade do destino depende em grande parte da existência de uma indústria de turismo local, consistindo na existência de numerosos fornecedores alternativos que têm de sobreviver na base da oferta de serviços únicos ou de qualidade superior ou que estejam disponíveis a um preço menor, na medida em que para um destino sobreviver os negócios tem de ser sustentáveis.

O desenvolvimento sustentável dos negócios significa adoptar estratégias e actividades empresariais que atendam às necessidades correntes da empresa e das partes envolvidas, enquanto protegem, sustentam e aperfeiçoam os recursos humanos e naturais que serão necessários no futuro (Dwyer & Kim, 2003).

Assim, pode considerar-se que competitividade é a capacidade do destino para criar e integrar produtos de valor acrescentado que sustentem os seus recursos, naturais e construídos, mantendo a posição de mercado em relação aos destinos concorrentes (Hassan, 2000 citado por Dwyer & Kim, 2003).

Se o grande objectivo da competitividade é manter e aumentar o rendimento real dos cidadãos, o que geralmente se reflecte no padrão de vida da comunidade, em termos absolutos o destino mais competitivo é aquele que resulta no maior sucesso para a sua população, i.e., aquele que gere maior bem-estar para os seus moradores de uma forma sustentável, pois sem sustentabilidade a competitividade é ilusória (Ritchie & Crouch, 2000, citado por Dwyer & Kim, 2003). De facto, para ser competitivo, o desenvolvimento de um destino do turismo necessita ser sustentável, não apenas economicamente, não apenas ecologicamente, mas também socialmente, culturalmente e politicamente.

Assim, o destino mais competitivo é o que mais efectivamente cria bem-estar sustentável para os seus residentes (Ritchie & Crouch, 2000, citado por Dwyer & Kim, 2003).

3. METODOLOGIA

O presente estudo tem como finalidade conhecer as percepções de membros da comunidade sobre o impacto do nível da procura, do nível organizacional e do nível de competitividade do destino na sustentabilidade da comunidade e dessa forma validar o modelo integrado proposto, o turismo residencial de base comunitária.

Este capítulo está organizado em quatro secções. Na primeira secção fundamenta-se a metodologia de investigação utilizada neste trabalho.

Na segunda secção caracterizam-se os participantes deste trabalho, nomeadamente os membros da comunidade em estudo.

Na terceira secção descrevem-se os instrumentos para a recolha de dados, nomeadamente a entrevista, a observação e os dados estatísticos.

Na quarta secção apresenta-se o método de análise de dados utilizado e as categorias de análise que emergiram dos dados recolhidos.

3.1. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Neste trabalho adoptou-se uma metodologia de carácter qualitativo, uma vez que se pretende com o recurso a técnicas interpretativas descobrir, descodificar e traduzir uma realidade socioeconómica, chegando a um significado consensual (Cooper, 2014).

Tendo em conta a questão de partida, entendeu-se que o recurso a métodos qualitativos fariam mais sentido que métodos quantitativos. Uma vez que o objectivo do estudo é entender as características que conduzem à sustentabilidade da comunidade, dificilmente se conseguiria seleccionar uma amostra representativa que permitisse fazer uma generalização da realidade dos destinos de turismo residencial de base comunitária dadas as inúmeras variáveis envolvidas.

Optar por um método quantitativo implicaria seleccionar uma amostra verdadeiramente aleatória e estatisticamente representativa, que permitisse fazer uma generalização confiante a partir da amostra para uma população maior (Patton, 2002).

Assim, entendeu-se optar por uma estratégia de amostragem intensa que, de acordo com Patton (2002), consiste em seleccionar um caso rico em informação que apresente características intensas (mas não extremas) do fenómeno que se pretende analisar e estudá-lo em profundidade.

Sendo o objectivo desta investigação identificar características dum projecto de turismo residencial enquadrado numa iniciativa de base comunitária, optou-se por escolher um destino e analisá-lo em detalhe.

Na investigação qualitativa não existem regras sobre a dimensão da amostra. Patton (2002) afirma que a dimensão da amostra deve ser adequada consoante o objectivo e utilidade da investigação, a credibilidade dos resultados alcançados e o tempo e recursos disponíveis.

Uma forma comum de investigação utilizada nas ciências sociais é o estudo de caso. De acordo com Yin (2009) o recurso a este método, deve ser feito quando se verificam 3 condições:

- o tipo de pergunta de investigação, tipicamente para responder a questões de “como” (processo) ou “porquê” (significado)
- a extensão do controle sobre o evento, tipicamente o investigador não tem possibilidade de controlar os eventos
- as circunstâncias do fenómeno a ser estudado, tipicamente fenómenos contemporâneos num contexto real

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga em profundidade um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto real, particularmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não são claramente evidentes. É especialmente adequado para estudar fenómenos sociais complexos (Yin, 2009).

O estudo de caso permite uma análise aprofundada do tópico usando múltiplas fontes de evidência. Sendo ricamente descritivo, é um bom instrumento para mostrar como algo acontece numa situação da vida real, ajudando a compreender uma questão complexa (Patton, 2002; Yin, 2009).

3.2. PARTICIPANTES

Para este estudo de caso, identificou-se um destino turístico, onde o turismo residencial se desenvolveu nos últimos anos suportado pelo envolvimento consciente e activo da comunidade onde se insere.

Santo Estevão é uma aldeia do concelho de Benavente, no distrito de Santarém, com cerca de 2000 habitantes, que está localizada na margem sul do rio Tejo a cerca de 35 km de Vila Franca de Xira e a 60 km de Lisboa e que conheceu nos últimos 25 anos um forte desenvolvimento do turismo residencial ou de 2ª habitação. De acordo com o último censo, em 2011, 64% das habitações usadas como residência secundária foram construídas entre 2006 e 2011 (Tabela 1).

Tabela 1

Distribuição das residências secundárias consoante o ano de construção (em 2011)

| Época de construção | Até 1995 | 1996 - 2011 |
|---------------------|----------|-------------|
| | 36% | 64% |

Fonte: Instituto Nacional de Estatística [INE], 2018

Este destino caracteriza-se pelo papel relevante do turismo residencial na oferta turística local com o envolvimento efectivo da comunidade e na contribuição para o desenvolvimento sustentável da aldeia, medido pela qualidade de vida da população residente e visitante.

Para efeito do presente estudo, consideraram-se 4 categorias de membros da comunidade:

- i) Residentes permanentes – pessoas que habitam na aldeia, que abrange dois subgrupos, o dos que ali nasceram (nativos) e o dos que se mudaram por opção própria (adoptivos)
- ii) Turistas residenciais – pessoas que adquiriram um imóvel na zona e que o usam como 2ª habitação
- iii) Entidades privadas – pessoas ligadas ao sector privado, nomeadamente empresários que desenvolvem actividades de comércio ou de serviços
- iv) Autoridades – pessoas ligadas ao poder local, nomeadamente o Presidente da Junta de Freguesia de Santo Estevão e o Presidente da Câmara Municipal de Benavente

Assim, entre os dias 19 de Outubro e 28 de Novembro de 2017, foram entrevistadas um total de 25 pessoas, sendo 10 residentes permanentes, 8 turistas residenciais, 5 pessoas ligadas ao sector privado e 2 pessoas ligadas ao poder local.

A escolha dos entrevistados não seguiu nenhum método específico, tentando-se apenas apanhar uma amostra o mais diversificada possível. As pessoas, com excepção das autoridades, foram abordadas na rua, no café ou nas lojas e após uma breve introdução ao tema foi-lhes solicitada a possibilidade de responderem a uma entrevista.

É de salientar, que por questões éticas e de confidencialidade dos dados, recorre-se ao anonimato dos entrevistados, pelo que sempre que seja necessário mencionar o nome de algum membro da comunidade recorre-se ao uso duma etiqueta numerada (E1, E2, etc.), que foi atribuída pela ordem em que foram realizadas as entrevistas. Apresenta-se na Tabela 2, o perfil demográfico do grupo de entrevistados.

Tabela 2

Perfil demográfico das pessoas entrevistadas

| | | | | |
|---------------------------|---------------------|---------------------|----------------------------|--------------------------|
| IDADE | < 40 | 40-50 | 51-60 | > 60 |
| | 4% | 36% | 36% | 24% |
| SEXO | Masculino | Feminino | | |
| | 52% | 48% | | |
| HABILITAÇÕES | < 12º ano | 12º Ano | Licenciatura | > Licenciatura |
| | 4% | 32% | 60% | 4% |
| OCUPAÇÃO | Empresário | Profissional | Funcionário público | Reformado |
| | 48% | 28% | 12% | 12% |
| ANOS DE RESIDÊNCIA | < 1 | 1-10 | 11-20 | > 20 |
| | 20% | 20% | 24% | 36% |
| NACIONALIDADE | Espanha | França | Portugal | E.U.A |
| | 4% | 4% | 88% | 4% |

De notar que, como a segunda parte do guião das entrevistas foi adaptado para cada categoria de membros, há pessoas que se enquadram em mais do que uma categoria, pelo que o número de entrevistados por categoria foram na realidade: 13 residentes permanentes (6 pessoas que nasceram em Santo Estevão e 7 pessoas que escolheram este local para viverem), 8 turistas

residenciais, 7 pessoas ligadas ao sector privado e 2 pessoas ligadas ao poder local.

Saliente-se que o perfil demográfico das categorias de entrevistados, residentes permanentes e turistas residenciais, é muito semelhante como se pode verificar na tabela seguinte:

Tabela 3

Perfil demográfico por categoria – Residentes permanentes e turistas residenciais

| | Residentes permanentes | Turistas residenciais |
|---------------------------|------------------------|-----------------------|
| IDADE | | |
| < 40 | 8% | |
| 40-50 | 38% | 25% |
| 51-60 | 31% | 38% |
| > 60 | 23% | 38% |
| SEXO | | |
| Masculino | 31% | 75% |
| Feminino | 69% | 25% |
| HABILITAÇÕES | | |
| < 12º ano | 8% | |
| 12º Ano | 39% | 13% |
| Licenciatura | 46% | 88% |
| > Licenciatura | 8% | |
| OCUPAÇÃO | | |
| Empresário | 46% | 63% |
| Profissional | 23% | 25% |
| Funcionário público | 15% | |
| Reformado | 15% | 13% |
| ANOS DE RESIDÊNCIA | | |
| < 1 | | 13% |
| 1-10 | 15% | 38% |
| 11-20 | 23% | 50% |
| > 20 | 62% | |

Olhando para a categoria dos residentes permanentes, considerou-se que existem duas subcategorias de pessoas que podem ter percepções diferentes sobre o tema em estudo. Por um lado, existem os habitantes nativos, aqueles que são naturais da aldeia e que têm aí as suas raízes

familiares e por outro, existem os habitantes adoptivos, aqueles que decidiram mudar-se para Santo Estevão e adoptaram a aldeia como residência permanente em determinada fase das suas vidas. Em termos de perfil demográfico, os dois subgrupos são muito semelhantes tal como se pode verificar na tabela seguinte:

Tabela 4

Perfil demográfico dos residentes permanentes – Nativos e adoptivos

| | Nativos | Adoptivos |
|---------------------------|---------|-----------|
| IDADE | | |
| < 40 | 17% | |
| 40-50 | 50% | 29% |
| 51-60 | 33% | 29% |
| > 60 | | 43% |
| SEXO | | |
| Masculino | 17% | 43% |
| Feminino | 83% | 57% |
| HABILITAÇÕES | | |
| < 12º ano | 17% | |
| 12º Ano | 67% | 14% |
| Licenciatura | 17% | 71% |
| > Licenciatura | | 14% |
| OCUPAÇÃO | | |
| Empresário | 50% | 43% |
| Profissional | 17% | 29% |
| Funcionário público | 33% | |
| Reformado | | 29% |
| ANOS DE RESIDÊNCIA | | |
| < 1 | | |
| 1-10 | | 29% |
| 11-20 | | 43% |
| > 20 | 100% | 29% |

3.3. RECOLHA DE DADOS

A utilização de múltiplas fontes de informação com recurso à triangulação de dados, aumenta a credibilidade dum estudo qualitativo. Este procedimento visa validar e dar credibilidade aos dados recolhidos. Patton (2002) identifica três tipos de métodos para a recolha de dados qualitativos, entrevistas abertas e detalhadas, observação directa e documentos escritos.

De acordo com Patton (2002), há uma parte da análise qualitativa que é altamente criativa dependendo dos estímulos e das capacidades conceptuais do investigador. Mas há também um lado técnico da análise que é analiticamente rigoroso, mentalmente replicável e explicitamente sistemático. Nesse sentido, o investigador tem a obrigação de reportar detalhes suficientes acerca da recolha de dados e acerca do processo de análise, que permita a outros julgar a qualidade do produto resultante.

Assim, no presente estudo de caso recorreu-se a três fontes de informação:

- i) Análise documental de dados estatísticos recolhidos junto dos órgãos competentes (Instituto Nacional de Estatística e Câmara Municipal)
- ii) Realização de entrevistas abertas a membros da comunidade. As entrevistas foram gravadas em formato áudio para permitir uma posterior análise dos conteúdos recolhidos
- iii) Observação directa não estruturada das reacções e emoções das pessoas durante os contactos efectuados

O guião de entrevista foi estruturado em duas partes, com perguntas abertas, com o objectivo de se captar a percepção das pessoas sobre o impacte do turismo residencial na sustentabilidade da comunidade, o que se traduz na percepção geral que têm da sua qualidade de vida.

Na primeira parte da entrevista abordam-se as questões relacionadas com as variáveis independentes (procura, organização e competitividade) e na segunda parte abordam-se as questões relacionadas com a variável dependente (sustentabilidade). No caso das variáveis independentes, as questões colocadas são iguais para todos os entrevistados. Já em relação à segunda parte da entrevista, as questões foram adaptadas para cada categoria de membro da comunidade. Nos Quadros B1 a B5 do Apêndice B, apresentam-se os guiões mencionados.

3.4. ANÁLISE DE DADOS

Após a consulta da informação recolhida, efectua-se uma análise interpretativa dos dados, com o objectivo de criar conhecimento sobre a características específicas desta realidade e contribuir, dessa forma, para que outros projectos actuais e futuros possam beneficiar dos atributos positivos associados ao caso em estudo.

Neste estudo qualitativo, pretende-se conhecer as percepções das pessoas sobre as mudanças que ocorreram num determinado local ao longo do tempo motivados por uma nova realidade, pelo que após as entrevistas com os diversos membros da população efectuou-se uma análise do seu conteúdo de forma a se tirarem conclusões.

Para se aferir da sustentabilidade do destino existem 3 níveis de análise a ter em conta e que foram definidos como as variáveis independentes:

- i) Nível da procura do destino (Comportamento da procura e impactes no destino)

- ii) Nível organizacional do destino (Organização do destino e sua evolução. Grau de envolvimento dos intervenientes da comunidade)

- iii) Nível de competitividade do destino (Características do destino: vantagens competitivas e comparativas)

Para se investigar o impacte do turismo residencial de base comunitária na sustentabilidade do destino, definiu-se como variável dependente a percepção que os membros da comunidade têm sobre a sustentabilidade do destino. Esta variável assenta nas seis dimensões do turismo sustentável, i.e., Económica, Social, Política, Cultural, Ambiental e Tecnológica e foram usados alguns dos indicadores sugeridos por Choi e Sirakaya (2006).

No Quadro 1 descrevem-se os indicadores utilizados para construir o guião de entrevista, bem como, as categorias de análise resultantes.

Quadro 1

Dimensões do turismo sustentável: indicadores e categorias de análise

| Dimensões do turismo sustentável | Indicadores | Categorias de análise |
|--|--|-----------------------------|
| Económica | Taxa de desemprego | Emprego |
| | Taxa de mudança da compra de produtos locais (valor e variedade) | Capital |
| | Percentagem de estabelecimentos turísticos que são propriedade de estrangeiros | |
| | Percentagem de reinvestimento das receitas em gestão e protecção de áreas reservadas naturais e culturais | |
| | Sazonalidade do turismo | Utilização |
| Social | Satisfação da comunidade anfitriã com o desenvolvimento do turismo | Nível de satisfação |
| | Níveis de satisfação com a vida comunitária em geral (QOL) | Nível de stress |
| | Níveis de stress na relação visitante / comunidade anfitriã | |
| | Mudança na estrutura social (mudança do poder e suas implicações socioeconómicas) | |
| | Lixo / poluição (ar, água, etc.) | Saúde e segurança |
| Taxa de crime | | |
| Política | Existência de políticas de controle de desenvolvimento | Controle e articulação |
| | Relações intersectoriais a nível local / regional / nacional | |
| | Participação dos residentes locais no processo de planeamento | Participação |
| | Nível de cooperação entre os grupos de partes interessadas | |
| | Plano director de turismo | Planeamento e concretização |
| Existência de fundos e políticas de segurança, segurança e saúde de visitantes | | |
| Cultural | Nível de manutenção de sites culturais | Manutenção |
| | Perda de autenticidade e tornar-se impessoal | Autenticidade |
| | Tipo de informação dada aos visitantes antes e durante as visitas ao local (vídeo de promoção nos voo de chegada ou folhetos de sensibilização do público) | Informação e sensibilização |
| Ambiental | Nível de erosão nos locais naturais | Degradação |
| | Intensidade de utilização | Capacidade de carga |
| | Dimensão dos grupos nos locais (capacidade de carga) | |
| | Atractividade do local | Atractividade |
| Tecnológica | Recolha precisa de dados e alteração de informações turísticas | Recolha de dados |

Nos quadros C1 a C6, do Apêndice C, apresentam-se as principais percepções obtidas para cada categoria de membros da comunidade, elaboradas a partir das questões colocadas nas entrevistas individuais.

4. RESULTADOS

Neste capítulo analisa-se e apresentam-se os resultados obtidos do estudo efectuado aos membros da comunidade de Santo Estevão com o objectivo de conhecer as percepções sobre o impacto dos níveis da procura, de organização e de competitividade do destino, na sustentabilidade da comunidade e dessa forma validar o modelo integrado proposto, o turismo residencial de base comunitária.

Este capítulo está organizado em duas secções. Na primeira secção apresentam-se as percepções das pessoas sobre a procura, a organização, a competitividade e a sustentabilidade do destino.

Na segunda secção relacionam-se as variáveis em estudo e interpreta-se o impacto do turismo residencial de base comunitária na sustentabilidade da comunidade.

4.1. PERCEPÇÕES DE MEMBROS DA COMUNIDADE

De seguida, apresentam-se as principais percepções da comunidade sobre as variáveis em estudo, após a análise das entrevistas aos vários intervenientes,.

i) Nível da procura do destino

Olhando para os últimos 20/25 anos pode-se constatar que Santo Estevão sofreu um enorme crescimento do seu parque habitacional, pela construção de novos empreendimentos de moradias na zona envolvente da aldeia, tais como por exemplo, a Herdade do Zambujeiro e a Mata do Duque mas também dentro da própria aldeia, como por exemplo a Quinta da Cegonha.

De acordo com o último censo, em 2011, 48% do total das habitações foram construídas entre 1996 e 2011 e 32% são usadas como residência secundária (Tabela 5).

Tabela 5**Distribuição dos alojamentos consoante a forma de ocupação (em 2011)**

| Época de construção | Ocupados | | Vagos | TOTAL |
|---------------------|---------------------|-----------------------|--------------------------------|-------------|
| | Residência habitual | Residência secundária | Para venda, arrendamento, etc. | |
| Até 1919 | 11 | 1 | 4 | 16 |
| 1919 - 1945 | 54 | 18 | 20 | 92 |
| 1946 - 1960 | 74 | 14 | 19 | 107 |
| 1961 - 1970 | 102 | 17 | 16 | 135 |
| 1971 - 1980 | 94 | 24 | 6 | 124 |
| 1981 - 1990 | 89 | 32 | 6 | 127 |
| 1991 - 1995 | 37 | 40 | 0 | 77 |
| 1996 - 2000 | 68 | 53 | 5 | 126 |
| 2001 - 2005 | 117 | 125 | 13 | 255 |
| 2006 - 2011 | 114 | 85 | 39 | 238 |
| Total | 760 | 409 | 128 | 1297 |

Fonte: INE, 2018

O desenvolvimento iniciou-se na Herdade do Zambujeiro, onde foi construído um centro de pólo equestre e de outras actividade hípicas, equipado com zona de restauração, hotel e lojas e disponibilizando parcelas de terrenos com áreas entre 1 e 5ha para construção.

De acordo com a opinião dos entrevistados, a reacção da procura por aquele destino não se fez esperar e houve uma explosão em termos de aquisições e construção. A procura por este local estava essencialmente ligada à aquisição de uma 2ª habitação por pessoas de Lisboa, que buscavam uma vivência de fim de semana fora da grande cidade, uniformemente ao longo do ano. Numa fase posterior alguns destes turistas residenciais transformaram a sua 2ª habitação em residência permanente e mudaram-se para Santo Estevão.

Há unanimidade entre os entrevistados que a crise financeira de 2010/2014 marcou o estado de desenvolvimento do turismo residencial na região. Até à crise houve claramente um ciclo de forte construção e de forte utilização dos espaços. Com a crise a actividade estagnou e assistiu-se a uma fase de menor utilização com várias casas fechadas e um declínio do número de pessoas a virem ao fim de semana. Desde 2017, o sentimento geral é de que há uma retoma da procura e da

utilização dos espaços, apesar de considerarem que existe uma oferta baixa de imóveis tanto nas herdades como na aldeia, ou seja, não existe na zona muita disponibilidade de casas nem para venda nem para arrendamento. No entanto, de uma forma transversal a toda a amostra, as pessoas apontam que vão surgindo casos de alojamento de curta duração e acreditam que esta é uma área com muito potencial de crescimento.

ii) Nível organizacional do destino

Há registos históricos datados do século XIV que já referem o povoamento de Santo Estevão na margem do rio Almansor (Quintas & Dimas, 2009). Trata-se duma freguesia historicamente virada para a produção agrícola, principalmente de trigo e arroz e para as explorações pecuárias, sobretudo de criação de cavalos e gado bovino. De acordo com os Censos, a população de Santo Estevão cresceu até à década de 1940 e a partir dessa altura, apesar da sua antiguidade, entrou num ciclo negativo de diminuição do número de habitantes, à semelhança com tantas outras aldeia espalhadas pelo país. Este ciclo negativo foi aparentemente interrompido na primeira década do século XXI, conforme se pode observar na tabela 6 com os resultados dos Censos.

Tabela 6

Varição da população residente (entre 1864 e 2011)

| Ano do Censo | Número de Residentes | Varição entre censos |
|--------------|----------------------|----------------------|
| 1864 | 695 | |
| 1878 | 692 | -0,4% |
| 1890 | 745 | 7,7% |
| 1900 | 832 | 11,7% |
| 1911 | 986 | 18,5% |
| 1920 | 882 | -10,5% |
| 1930 | 1020 | 15,6% |
| 1940 | 1763 | 72,8% |
| 1950 | 1743 | -1,1% |
| 1960 | 1705 | -2,2% |
| 1970 | 1452 | -14,8% |
| 1981 | 1523 | 4,9% |
| 1991 | 1395 | -8,4% |
| 2001 | 1381 | -1,0% |
| 2011 | 1997 | 44,6% |

Fonte: INE, 2018

Atendendo aos dois últimos censos, verifica-se que para além do aumento de 45% do número total de residentes, a população cresceu em todos os grupos etários com principal incidência na camada mais jovem que aumentou 63% em 10 anos, indicando que houve um rejuvenescer da população de Santo Estevão (Tabela 7).

Tabela 7

Distribuição da população por grupos etários (em 2001 e 2011)

| Grupos etários | 2001 | 2011 | Variação |
|----------------|------|------|----------|
| 0-14 | 221 | 361 | 63% |
| 15-24 | 147 | 215 | 46% |
| 25-64 | 723 | 1063 | 47% |
| 65 ou mais | 290 | 358 | 23% |
| Total | 1381 | 1997 | 45% |

Fonte: INE, 2018

De acordo com a opinião dos entrevistados, é unânime que Santo Estevão, até há 20/25 anos atrás, apresentava um ambiente rural, com as principais actividades ligadas à agricultura e à pecuária e que o turismo residencial provocou uma enorme transformação na vida da aldeia cuja principal actividade passou a estar relacionada com serviços sobretudo os ligados às novas habitações, tais como, serviços domésticos, jardinagem, manutenção, segurança e ainda o comércio em geral para servir a população residente e a população visitante. Os entrevistados apontam também para o desenvolvimento de actividades ligadas ao desporto e turismo, tais como o Golfe, o polo equestre e outras actividades hípcas (concurso de saltos, atrelagem, etc.), que serviram como forma de atracção dos novos membros da comunidade, apesar de todos afirmarem que a atracção de turistas foi e é feita através de amigos e conhecidos. A divulgação do local tem sido feito apenas através da comunicação de boca a boca e não através dos canais promocionais disponíveis.

Mais uma vez, recorrendo aos dados dos Censos, na tabela 8 pode-se verificar esta enorme alteração que tem ocorrido na distribuição da população empregada pelos sectores de actividade económica, com uma mudança clara dos sectores primário e secundário para o sector terciário.

Tabela 8**Distribuição da população empregada por sector de actividade económica**

| Sector | 2001 | 2011 | Varição |
|------------|------|------|---------|
| Primário | 91 | 60 | -34% |
| Secundário | 210 | 147 | -30% |
| Terciário | 309 | 613 | 98% |
| Total | 610 | 820 | 34% |

Fonte: INE, 2018

A percepção geral dos entrevistados, é de que este crescimento e desenvolvimento foi acompanhado por uma melhoria geral das acessibilidades e dos arranjos exteriores da aldeia, apesar de considerarem que o investimento público poderia ser maior, nomeadamente nas questões relacionada com os transportes públicos para servir a população e nos serviços de saúde e de segurança que têm sofrido flutuações ao longo dos anos.

De referir que, em relação às regras de enquadramento do loteamento das herdades e respectiva construção de novos imóveis, todos os intervenientes consideram que a actuação da Câmara Municipal tem sido a adequada. As grandes herdades foram divididas em parcelas. Primeiro a Herdade do Zambujeiro, depois a Mata do Duque e mais tarde a Vila Nova de Santo Estevão. Consideram que as parcelas têm uma boa dimensão e que o índice de construção é baixo, o que permitiu um desenvolvimento desafogado. Na Herdade do Zambujeiro não há estradas alcatroadas, nem passeios pois faz parte do conceito. É um espaço natural. As parcelas têm sistemas autónomos, nomeadamente, fossas assépticas e furos de captação de água.

Em relação aos serviços de saúde não há uma opinião consensual, pois as opiniões variam consoante as necessidades de cada um. No entanto, a percepção geral é que para urgências dispõem relativamente perto dos hospitais de Vila Franca de Xira e Lisboa. E a população local é servida por um centro de saúde onde diariamente podem encontrar um médico disponível. Existe ainda um centro de dia para a 3ª idade, a farmácia e dentista.

Em relação à oferta educativa, consideram que tem evoluído de acordo com as necessidades da comunidade, sendo que devido ao aumento do número de crianças foi construída uma creche e aumentou-se a capacidade do jardim de infância e escola primária. É comummente aceite que Santo Estevão não tem população suficiente que justifique a existência de escolas do 2º e 3º ciclo

do ensino básico e do ensino secundário pelo que as crianças são canalizadas para Benavente, sendo o transporte escolar assegurado gratuitamente pela Câmara Municipal de Benavente.

Ao falar com os diversos entrevistados, percebe-se que houve uma boa integração dos novos membros na comunidade. Houve um período de ajuste mas tanto na opinião dos habitantes nativos como também na dos visitantes atingiu-se um equilíbrio saudável dentro da comunidade. Vários entrevistados referem como exemplo dessa boa integração o facto de muitos turistas residenciais terem posteriormente transformado a 2ª habitação em residência permanente.

iii) Nível de competitividade do destino

A freguesia de Santo Estevão não tem propriamente marcos patrimoniais de relevo, que por si só sejam elementos distintivos face a outros locais vizinhos. No entanto, os entrevistados identificam a natureza e a paisagem como sendo esse marco distintivo, nomeadamente os vastos terrenos de montado, as lezírias ribatejanas e o estuário do Tejo. A atractividade de Santo Estevão, na opinião dos entrevistados, advém da sua proximidade a Lisboa, apresentando-se como uma pequena aldeia tipicamente ribatejana, bem arranjada e cuidada, com uma luminosidade muito própria, onde se pode encontrar e viver em segurança um ambiente de tranquilidade e sossego. O preço do terreno não tem sido determinante na escolha do local, apenas uma minoria faz referência a esse atributo.

Historicamente, Santo Estevão sempre esteve muito ligado ao cavalo e nesse sentido é referido por todos os entrevistados que o desenvolvimento das diversas actividades hípias, como o pólo equestre, a atrelagem, as corridas de saltos, para além da caça e da equipagem, teve um papel importante no arranque do turismo residencial na região. Acrescentam ainda, os campos de golfe e os serviços que foram criados dentro desses polos de desenvolvimento. O facto da crise ter afectado muitas destas actividades que acabaram por fechar, é apontado como algo urgente que tem de ser resolvido para que Santo Estevão continue a ser um destino atractivo.

Mesmo com todo o desenvolvimento e crescimento que aconteceu nos últimos 25 anos, há unanimidade no grupo em afirmar que Santo Estevão continua a ser um local seguro, onde se pode viver sem receios de criminalidade, apesar de alguns episódios esporádicos de assaltos a moradias fechadas que aconteceram no auge da crise financeira.

Outras características apontadas e consensuais dentro do grupo dos entrevistadas são a simpatia e a receptividade dos seus habitantes, que contribuem para um ambiente agradável e familiar.

Trata-se duma freguesia sem qualquer tipo de indústria poluidora e amiga do ambiente. De facto, a percepção geral é de que tem havido uma preocupação grande com a preservação do parque florestal, uma vez que consideram que as alterações ocorridas com a transformação das herdades em parque habitacional não têm contribuído para a degradação do ambiente, muito pelo contrário. O entendimento geral é de que a recolha de lixo doméstico pela Câmara Municipal e dos verdes pela Junta de Freguesia foi acompanhando o crescimento da aldeia, sendo adequada para as necessidades da comunidade, mesmo aos fins de semana quando existe uma maior flutuação de pessoas.

Dada a boa integração dos novos membros da comunidade, os entrevistados apontam que as tradições culturais e gastronómicas têm-se mantido de uma forma geral. Neste sentido, várias pessoas referem o esforço mais recente da Junta de Freguesia em contribuir para uma maior visibilidade dos produtos da terra, que tem vindo a dinamizar anualmente a festa dos espargos e das trufas com uma forte adesão dos restaurantes, população e visitantes que vêm de propósito experimentar estas iguarias.

Também as festas de Agosto de Santo Estevão, com as largadas de touros, têm vindo a crescer em termos de participação, notando-se cada vez mais a presença dos novos membros da comunidade, tanto dos turistas residenciais como daqueles que adoptaram a aldeia como morada permanente. No entanto, todos acham que a divulgação deste evento devia ser mais alargada, pois ainda vive muito da atracção de familiares, amigos e conhecidos.

iv) Impacte do turismo na sustentabilidade da comunidade

Para melhor conhecer a percepção de membros da comunidade sobre o impacte deste tipo de turismo na sustentabilidade da aldeia e conseqüentemente na sua qualidade de vida, os resultados das entrevistas foram analisados em função das categorias de membros, dando-se especial ênfase aos residentes permanentes e turistas residenciais.

De seguida, enquadrando nas seis dimensões do turismo sustentável, faz-se uma análise das percepções dos entrevistados, sobre o impacte do turismo na comunidade.

Para a Dimensão Económica consideraram-se as seguintes categorias de análise:

i) Emprego

É unânime a opinião que este tipo de turismo residencial criou sobretudo oportunidades de emprego directamente relacionadas com as habitações, tais como, trabalho doméstico, limpeza, manutenção, jardinagem e ainda com o comércio local.

Apesar do turismo não ter ainda criado emprego qualificado, alterou o paradigma da aldeia que dependia sobretudo dos empregos tradicionais ligados às actividades agrícolas e pecuárias.

Um funcionário público no concelho de Benavente há mais de 20 anos, afirma que:

...o emprego não é muito qualificado, mas não deixa de ser verdade que do ponto de vista económico, mexe. Imagine o que seria de Santo Estevão, senão tivesse isto. Até porque Santo Estevão tem também vindo a ganhar população, invertendo outras situações no conselho...seguramente, se não tivesse havido esta situação, hoje, Santo Estevão provavelmente seria um terra do ponto de vista de desenvolvimento social e económico muito mais deficitária...

(Entrevista, E25 – transcrição da resposta)

De notar ainda, que os empresários locais afirmam que vão conseguindo recrutar os recursos humanos necessários para os seus negócios em Santo Estevão ou quanto muito alargando ao nível do concelho.

ii) Capital

Em relação ao consumo de produtos e serviços locais, a percepção é praticamente consensual entre os residentes permanentes e turistas residenciais, de que o turismo fomentou o aparecimento de novos negócios que de outra forma não existiriam na aldeia. Os turistas residenciais são unânimes em afirmar que valorizam os produtos locais e apesar de por vezes os preços serem mais elevados do em Lisboa, estão dispostos a pagar mais pela qualidade apresentada.

A maior parte dos negócios estão ligados às pessoas da comunidade local ou do concelho.

Apesar de não existirem ou desconhecerem a existência de apoios ao empreendedorismo, as pessoas da terra aproveitaram as oportunidades de mercado que surgiram com o turismo.

Há um sentimento generalizado de que foi feito pouco, em termos de reinvestimento das receitas do turismo, o que indica que acham que não há uma relação directa entre as receitas recolhidas na freguesia e o retorno em termos de investimento por parte da autarquia.

Um dos residentes nativos entrevistado, sintetiza esse sentimento da seguinte forma:

...não tanto como devia, no meu ponto de vista, acho que a Câmara Municipal deveria apostar mais, e que vai apostar certamente no futuro, porque também se tem vindo a aperceber onde está o potencial. O potencial deste município é Santo Estevão, não é Samora, não é Benavente, não é Barrosa, é Santo Estevão... porque é a única terra que é original. Benavente e Samora têm muito pouco por onde explorar, são mais um dormitório, também ficam perto de Lisboa, mas não têm esta paz de campo, não têm estas vertentes desportivas como tem Santo Estevão. Falta muita coisa. Sem dúvida, que é este o foco principal do município. E que já hoje o Município olha de outra forma para Santo Estevão...

(Entrevista, E23 – transcrição da resposta)

iii) Utilização

De uma forma geral a utilização da 2ª habitação é feita aos fins de semana ao longo do ano e nos períodos de férias. Maioritariamente para uso próprio para passar tempo com a família e amigos mas há quem empreste a familiares para fazerem uma escapadela da cidade. É perfeitamente consensual que os negócios locais sofrem uma flutuação aos fins de semana, de uma forma constante ao longo do ano e também nos períodos de férias, sobretudo no verão. Os comerciantes tentam equilibrar os seus negócios durante a semana com as pessoas da aldeia, mas sem os turistas residenciais aos fins de semana dificilmente teriam a porta aberta.

Um dos empresários entrevistados, E16, descreve que:

...há uma curva semanal, eu costumo dizer que na 5ª feira à tarde começa-se a sentir um bocadinho, à 6ª ao almoço nota-se... E de 6ª a Domingo à hora do almoço nota-se perfeitamente que os restaurantes e o comércio estão cheios, a rua principal está cheia de carros e pessoas...

(Entrevista, E16 – transcrição da resposta)

Para a Dimensão Social consideraram-se as seguintes categorias de análise:

i) Nível de satisfação

Os entrevistados são unânimes em afirmar que este tipo de turismo contribuiu para o desenvolvimento local e que a comunidade local beneficiou da criação de novos tipos de emprego em substituição dos empregos tradicionais que estavam ligados à agricultura.

E9, uma residente nativa de Santo Estevão, descreve essa noção:

...éramos uma aldeia tipicamente agrícola e agora ninguém trabalha na agricultura...

(Entrevista, E9 – transcrição da resposta)

Existe a percepção que, senão fosse o turismo, provavelmente Santo Estevão estaria numa situação socioeconómica bastante difícil.

E8, que veio para Santo Estevão com o pai como turista residencial e que se mudou em definitivo para Santo Estevão há 7 anos, sublinha essa relevância:

...sim, tenho a certeza disso. Quando o pai comprou a quinta, há 30 anos, isto não era nada, não é?...

(Entrevista, E8 – transcrição da resposta)

No entanto, outra residente nativa, faz questão de apontar que apesar de todas as coisas positivas, o turismo não resolveu tudo:

...os nossos jovens que estudam, continuam a ter de sair. Não ficam em Santo Estevão por causa desse desenvolvimento...

(Entrevista, E24 – transcrição da resposta)

Todos os turistas residenciais são unânimes em afirmar que a comunidade local está satisfeita com o turismo, o que é sentido na forma como são tratados.

O E14, que comprou há 3 anos a sua habitação secundária em Vila Nova de Santo Estevão, afirma prontamente que :

...existe um espírito de ajuda e de comunidade muito grande, as pessoas conhecem-se...

(Entrevista, E14 – transcrição da resposta)

De facto, tanto os nativos são unânimes em afirmar que gostam de viver em Santo Estevão e que se sentem satisfeitos com a vida comunitária, dado o bom relacionamento com os novos habitantes que acham que se integraram lindamente, como os adoptivos são unânimes em afirmar que gostam de viver em Santo Estevão, uma pequena aldeia bastante tranquila e que se sentem satisfeitos com a vida comunitária, dado o bom relacionamento com a população local.

E17, que nasceu e sempre viveu em Santo Estevão, dá voz a essa afeição:

...temos pessoas que realmente a gente agora já vê como se fossem habitantes de cá. Pessoas extraordinárias e que se sentem bem aqui... Se pudessem vir para cá o tempo todo, vinham. Porque, pronto, gostaram muito daqui da nossa zona...

(Entrevista, E17 – transcrição da resposta)

Perfeitamente integrado na comunidade, um estrangeiro que há 14 anos escolheu viver com a sua família na Herdade do Zambujeiro, refere que:

...devido ao meu amor e a paixão pela caça e em Santo Estevão não há dúvida que também há muitos... eu consegui me integrar perfeitamente com a população. E mais, eu disse uma frase que vai ser polémica, mas é a realidade, e eu digo isto à minha mulher, se algum dia nós precisarmos de ajuda, não vão ser as pessoas das vivendas, vão ser as pessoas da aldeia que vão nos dar essa ajuda. Portanto, tenho um óptimo relacionamento, um óptimo relacionamento...

(Entrevista, E20 – transcrição da resposta)

A percepção geral é de que existe um nível elevado de satisfação em relação à vida comunitária. Houve uma boa integração dos novos elementos e por isso respira-se harmonia social.

ii) Nível de stress

Numa fase inicial do arranque da actividade de turismo, havia um maior afastamento entre as pessoas que vieram de fora e as da aldeia, existindo um sentimento de divisão entre “ricos” e “pobres”. Esta separação levou a que alguns dos comerciantes tentassem tirar um proveito exagerado dos novos membros, aumentando os preços artificialmente, o que criou uma certa tensão, tanto nos visitantes que acusaram esta inflação de preços como nos nativos que tiveram dificuldade em acompanhar estes aumentos.

Aparentemente, tanto os nativos como os adoptivos consideraram que a crise pode ter ajudado na resolução desta tensão e consequente na aproximação das pessoas e que agora se atingiu um equilíbrio social.

Desde 2003, que o E19 vem todos os fins de semana a Santo Estevão e partilha da seguinte forma esta ideia:

...eu penso que hoje, desde há 4/5 anos, com o início da crise, foi bom. Fez com que houvesse uma integração num funcionamento harmonioso e não de quem lá está a olhar...estes gajos são turistas, vão pagar... Isso acabou! Estamos inseridos na mesma comunidade. Portanto, o interesse na exploração, sacar o máximo, já passou e agora funciona...

(Entrevista, E19 – transcrição da resposta)

Se é verdade que todos os nativos entrevistados se sentem muito confortáveis em partilhar a aldeia com os novos membros, também é verdade que os visitantes se sentem bem acolhidos pela comunidade anfitriã. Um sinal desta boa convivência, referido por muitos dos entrevistados, é que muitos dos actuais residentes permanentes começaram por ser turistas residenciais.

O relacionamento entre a comunidade anfitriã e os visitantes é visto como muito boa e de uma forma geral todos acham que seriam bem vindos mais turistas, desde que não se perca o espírito de aldeia.

Entre os residentes permanentes e turistas residenciais não há uma ideia clara sobre o impacto do turismo na organização social da comunidade. Uns acham que teve, pois houve uma mudança nas actividades dos locais e os visitantes trouxeram outra cultura e ideias, outros acham que nem por isso pois os visitantes encaixaram-se na comunidade existente.

De qualquer forma existe a clara percepção de que o desenvolvimento do turismo teve impacto na estrutura social, uma vez que passou a haver uma maior diversidade de pessoas na comunidade. Este desenvolvimento trouxe pessoas de um nível socio-económico mais elevado, pessoas de diferentes culturas e permitiu o regresso de imigrantes reformados. De uma forma geral, não sentem que a questão da representatividade seja um problema e que o poder esteja mal distribuído.

iii) Saúde e segurança

O turismo não contribuiu negativamente para o aumento da poluição, aliás todos afirmam que não há poluição nesta freguesia.

Em relação ao lixo, sobretudo ao fim de semana e nos períodos de férias, tanto os nativos como os turistas consideram que tem havido uma boa capacidade de adequação do município em termos de recolha.

Os adoptivos são um pouco mais críticos e as opiniões divergem dentro deste grupo. Há quem ache que tem havido uma boa adequação do município em termos de recolha de lixo mas também há quem se queixe e afirme que o lixo acumula. Se bem que, o facto de haver pessoas que não colocam o lixo nos ecopontos (má cidadania) pode influenciar essa percepção.

Há unanimidade em relação à segurança na aldeia. Não sentem que o turismo tenha tido impacto em termos de criminalidade pois esta não existe. Reconhecem que no auge da crise houve alguns assaltos a vivendas fechadas mas entendem que isso foi um fenómeno generalizado no país e não uma questão local.

O facto do quartel de bombeiros ter fechado trás um sentimento de algum desconforto sobretudo entre os adoptivos que são o grupo mais crítico. Os nativos e turistas residenciais convivem melhor com esta realidade pois assumem que a proximidade de Benavente é suficiente para fazer face a alguma urgência.

A opinião generalizada é de que existem os meios de saúde suficientes e adequados para os habitantes da Aldeia, quer sejam residentes quer visitantes. O centro de saúde está a funcionar durante a semana e ainda há a farmácia, o dentista e o centro de dia para idosos. Para alguma urgência sentem-se confortáveis com a existência de uma oferta vasta de serviços de saúde

relativamente próxima no Hospital de Vila Franca de Xira ou mesmo em Lisboa.

Para a Dimensão Política consideraram-se as seguintes categorias de análise:

i) Controle e articulação

Há um consenso claro em relação ao papel relevante da autarquia em matéria de controlo do desenvolvimento urbanístico. Consideram que a Câmara Municipal tem tido um papel importante e activo na preservação de toda a envolvente da Aldeia, apenas permitindo parcelas com alguma dimensão e níveis de construção baixos. Consideram também que houve uma atenção especial em aprovar a construção de casas que incluíssem elementos arquitectónicos da região ribatejana. É referido por várias pessoas em todos os grupos, que a Câmara tem sabido fazer ao longo do tempo as alterações e adaptações necessárias no PDM de forma a acolher o turismo de forma controlada.

Genericamente, entre residentes e turistas, há o entendimento que existe uma boa articulação entre a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal mas não propriamente ao nível do turismo. Todos acham que existe pouca articulação em relação ao turismo. A Junta tem iniciativas próprias para promover a restauração regional e afirma que está melhor posicionada que a Câmara para aplicar as receitas do IMI na sua zona de actuação. A Câmara queixa-se do governo, que não chegou a aprovar o pacote legislativo para as apostas de cavalos que era o grande projecto integrador de turismo para a região.

O sentimento geral entre todos os entrevistados é de que não tem existido qualquer planeamento do turismo para a região, pelo que não faz sentido falar de questões de articulação entre entidades locais, regionais e nacionais no que respeita o turismo.

ii) Participação

Todos consideram que nem os residentes nem as partes interessadas ligadas ao turismo têm um papel activo no planeamento do turismo porque unanimemente afirmam que não existe planeamento.

Neste momento, não há envolvimento da população local porque não há forma de o fazerem. O Presidente da Junta de Freguesia aponta que as pessoas até se envolveriam se houvesse matéria para se envolverem, pois até já o fazem nas colectividades. Já o Presidente da Câmara defende que as pessoas não tem interesse em promover o turismo pois estão é preocupadas com o seu dia a dia.

Há mais de 10 anos que o E22 tem a sua 2ª habitação na Herdade do Zambujeiro e apesar de querer contribuir com sugestões, não tem sido fácil:

...nunca vi nada nesse sentido, nenhum desafio, nenhuma ideia para se falar, para se debater, temas dessa natureza. Seria muito interessante mas não...

(Entrevista, E22 – transcrição da resposta)

Todos os habitantes mais antigos, sejam nativos, adoptivos ou turistas, referem que em tempos houve um pensamento estratégico para o desenvolvimento do turismo em Santo Estevão, através da pessoa do Eng. Pimentel Fragoso. De facto, este empresário teve uma visão para o turismo na região e conseguiu desenvolver um conceito envolvendo e motivando as autoridades e a população local. Foi uma pessoa chave em todo o processo pois soube atrair investidores para aderir ao projecto, conseguiu que a Câmara Municipal fizesse as adaptações necessárias para desenvolver a actividade turística na região e incentivou a comunidade local para participar no processo e acolher os visitantes.

No entanto, todos apontam que o problema é que estava tudo concentrado e dependente da iniciativa duma pessoa e que do ponto de vista formal não se criou uma estrutura para que o planeamento continuasse a ser feito após o falecimento do empresário.

Alguns turistas residenciais afirmam que não têm forma de participar formalmente no planeamento do turismo mesmo que queiram e outros acreditam que as associações de moradores poderiam ter um papel activo neste campo.

iii) Planeamento e concretização

Nenhum dos entrevistados tem conhecimento da existência dum plano director para o turismo. Todos acham que não existe nada a esse nível e que há muito para fazer.

O E2, que veio há 22 anos para a Herdade do Zambujeiro atraído pelos cavalos e que até acabou por transformar a sua 2ª habitação em 1ª residência, sente-se agora desiludido com o encerramento das actividades hípicas:

...havia vida na herdade fruto das actividades que ali eram desenvolvidas...

...Resumindo, em termos turísticos Santo Estevão actualmente é um flop...

(Entrevista, E2 – transcrição da resposta)

Tal como se pode confirmar com as autoridades, não há um plano director para o turismo. No entanto, a Câmara Municipal soube reagir aos interesses dos privados e adequou o PDM para que se pudesse desenvolver o turismo de 2ª habitação, o golfe, o polo equestre, etc.

O E25, que conhecia bem a realidade do concelho antes da vinda do turismo, afirma que:

...trocamos muitas opiniões e muita reflexão sobre tudo isto... Quem cá estava teve essa mesma visão, a necessidade de uma parte do nosso território que tem a tal componente mais rural do município, poder ter esta oferta turística, isso é uma aposta da Câmara. Agora, é preciso encontrar os investidores...

(Entrevista, E25 – transcrição da resposta)

É de referir que em 2017 a Câmara deu início ao desenvolvimento dum plano estratégico de valorização e comunicação turística para o concelho, que aposta em elementos diferenciadores do município: o cavalo e o touro, o arroz carolino, um espaço de natureza com roteiros pedestres, associação ao estuário do Tejo, gastronomia, golfe, caça e o montado em geral.

Em relação à existência de fundos e políticas de saúde a opinião entre os nativos é unânime, é um assunto que não levanta preocupações. Acham que neste momento está adequado para a dimensão da aldeia. E para urgências têm os hospitais em Vila Franca de Xira ou mesmo Lisboa. Esta também é a percepção dos turistas residenciais que não têm grandes expectativas nesta matéria uma vez que não utilizam o médico local para as suas visitas de rotina. Alguns residentes adoptivos são um pouco mais críticos nas suas avaliações e as opiniões divergem dentro deste grupo, havendo quem considere que já esteve pior e que agora o centro de saúde já tem médico diariamente.

No que concerne a existência de fundos e políticas de segurança as opiniões dividem-se. Entre os nativos e empresários existe o sentimento generalizado de que há patrulhamento regular e adequado por parte da GNR, apesar do posto local ter fechado, mas os adoptivos e turistas reclamam que há espaço para melhoria. Já em relação aos bombeiros, a grande maioria queixa-se que fechou o quartel e que foi tudo deslocalizado para Benavente, inclusive as ambulâncias, que até tinham sido uma oferta da comunidade de Santo Estevão para os bombeiros locais. Isto representa uma preocupação em caso de urgência. Neste capítulo ainda, o Presidente da junta de Freguesia afirma que está a fazer pressão para voltar a abrir o quartel de bombeiros, enquanto que o Presidente da Câmara assegura que o quartel em Benavente é suficiente em termos de tempos de resposta.

O E23, que sempre viveu em Santo Estevão, resume a opinião crítica sobre as opções tomadas da seguinte forma:

...isto é tudo política, vem tudo numa estratégia política, que na altura para mim não foi a mais correcta. Não tem nada haver com as necessidades da população, foi para servir outros interesses e não a população...

(Entrevista, E23 – transcrição da resposta)

Para a Dimensão Cultural consideraram-se as seguintes categorias de análise:

i) Manutenção

Entre nativos, turistas e entidades privadas, todos consideram que há um nível adequado de manutenção dos locais culturais e da aldeia como um todo. Todos estão bastante satisfeitos com o grau de preservação do património, edificado e ambiental, da aldeia.

Já entre os adoptivos, as opiniões são extremadas, pois se há aqueles que alinham pela mesma percepção dos outros grupos, há também quem considere que nada foi feito em termos de manutenção.

ii) Autenticidade

Todos concordam que a vinda dos proprietários de 2ª habitação teve impacto nos hábitos e costumes das pessoas locais mas acham que a comunidade local continua a ter a sua identidade própria e que não se tornou impessoal.

O E24, que nasceu e cresceu viveu em Santo Estevão, valoriza bastante a chegada dos novos habitantes:

...as pessoas que vieram tentaram adaptar-se aos hábitos e costumes da terra. Por exemplo, há muitos miúdos na escola de música da filarmónica, há muitos miúdos que entraram para os trampolins. É claro que há sempre uma troca de aprendizagem...

(Entrevista, E24 – transcrição da resposta)

De uma forma geral, consideram que houve uma transformação da comunidade motivada por duas realidades. Por um lado, a boa integração dos novos elementos na comunidade permitiu que as pessoas locais aprendessem com os que vieram de fora. Por outro lado, os visitantes adaptaram-se à realidade local e passaram a comungar dos interesses e costumes da comunidade local.

iii) Informação e sensibilização

Todos são unânimes em afirmar que não há nenhuma informação promocional sobre a aldeia ou freguesia e que faz bastante falta. Em 2009, um membro da comunidade local e um turista residencial juntaram-se e escreveram um livro sobre Santo Estevão e a sua história. Esta publicação teve o apoio da Junta de Freguesia e apesar do lançamento ter sido feito na casa do povo para toda a aldeia, nem todas as pessoas tinham conhecimento da sua existência. Nenhum turista residencial sabia da existência do livro.

O E15, teve conhecimento de Santo Estevão através de amigos. É estrangeira, vive em Lisboa e procurava a tranquilidade numa casa de campo próxima da cidade. Há 3 anos adquiriu uma habitação secundária na Herdade do Zambujeiro:

...em termos de turismo o Ribatejo não está a ser explorado na sua potencialidade...

(Entrevista, E15 – transcrição da resposta)

Para a Dimensão Ambiental consideraram-se as seguintes categorias de análise:

i) Degradação

Existe completa unanimidade quanto à não degradação do ambiente causado por esta forma de turismo. Há inclusive quem vá mais longe, entre nativos e turistas e até ache que o desenvolvimento do turismo residencial contribuiu para a preservação do meio ambiente na medida em que dentro das herdades o abate de sobreiros está proibido e a mancha verde tem aumentado. O índice baixo de construção, com lotes de grande dimensão são outros aspectos que contribuem para a opinião de que tem havido cuidado em preservar o ambiente.

ii) Capacidade de carga

Aos fins de semana todos os entrevistados afirmam que existe um aumento evidente do número de pessoas na aldeia. Este acréscimo de pessoas é bem visto por todos os entrevistados como sendo algo positivo e ninguém se sente incomodado com isso.

Afirmam que continua a não haver trânsito, nem problemas de estacionamento, nem filas nos estabelecimentos. Este aumento é esperado e desejado semanalmente pelos comerciantes que dependem disso para manterem os negócios a funcionar. Há até turistas residenciais que aproveitam o fim de semana para fazer compras na aldeia e levarem para Lisboa no regresso.

O E9, uma nativa de Santo Estevão, que depois de sair para prosseguir os seus estudos, voltou para gerir a farmácia local, comprova que :

...tenho clientes que simplesmente não vão à farmácia em Lisboa pois é difícil estacionar e há sempre filas. Muitas vezes ligam para saber se nós temos um determinado medicamento e nós encomendamos...

(Entrevista, E9 – transcrição da resposta)

Todos consideram que se está longe da capacidade de carga e que há espaço para acolher muito mais pessoas, sendo que isso é totalmente desejável para que a aldeia funcione ainda melhor. Apenas um nativo é da opinião que o número actual de pessoas é o ideal e que já se atingiu um equilíbrio.

iii) Atractividade

Não há unanimidade. Há quem sinta que assim está ótimo e que a oferta está ajustada à procura. No entanto, a maioria acha que é preciso aumentar a oferta para se conseguir atrair mais pessoas e pelo menos voltar ao níveis antes da crise. Para aumentar a procura é necessário aumentar a oferta. As opiniões divergem no conteúdo mas a maioria fala na construção de unidades hoteleiras, que não existem e sobretudo no retomar das actividades hípias que existiam antes da crise e no aproveitamento do parque ambiental do conselho.

E24 defende que:

...é uma aldeia linda, é uma aldeia maravilhosa que tem uma luz fantástica. É uma terra sempre bonita, de inverno, de outono, o ano inteiro (...) E está perto de tudo, se quisermos ir a Lisboa num instantinho vamos. Vamos a Santarém, a Setúbal...

(Entrevista, E24 – transcrição da resposta)

Já o E23, aponta que:

...o cavalo teve uma grande relevância nesta vinda de algumas pessoas para cá. As principais pessoas a dinamizar esta freguesia, vieram pela procura da equitação e desportos equestres. E depois, quando começou a ganhar outras dimensões é que acabaram por aparecer outros projectos para esta freguesia...

...somos uma aldeia onde se come muito bem, temos lojas bonitas, temos boas tradições, somos acolhedores, as pessoas acabam por gostar e vir para cá...

...mas há um grande défice de restauração e em termos de dormidas não há, não há dormidas suficientes para a procura...

(Entrevista, E23 – transcrição da resposta)

Para a Dimensão Tecnológica considerou-se a seguinte categoria de análise:

i) Nível de recolha de dados

Entre todos os entrevistados, ninguém tem conhecimento da existência de qualquer tipo de recolha de informação sobre o turismo, ou preocupação em conhecer as opiniões de visitantes e residentes sobre a actividade turística. Todos são unânimes em afirmar que como não existe promoção turística, não é sentida a necessidade de se obter informação sobre esta actividade.

O E18, que desde 2006, tem uma segunda residência na Herdade do Zambujeiro, resume essa opinião generalizada, da seguinte forma:

...não, ninguém faz publicidade, ninguém promove nada ali...

(Entrevista, E18 – transcrição da resposta)

No Quadro 2, apresenta-se uma síntese das percepções de membros da comunidade, evidenciando-se a contribuição das diversas categorias de análise na percepção geral sobre a sustentabilidade da comunidade, enquadrada pelas seis dimensões do turismo sustentável. Em que, a cor verde indica que contribui positivamente, a cor amarela indica neutralidade e a cor vermelha indica que contribui negativamente.

Quadro 2

Síntese das percepções de membros da comunidade

| Dimensões do turismo sustentável | Categorias de análise |
|----------------------------------|-----------------------------|
| Económica | Emprego |
| | Capital |
| | Utilização |
| Social | Nível de satisfação |
| | Nível de stress |
| | Saúde e segurança |
| Política | Controle e articulação |
| | Participação |
| | Planeamento e concretização |
| Cultural | Manutenção |
| | Autenticidade |
| | Informação e sensibilização |
| Ambiental | Degradação |
| | Capacidade de carga |
| | Atractividade |
| Tecnológica | Recolha de dados |

4.2. IMPACTE DO TURISMO NA SUSTENTABILIDADE DO DESTINO

O presente estudo passa por analisar os conteúdos das entrevistas e interpretar as diversas percepções dos vários membros da comunidade de forma a se conseguir validar ou não as hipóteses colocadas.

Hipótese 1 (H₁)

Para se conhecer o impacte do nível da procura na sustentabilidade do destino consideram-se as três categorias de análise que melhor traduzem esse relacionamento:

- i) Emprego
- ii) Capital
- iii) Utilização

Encontraram-se evidências nas respostas dos entrevistados de que existe um alinhamento das percepções entre todos os grupos de membros da comunidade relativamente àquelas categorias de análise, que estão relacionadas com a dimensão económica do turismo sustentável.

Atendendo às categorias de análise mencionadas, verifica-se que o aumento do nível da procura:

- i) Criou novas e diferentes oportunidades de emprego, alterando o paradigma da aldeia que deste modo permite conduzir à fixação da sua população que de outra forma teria que partir. Não é apenas importante para a população activa actual mas também é para a camada mais jovem da população, que em determinado momento da sua vida tem que sair para prosseguir os seus estudos e tipicamente não volta. Apesar de haver muito a fazer pois o emprego ainda é pouco qualificado, é já um principio importante. O que está alinhado com George et al (2007), que afirmam que um dos principais benefícios, para a comunidade, associado ao CBT, é a criação de emprego local.

ii) Permitiu fomentar o empreendedorismo entre a população local e surgiram novos negócios para servir os novos membros da comunidade. O convívio com pessoas de um nível socioeconómico mais elevado levou a que a população local se adaptasse e que aumentasse o seu grau de sofisticação. Os nativos perceberam a importância da qualidade e aprenderam a valorizar o que é deles. No fundo, tiveram que adaptar a oferta a uma procura mais exigente mas que está disposta a pagar pela qualidade. Estes atributos menos tangíveis, tais como, a adaptabilidade e hospitalidade da comunidade, são muito relevantes para a forma como a imagem do destino é percebida pelos turistas, o que de acordo com Holloway et al (2009) é fundamental para tornar o local mais atractivo. Há, na comunidade, a noção de que tem de haver uma maior sensibilização dos políticos para canalizarem verbas para proteger os recursos naturais e culturais da aldeia, bem como, para manter e criar as infra-estruturas necessárias. De facto, segundo Choi & Sirakaya (2006), apenas com o financiamento adequado e com esta optimização dos benefícios económicos locais se pode pensar em desenvolvimento sustentável.

iii) Apesar de não haver uma sazonalidade muito demarcada ao longo do ano, existe forte flutuação durante a semana, com um aumento de pessoas e actividade ao fim de semana. Esta dependência é real e há que fazer algo para contrabalançar. Com a crise e a queda da actividade, a aldeia ressentiu-se e há a consciência que algo tem que ser feito para estimular a procura em geral, tanto ao fim de semana como durante a semana e a solução pode passar por turistas de curta duração. Tal como George et al (2007) referem, este modelo em que a comunidade assume o centro da relação só funciona se todas as componentes do modelo beneficiarem da actividade, pelo que têm de ser criadas condições interessantes para o envolvimento equilibrado da indústria do turismo.

Desta forma, os resultados encontrados neste estudo suportam que os membros da comunidade consideram que o aumento da procura tem um impacto positivo na sua percepção sobre sustentabilidade do destino, pelo que a Hipótese 1 foi validada.

Hipótese 2 (H₂)

Para se conhecer o impacto do nível organizacional na sustentabilidade do destino consideram-se as cinco categorias de análise que melhor traduzem esse relacionamento:

- i) Nível de satisfação
- ii) Nível de stress
- iii) Controle e articulação
- iv) Participação
- v) Planeamento e concretização

Encontraram-se evidências nas respostas dos entrevistados de que existe um alinhamento das percepções entre todos os grupos de membros da comunidade relativamente àquelas categorias de análise, que estão relacionadas com as dimensões social e política do turismo sustentável.

Atendendo às categorias de análise referidas anteriormente, verifica-se que a mudança no nível organizacional da comunidade no destino:

- i) Contribuiu para que a população anfitriã se sinta bastante satisfeita com o desenvolvimento do turismo, que é visto como uma actividade que veio alterar a realidade da aldeia, criando uma nova dinâmica que contrariou a trajetória de declínio que se observava antes dessa ocorrência. Segundo George et al (2007), a condição indispensável para uma iniciativa de CBT, é que o maior benefício com o menor custo fique na comunidade. O estudo de Mathew & Sreejesh (2017) aponta que a qualidade geral de vida dos membros da comunidade deriva das iniciativas de um turismo responsável e sustentável e conseqüentemente da sustentabilidade do destino.
- ii) Resultou no bom relacionamento entre a população anfitriã e os novos membros da comunidade, tendo-se atingido uma harmonia social em que todos se sentem bem e onde todos gostam de viver. Esta elevada satisfação em relação à vida comunitária em geral suporta que os membros da comunidade estejam abertos a partilhar este local com outros

visitantes, pelo que todos consideram que seriam bem vindos mais turistas desde que não se perca o espírito de aldeia existente. A abertura da comunidade a novos membros alterou a sua estrutura, nomeadamente, houve um rejuvenescer da comunidade e aumentou o nível educacional, cultural e mesmo económico da comunidade, sem colocar em causa a representatividade dos diversos grupos sociais em termos de forças de poder. Apesar do equilíbrio social atingido, Prince & Ioannides (2017) defendem que devem ser estabelecidos mecanismos para monitorização e resolução de conflitos que possam surgir entre a comunidade anfitriã e os visitantes.

iii) Beneficiou muito da visão da Câmara Municipal em manter o controle do desenvolvimento urbanístico sem cair na tentação de permitir elevados índices de construção e grande densidade urbana, e simultaneamente fomentando o estilo da arquitectura da região. No entanto, poderia ter beneficiado mais ainda se houvesse maior articulação entre as autoridades locais, regionais e mesmo nacionais para o desenvolvimento do turismo na região. A articulação entre Junta de Freguesia e Câmara Municipal existe, o que é um bom indicador, mas não a nível do turismo. Mantecón & Huete (2008), alertam para a importância dos decisores locais alterarem as suas concepções sobre turismo residencial pois a complexidade do modelo implica a gestão de interesses muito díspares relativos aos diversos intervenientes do sistema, que envolvem vários tipos de residentes, de turistas e de negócios.

iv) Assentou na boa participação dos residentes nas diversas colectividades existentes em Santo Estevão, como por exemplo, a sociedade filarmónica, os trampolins, a comissão das festas de Agosto, o CF Estevense, o grupo de teatro. Para além da participação dos nativos, é já evidente a participação de residentes adoptivos nas colectividades e mesmo nos processos eleitorais para o poder local, o que é mais um sinal do bom relacionamento social existente na aldeia. No entanto, não foram criadas as condições para que esta participação se estendesse também ao planeamento do turismo. Há vontade de todos os membros, incluindo dos turistas, que até sugerem que poderiam fazê-lo através das

associações de moradores, mas formalmente não há forma de o fazerem. Este é um aspecto fundamental, pois de acordo com Okazaki (2008), o nível de participação da comunidade é um dos elementos cruciais para o sucesso do CBT.

- v) Não beneficiou da criação dum plano director para o turismo, que permitiria definir e clarificar os papéis de todas as partes interessadas. Atendendo à teoria do ciclo de vida, Aledo & Mazon (2004) e Martinez & Tur (2005), alertam para o perigo real de declínio do modelo de turismo residencial se não se atender ao planeamento cuidado da região enquanto produto turístico integrado. Esta indefinição tem levado a que os fundos e as políticas de saúde e segurança vão sendo criadas e disponibilizadas de uma forma reactiva, o que na prática se traduz em flutuações ao longo do tempo, criando dúvidas e opiniões contrárias dentro da comunidade. Há serviços que existiam e que deixaram de existir, há serviços que deixaram de existir e que foram reactivados, há serviços que existem mas que consoante a percepção de cada um podem não ser suficientes. Há uma preocupação por parte das autoridades em responderem aos desafios criados pelo turismo, mas falta uma visão clara que possa ser partilhada por toda a comunidade. Tal como Cunha (2008) refere, a actividade turística pode surgir através de iniciativas informais que não seguiram nenhum plano estratégico inicial mas que conduzem inevitavelmente a novas formas organizacionais, pelo que é importante em determinado momento que o sector público garanta a gestão eficaz do destino.

Desta forma, os resultados encontrados neste estudo suportam que os membros da comunidade consideram que uma melhor organização do destino tem um impacte positivo na sua percepção sobre sustentabilidade do destino, pelo que a Hipótese 2 foi validada.

Hipótese 3 (H₃)

Para se conhecer o impacto do nível de competitividade na sustentabilidade do destino consideram-se as oito categorias de análise que melhor traduzem esse relacionamento:

- i) Saúde e Segurança
- ii) Manutenção
- iii) Autenticidade
- iv) Informação e Sensibilização
- v) Degradação
- vi) Capacidade de Carga
- vii) Atractividade
- viii) Recolha de dados

Encontraram-se evidências nas respostas dos entrevistados de que existe um alinhamento das percepções entre todas os grupos de membros da comunidade relativamente àquelas categorias de análise, que estão relacionadas com as dimensões social, cultural, ambiental e tecnológica do turismo sustentável.

Atendendo às categorias de análise mencionadas antes, verifica-se que o aumento do nível de competitividade do destino:

- i) Tem sido assegurado por uma preocupação genérica com a saúde e segurança na comunidade. Estas são questões importantes para o sentimento de pertença das pessoas e como factores de identidade de uma determinada comunidade.

No tema da saúde, dada a dimensão da comunidade, há apenas serviços básicos assegurados localmente no centro de saúde, sendo as restantes necessidades asseguradas nos hospitais da região alargada, num raio de 35 a 60 km. Mas a existência de um médico de proximidade é amplamente percebido e valorizado por todos. Também a nível de saúde pública, tem havido a aposta num concelho sem poluição, onde particularmente a recolha de lixo tem acompanhado o crescimento e flutuação demográfica. Esta é uma área sensível que não tem sido descurada.

Já em termos de segurança a situação não é tão límpida, apesar da inexistência de criminalidade e ser considerado um local totalmente seguro para viver. Mesmo havendo um patrulhamento regular por parte da GNR, os bombeiros de Benavente assegurarem tempos de resposta adequados e existirem postos avançados de vigilância de fogos florestais, o facto do posto da GNR e do quartel de bombeiros estarem encerrados cria um certo sentimento de desconforto na comunidade.

Descurar estes aspectos pode ser perigoso, na medida em que de acordo com O'Reilly (2007), podem ser suficientes para ditar que um destino de elite se venha a transformar num lugar em declínio de onde os turistas querem fugir.

- ii) Tem contribuído para que haja, na aldeia, um nível adequado de conservação do património edificado e ambiental. Os membros da comunidade em geral mostram-se empenhados em manter as áreas públicas limpas e cuidadas.
- iii) Tem beneficiado da identidade própria da sua comunidade, que tem sabido conjugar os ensinamentos e ideias que os visitantes trouxeram de novo, sem no entanto, abandonar os seus costumes e tradições. Curiosamente, ao contrário do estudo de Mantecón & Huete (2008), os decisores locais e políticos do Município de Benavente, ligados ao turismo, consideram a autenticidade como um factor de atracção de turistas.
- iv) Não tem beneficiado da promoção e divulgação formal do destino que tem sido feita sobretudo através de contactos pessoais e da comunicação boca a boca. Este é um ponto amplamente sentido como deficitário.
- v) Tem sido favorecido pela preservação do ambiente, que é um ponto relevante em termos do posicionamento do destino no mercado. Tratava-se dum concelho verde sem poluição,

pelo que era muito importante que esta nova actividade não viesse alterar o equilíbrio existente, contribuindo para a degradação do ambiente. De facto, de acordo com Martinez & Tur (2005) e Cunha & Abrantes (2013), a degradação de muitos destinos turísticos acontece quando o desenvolvimento do turismo residencial é feito de uma forma descontrolada baseado na especulação imobiliária, o que não tem sido o caso em Santo Estevão.

- vi) Beneficiaria com o aumento da procura. Apesar do enorme crescimento que se assistiu nos últimos anos, há ainda espaço para acolher mais visitantes sem que se perca o espírito de pequena aldeia. De facto, o destino está ainda longe da sua capacidade de carga e é desejável que se consiga atrair mais turistas, pois há a noção que isso contribuirá para um melhor funcionamento da oferta de serviços e comércio.

- vii) Tem sido afectada pela diminuição e em certos casos até encerramento de algumas actividades hípcas, que eram um ponto forte de atracção de Santo Estevão. A perda desta vantagem competitiva, deve ser colmatada com a maior brevidade possível, pois quanto mais tempo passa maior é a dificuldade de voltar a estar no mapa. Tanto Goeldner & Ritchie (2012) como Dwyer & Kim (2003) referem a importância de compreender as motivações dos turistas para tornar o destino atractivo, pois existem ofertas alternativas que podem levar o turista a tomar outras opções.

- viii) Não tem beneficiado da recolha de informação relevante que possa ser utilizada para informar e sensibilizar os tão desejados novos visitantes. No entanto, para Giampiccoli & Mtapuri (2017), essa comunicação é fundamental para o desenvolvimento sustentável do turismo, pois tanto o turista como o residente têm que beneficiar da experiencia turística oferecida e só com a correcta monitorização da actividade, será possível fazer uma avaliação rigorosa do modelo (Cunha, 2008).

Desta forma, os resultados encontrados neste estudo suportam que os membros da comunidade consideram que uma maior competitividade do destino tem um impacto positivo na sua percepção sobre sustentabilidade do destino, pelo que a Hipótese 3 foi validada.

Em resumo, os resultados encontrados no estudo suportam a validação de todas as hipóteses colocadas (Quadro 3).

Quadro 3

Validação das hipóteses

| | |
|----------------|----------|
| H ₁ | Validada |
| H ₂ | Validada |
| H ₃ | Validada |

5. CONCLUSÃO

Neste capítulo discutem-se os resultados obtidos e apresentam-se as conclusões do estudo efectuado sobre o impacto do turismo residencial de base comunitária (CBRT) na sustentabilidade da comunidade, deixando-se sugestões para trabalhos futuros.

Este capítulo está organizado em três secções. Na primeira secção apresentam-se as conclusões do estudo, nomeadamente a validação do modelo proposto para CBRT.

Na segunda secção apresenta-se um conjunto de sugestões para a continuidade da iniciativa de CBRT.

Na última secção sugerem-se pistas para futuras investigações sobre o tema.

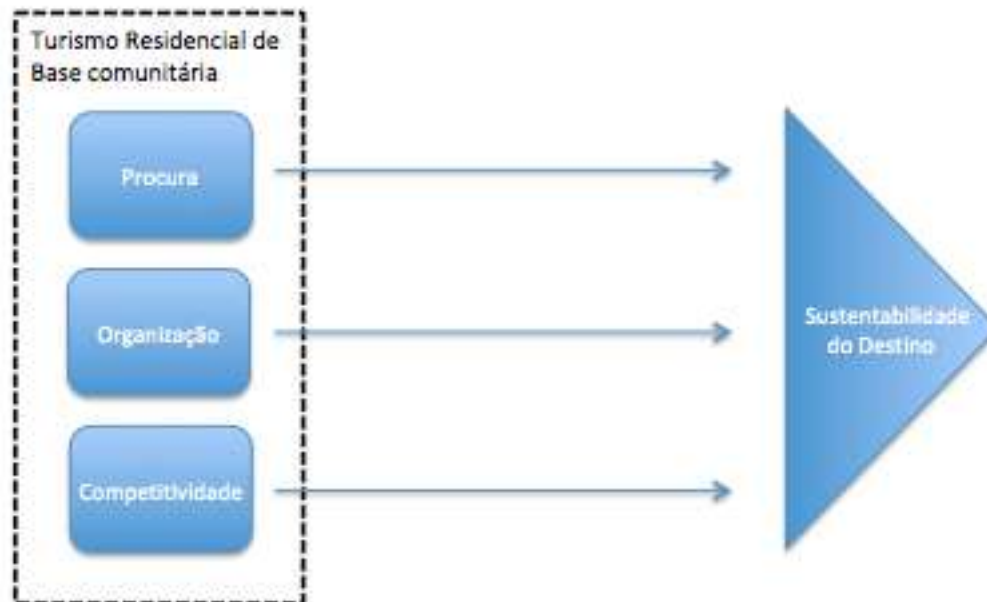
5.1. CONCLUSÕES

A presente investigação teve como ponto de partida o turismo residencial que tem sido desenvolvido num determinado destino, com a intervenção activa da comunidade local. O facto da comunidade ter tido um papel determinante no desenrolar desta actividade e de ter sido a grande beneficiada deste processo, permite enquadrar esta actividade como turismo de base comunitária. Desta forma, no presente estudo pretendeu-se propor um modelo integrado para esta forma de turismo, o qual se designou por Turismo Residencial de Base Comunitária.

Após a análise das percepções dos diversos intervenientes entrevistados, os dados apontam para a validação do modelo proposto e que o CBRT contribui para o desenvolvimento sustentável da comunidade (Figura 3):

Figura 3

Modelo para o CBRT



De facto, para que o CBRT possa ser implementado com sucesso tem que se garantir que existe o nível de procura ajustado, que o destino apresenta o nível organizacional adequado para fazer face a todas as necessidades e por fim que a competitividade esteja assegurada face a outros destinos.

Na perspectiva do comportamento da procura, o sucesso do destino depende das suas atracções, dos serviços disponibilizados e das acessibilidades. Já na perspectiva da organização do destino, o sucesso depende da existência de recursos administrativos (infra-estruturas e suporte político), de recursos produtivos (alojamento, restauração e entretenimento) e das relações que se estabelecem e desenvolvem no seio da comunidade entre os anfitriões, visitantes e partes interessadas. Por último, na perspectiva da competitividade, o sucesso do destino depende da existência de vantagens comparativas (recursos naturais e culturais) e vantagens competitivas (recursos criados), que o torne mais atractivo face a destinos concorrentes.

Atendendo ao potencial interesse de uma comunidade rural, de uma pequena aldeia, em utilizar uma iniciativa de CBRT para contribuir para a sua sustentabilidade, os principais benefícios que podem esperar, passam por:

- Dinamização do mercado trabalho local
- Melhoria do nível de vida
- Rejuvenescimento da população
- Consolidação do espírito de comunidade
- Melhoria do nível de serviços e comércio
- Reforço de fundos para saúde, segurança e educação
- Disponibilidade de fundos para manutenção do património ambiental e construído

No entanto é de referir que, juntamente com esses benefícios, podem também existir os seguintes custos:

- Impacte na cultura e no ambiente
- Envolvimento activo e permanente da comunidade
- Aumento do custo de vida
- Partilha do património local com os visitantes

Para além de existirem riscos associados:

- Dependência da flutuação semanal dos visitantes
- Perca da autenticidade
- Atingir a capacidade de carga
- Perca da tranquilidade
- Crescimento da pressão turística
- Especulação imobiliária

Dadas as diferentes características e realidades de cada destino, não existe um modelo único que se possa aplicar para o desenvolvimento de um projecto deste tipo. A implementação do CBRT é um processo complexo e que apesar de todos os benefícios implica custos e riscos, pelo que tem

de ser realizado de forma sistemática para que nada seja deixado ao acaso.

A única certeza, sendo o objectivo do turismo de base comunitária contribuir para a sustentabilidade da comunidade onde está a ser implementado, é que se trata dum processo que não tem fim e que tem de ser trabalhado permanentemente por todas as partes interessadas da comunidade.

5.2. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

O surgimento do CBRT em Santo Estevão trouxe enormes mudanças na vida quotidiana dos seus habitantes, tendo alterado por completo o paradigma da comunidade:

- Desde a década de 1940, que Santo Estevão se encontrava num ciclo de declínio e envelhecimento populacional, que foi interrompido e invertido
- Os habitantes de Santo Estevão dependiam sobretudo de actividades ligadas à agricultura e pecuária e agora prevalecem os empregos ligados aos serviços e comércio
- A vinda de visitantes de um nível socioeconómico mais elevado, que valorizam a qualidade, fomentou o empreendedorismo local e abriu a possibilidade para o crescimento de empregos mais qualificados, permitindo assim o regresso dos jovens da terra que saíram para prosseguir os seus estudos.

Para a comunidade anfitriã, os principais impactes da implementação do CBRT na sua qualidade de vida, foram os seguintes:

- Aumento das oportunidades de emprego local
- Aumento do nível económico da vida em geral
- Aumento do sentimento de orgulho próprio da comunidade
- Melhoria nas acessibilidades em geral
- Maior disponibilidade de serviços ao nível local
- Aumento do nível de qualidade do comércio local
- Melhoria do seu nível cultural, através da aprendizagem com os novos habitantes

- Garantia da preservação do ambiente, pois trata-se duma actividade não poluente
- Garantia da manutenção das suas tradições e costumes, pois é algo valorizado pelos visitantes

Se é verdade que a população anfitriã tem sido a grande beneficiada do turismo, é essencial não esquecer os turistas residenciais. Na realidade, do ponto de vista da sustentabilidade da aldeia é crucial que os visitantes estejam satisfeitos e que se garanta a sua satisfação no futuro, caso contrário deixam de vir, o que traria consequências para o equilíbrio da aldeia. As características mais relevantes que têm contribuído para atrair turistas para Santo Estevão são as seguintes:

- Proximidade de Lisboa
- Boas acessibilidade
- Tranquilidade
- Ambiente rural
- Simpatia da comunidade local
- Espírito de aldeia
- Desportos equestres e actividades hípcas

No entanto, actualmente, nota-se um défice de ofertas turísticas que permitam aumentar a procura dos turistas residenciais por este local, sejam eles novos ou aqueles que deixaram de vir e que mantêm as suas casas fechadas.

Pelo que seria essencial que, para além da oferta actual do golfe, da caça e da gastronomia, se incentivasse a retoma dos desportos equestres e actividade hípcas, a integração de Santo Estevão no circuito do estuário do Tejo e a criação de roteiros pedestres aproveitando o património ambiental da freguesia.

De outro ponto de vista, tendo em conta a flutuação semanal no fluxo de pessoas na aldeia, seria também importante conseguir o equilíbrio da comunidade com outro tipo de turistas que viessem durante a semana, tirando, para isso, partido da proximidade a Lisboa. No entanto, para atrair turistas estrangeiros ou nacionais de curta duração, será necessário criar infra-estruturas de acolhimento, i.e., unidades hoteleiras ou iniciativas de alojamento local.

A harmonia social entre residentes e turistas é fundamental para a sustentabilidade do destino e as autoridades tem que estar atentas a estes equilíbrios sociais e precisam ter um papel activo nesta fase de desenvolvimento, tendo em conta os antecedentes históricos.

A actividade turística em Santo Estevão principiou pela iniciativa de um cidadão que se apercebeu do seu potencial e teve uma visão para o desenvolvimento local. Esta pessoa conseguiu dinamizar toda actividade necessária para o efeito, envolvendo a comunidade e as autoridades locais e regionais, que prontamente se associaram ao projecto. No entanto, não foi acautelada a continuidade e o falecimento do dinamizador deixou um vazio.

Se em termos das relações sociais não houve impacte pois há de facto um equilíbrio e uma harmonia social entre os membros da comunidade, já não se pode afirmar o mesmo em relação à visão e à estratégia de desenvolvimento do turismo, que com a crise sofreu um forte abalo.

Assim, devem ser criadas as condições para que formalmente possa haver um espaço de debate entre todas as partes interessadas sobre o turismo e seu planeamento, de forma a que a comunidade esteja sempre no centro de decisão sobre as questões do turismo e para que quaisquer fontes de conflito sejam detectadas de imediato.

Este é um aspecto que tem sido descurado e para o qual os membros da comunidade, tanto residentes como turistas residenciais, estão abertos e interessados em cooperar.

Outra questão indispensável para o desenvolvimento do CBRT e que tem sido esquecida, é a criação de um sistema de monitorização e avaliação, pois só dessa forma se pode acompanhar o desenrolar da actividade e identificar os problemas e riscos que vão surgindo. Para isso, é necessário recolher informação de uma forma sistemática, junto dos turistas e residentes, para se poder analisar os impactes da actividade e tomar medidas de acção consoante a avaliação efectuada.

Face às dificuldades referidas, que surgiram para a actividade do turismo em Santo Estevão, seria importante para o projecto de CBRT um conjunto de medidas.

Assim, recomenda-se aos membros da comunidade:

- A constituição duma associação de representantes da comunidade que possam gerir a iniciativa de CBRT

Aos decisores políticos recomenda-se:

- A definição dum plano de acção para a continuidade do CBRT
- A elaboração dum levantamento de necessidades para o desenvolvimento da actividade turística
- A criação dum sistema de controle e de avaliação

Aos empresários ligados ao turismo, aconselha-se:

- A análise do potencial de investimento em Santo Estevão, de forma a aproveitar as oportunidades identificadas.

5.3. LIMITAÇÕES E FUTURAS INVESTIGAÇÕES

O presente trabalho incidiu sobre a realidade de Santo Estevão. Neste destino, em concreto, concluiu-se que a iniciativa de CBRT tem contribuído para a sustentabilidade da aldeia e que por isso, nesse sentido, está a ser um sucesso, o que pode ser medido pelo grau de satisfação dos residentes e turistas residenciais em relação à sua qualidade de vida. No entanto, dada a especificidade da localização, das características do destino, do enquadramento histórico da iniciativa, pode ser difícil tirar conclusões que permitam generalizar a sua aplicação a outras aldeias.

É de referir também que, como no estudo se estão a levantar percepções para aferir mudanças sociais, o momento da recolha de dados poderá também influenciar os resultados, pelo que seria interessante realizar o mesmo estudo noutra momento do tempo.

Assim, para futuras investigações seria interessante:

- voltar a aplicar os mesmos guiões de entrevistas em Santo Estevão, passados alguns anos e a pessoas diferentes, de forma a validar as conclusões do presente trabalho
- identificar outras aldeias que apresentem iniciativas de CBRT e aplicar o mesmo estudo para se poder comparar com Santo Estevão e dessa forma suportar o modelo proposto

REFERÊNCIAS

- Aledo, A. & Mazón, T. (2004). Impact of residential tourism and the destination life cycle theory. In F. D. Pineda, C. A. Brebbia & M. Mugica (eds.) *Sustainable Tourism*, 25-36. Southampton: WIT Press.
- Blackstock, K. (2005). A critical look at community based tourism. *Community Development Journal*, 40(1), 39-49.
- Choi, H. C. & Sirakaya, E. (2006). Sustainability indicators for managing community tourism. *Tourism management*, 27(6), 1274-1289.
- Cooper, D. & Schindler, P. (2014). *Business research methods* (12th ed.). New York: McGraw-Hill/Irwin
- Cunha, L. & Abrantes, A. (2013). *Introdução ao Turismo* (5^a ed.). Lisboa: Lidel, Edições Técnicas.
- Cunha, L. (2008). Avaliação do potencial turístico. Cogitur, *Journal of Tourism Studies*, 1(1).
- Dwyer, L. & Kim, C. (2003). Destination competitiveness: determinants and indicators. *Current issues in tourism*, 6(5), 369-414.
- European Commission [EC]. (2003). *A Manual for Evaluating the Quality Performance of Tourist Destinations and Services*. Luxembourg: Enterprise DG Publication.
- Farsari, Y., Butler, R. & Prastacos, P. (2007). Sustainable tourism policy for Mediterranean destinations: issues and interrelationships. *International Journal of Tourism Policy*, 1(1), 58-78.
- George, B. P., Nedelea, A. & Antony, M. (2007). The Business of Community Based Tourism: A Multi-Stakeholder Approach. *Tourism Issues*, 3, 1-19.
- Giampiccoli, A. & Mtapuri, O. (2017). Beyond community-based tourism. Towards a new tourism sector classification system. *Gazeta de Antropologia*, 33(1), 1-14.
- Goeldner, C. R. & Ritchie, J. B. (2012). *Tourism: principles, practices, philosophies* (12th ed.). New Jersey: John Wiley and Sons, Inc.

- Hallack, N., Burgos, A. & Carneiro, D. (2011). Turismo de base comunitária: estado da arte e experiências brasileiras. *Revista Ambientalmente Sustentável*, 11-12(1), 7-25.
- Holloway, J. C., Humphreys, C. & Davidson, R. (2009). *The Business of Tourism (8th ed.)*. Harlow: Pearson Education Limited.
- Huete, R., Mantecón, A. & Mazón, T. (2008) Analysing the Social Perception of Residential Tourism Development. In C. Costa and P. Cravo (Coord.) *Advances in Tourism Research*, 153-161. Aveiro: IASK.
- Instituto Nacional de Estatística [INE]. (2018). Publicações Censos - Recenseamento geral da população. http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacoes. Acedido a 25 de Maio, 2018 de INE em <http://censos.ine.pt>
- Kim, K., Uysal, M. & Sirgy, M. J. (2013). How does tourism in a community impact the quality of life of community residents?. *Tourism Management*, 36, 527-540.
- Lindström, K. N. & Larson, M. (2016). Community-based tourism in practice: evidence from three coastal communities in Bohuslän, Sweden. *Bulletin of Geography. Socio-economic Series*, 33, 71-78.
- Mantecón, A. & Huete, R. (2008). The value of authenticity in residential tourism. The decision-maker's point of view. *Tourist Studies*, 8(3), 359-376.
- Martinez, T. M. & Tur, A. A. (2005). Los límites del turismo residencial: el caso de Torre Vieja. *Estudios turísticos*, 165, 77-95.
- Mathew, P. V. & Sreejesh, S. (2017). Impact of responsible tourism on destination sustainability and quality of life of community in tourism destinations. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 31, 83-89.
- Nieves, R. H., Terán, A. M. & Martinez, T. M. (2008). ¿De qué hablamos cuando hablamos de turismo residencial?. *Cuadernos de turismo*, 22, 101-121.
- O'Reilly, K. (2007). Emerging tourism futures: Residential tourism and its implications. In C. Geoffrey and R. Sibley (eds.). *Going Abroad: Travel, Tourism, and Migration. Cross-Cultural Perspectives on Mobility*, 144-157. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Okazaki, E. (2008). A community-based tourism model: Its conception and use. *Journal of*

Sustainable Tourism, 16(5), 511-529.

Patton, M. (2002). *Qualitative evaluation and research methods* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage publications.

Prince, S. & Ioannides, D. (2017). Contextualizing the complexities of managing alternative tourism at the community-level: A case study of a Nordic eco-village. *Tourism Management*, 60, 348-356.

Quintas, M. C. & Dimas, V. (2009). *Santo Estêvão de Benavente - Passado, Presente e... Futuro* (1.^a ed.). Junta de Freguesia de Santo Estêvão.

UNWTO (2010). United Nations & World Tourism Organization. International Recommendations for Tourism Statistics – 2008. *Studies in Methods. Series M No. 83/Rev.1*. New York: United Nations.

United Nations World Tourism Organization [UNWTO]. (2017). <http://media.unwto.org/press-release/2017-01-03/2017-international-year-sustainable-tourism-development>. Acedido a 19 de Maio, 2017 de UNWTO em <http://www2.unwto.org>

Williams, A. M., King, R., Warnes, A., & Patterson, G. (2000). Tourism and international retirement migration: new forms of an old relationship in southern Europe. *Tourism Geographies*, 2(1), 28-49.

World Travel & Tourism Council [WTTC]. (2017). <https://www.wttc.org/about/media-centre/press-releases/press-releases/2017/tourism-supports-1-in-10-jobs-outpacing-global-economy-for-6th-consecutive-year-wttc/>. Acedido a 19 de Maio, 2017 de WTTC em <https://www.wttc.org>

Yin, R. K. (2009). *Case study research: Design and methods* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage publications.

APÊNDICES

APÊNDICE A - INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE

Quadro A1

Indicadores de sustentabilidade para o desenvolvimento do CBT – Dimensão Económica

| Temas chave | Indicadores |
|--|--|
| Emprego | Crescimento do emprego no turismo Taxa de desemprego Crescimento do emprego em geral |
| Distribuição de rendimento / fuga e ligação ao capital | Percentagem de fuga de rendimentos da comunidade Relações intersectoriais / parcerias no turismo Multiplicadores de emprego e rendimento nas despesas do turismo Taxa de mudança da compra de produtos locais (valor e variedade) Importação de conteúdos Percentagem do turismo na economia local Percentagem de estabelecimentos turísticos que são propriedade de estrangeiros Percentagem de reinvestimento das receitas no desenvolvimento da comunidade |
| Formação de capital na comunidade / investimento | Disponibilidade de crédito local para empresas locais Oportunidades empresariais para os moradores locais Percentagem dos negócios em geral, que são propriedade externa Percentagem de reinvestimento das receitas em gestão e protecção de áreas reservadas naturais e culturais |
| Natureza da procura | Percentagem de visitantes que regressam Sazonalidade do turismo |
| Bem-estar económico | Rácio comparativo entre salários do sector do turismo e salário médio local Novo PIB (índice de bem-estar económico sustentável) Estabilidade económica da comunidade local |
| Colaborador/Empresa e condições de trabalho | Custo / benefício social a nível comunitário para a análise do benefício líquido para a economia local Existência de uma estrutura de taxas adequada (por exemplo, taxa de entrada mais elevada para os turistas e taxa de entrada baixa para os locais e doações adicionais) Igualdade de oportunidades de emprego e promoção para mulheres e residentes locais |
| Receitas do governo local | Taxa de hotel/motel |

Fonte: Choi & Sirakaya (2006)

Quadro A2

Indicadores de sustentabilidade para o desenvolvimento do CBT – Dimensão Social

| Temas chave | Indicadores |
|--|--|
| Comunidade anfitriã / residentes e partes interessadas | Satisfação da comunidade anfitriã com o desenvolvimento do turismo |
| | Atitude da comunidade anfitriã em relação ao desenvolvimento do turismo |
| | Continuação das actividades tradicionais por parte dos residentes locais |
| | Níveis de stress na relação visitante / comunidade anfitriã |
| | Propriedade de casas por residente / não residentes (2 ^a residências / turistas residenciais) |
| | Nível de harmonia entre as partes interessadas |
| Coesão social | Participação dos residentes na indústria do turismo |
| | Mudança na coesão social |
| | Mudança na estrutura da comunidade evidenciando colapso e alienação da comunidade |
| Turismo sexual | Mudança na coesão familiar |
| | Turismo sexual |
| | Percentagem população empregada no turismo sexual |
| | Número e taxa de prostituição na indústria local de turismo sexual |
| Satisfação do turista | Atitude da comunidade em relação ao turismo sexual |
| | Satisfação do turista / atitude em relação ao desenvolvimento do turismo |
| Recursos da comunidade | Degradação / erosão de recursos naturais e culturais |
| Distribuição de recursos / poder | Mudança na estrutura social (mudança do poder e suas implicações socioeconómicas) |
| | Percentagem do emprego dos residentes locais em cargos de gestão |
| Saúde e segurança na comunidade | Lixo / poluição (ar, água, etc.) |
| | Superlotação |
| | Congestionamento do tráfego (estradas) |
| | Taxa de crime |
| | Sensibilização e consciencialização do público para o valor do turismo |
| | Número de incidentes de vandalismo relatados |
| | Saúde comunitária (disponibilidade de políticas de saúde relacionadas com o turismo) |
| Perda do estilo de vida e dos conhecimentos tradicionais através da modernização | |
| Qualidade de vida em geral | Níveis de satisfação com a vida comunitária em geral (QOL) |

Fonte: Choi & Sirakaya (2006)

Quadro A3

Indicadores de sustentabilidade para o desenvolvimento do CBT – Dimensão Cultural

| Temas chave | Indicadores |
|-----------------------------|--|
| Edifício / arquitectura | Comparação das construções vernaculares locais com as novas construções Tipos de material de construção e decoração |
| Gestão dos locais culturais | Nível de manutenção de sites culturais Disponibilidade de fundos e recursos de manutenção do locais culturais Comercialização Número de locais culturais designados oficialmente e sua gestão |
| Tecido sócio-cultural | Retenção dos costumes e línguas locais Mudança do nível de orgulho no património cultural local Porcentagem de satisfação com integridade cultural Perda de autenticidade e tornar-se impessoal |
| Educação cultural | Tipo e quantidade de formação dado aos funcionários do turismo (guias) Tipo de informação dada aos visitantes antes e durante as visitas ao local (vídeo de promoção nos voo de chegada ou folhetos de sensibilização do público) Nível de sensibilidade do material explicativo e das actividades desenvolvidas |

Fonte: Choi & Sirakaya (2006)

Quadro A4

Indicadores de sustentabilidade para o desenvolvimento do CBT – Dimensão Ambiental

| Temas chave | Indicadores |
|---|--|
| Perda de recursos renováveis | Índice de qualidade do ar |
| | Nível de erosão nos locais naturais |
| | Número de dias de boa qualidade do ar |
| | Frequência de acidentes ambientais relacionados ao turismo |
| | Número de locais contaminados |
| Taxa de destruição / degradação do ecossistema | Nível de protecção (classificação IUCN, i.e., parques, praias, espécies, ecossistema frágil) |
| | Dados de consumo per capita de água / energia |
| | Percentagem de designação sob protecção ou gestão ambiental |
| Avaliação dos impactes ambientais da actividade turística | Avaliação continuada do impacto ambiental |
| | Contabilização do ambiente natural e análise dos ciclo de vida |
| | Número de espécies ameaçadas |
| Taxas de reutilização / reciclagem | Disponibilidade, tamanho e condições da floresta urbana |
| | Crescimento / remoção de madeira |
| | Recursos renováveis utilizados |
| | Taxa de reciclagem |
| Saúde da população humana (residentes / visitantes) | Utilização da pesca |
| | Exigência de controle formal sobre o desenvolvimento do território e densidade de uso |
| | Tipo e quantidade de educação ambiental dado aos funcionários (guias) |
| | Intensidade de utilização |
| | Descarga per capita de águas residuais |
| Perda de recursos não-renováveis | Dimensão dos grupos nos locais (capacidade de carga) |
| | Descarga per capita de resíduos sólidos |
| | Nível de perda de vegetação |
| | Nível de stress e de perda de espécies ameaçadas |
| | Atractividade do local |

Fonte: Choi & Sirakaya (2006)

Quadro A5

Indicadores de sustentabilidade para o desenvolvimento do CBT – Dimensão Política

| Temas chave | Indicadores |
|---|---|
| Política de controle orientada localmente | Existência de políticas de controle de desenvolvimento Conformidade legal (acusações, multas, etc.) Presença de autoridade ou planeadores turísticos na comunidade local Força e duração do grupo consultivo e de planeamento local Percentagem de propriedade estrangeira / externa dos estabelecimentos turísticos Incorporação e implementação das ideias locais na gestão da comunidade / dos locais de atracção Relações intersectoriais a nível local / regional / nacional ONGs ambientais locais |
| Participação política | Participação dos residentes locais no processo de planeamento Colaboração com as partes interessadas Nível de cooperação entre os grupos de partes interessadas Parcerias público-privado Existência de conselho consultivo residente Consciencialização do significado e implicações do turismo sustentável (definir) |
| Política de planeamento local | Existência políticas de gestão do ar, da poluição da água, de resíduos Existência e níveis da política de desenvolvimento do território Plano director de turismo Inclusão do turismo no processo de planeamento comunitário como uma das principais componentes Avaliação formal da implementação e/ou processo do plano de turismo sustentável Existência de fundos e políticas de segurança, segurança e saúde de visitantes Existência de plano de turismo sustentável Emissão de licenças de construção (globalmente e directamente relacionadas com o turismo) Código de Ética |
| Apoios políticos a todos os níveis do governo | Incorporação e implementação de ideias locais na gestão de comunidades / locais de atracção Atitude dos líderes políticos e de ONGs locais no desenvolvimento e conservação Comunicação bidireccional entre residentes e governo local Nível de apoio aos projectos de conservação / desenvolvimento a nível local Disponibilidade e tipos de programas de incentivo baseados no desempenho Nível de apoio aos projectos de conservação / desenvolvimento a nível regional Existência, tipo e nível de programas de formação Nível de apoio aos projectos de conservação / desenvolvimento a nível nacional Disponibilidade de recursos de financiamento acessíveis |

Fonte: Choi & Sirakaya (2006)

Quadro A6

Indicadores de sustentabilidade para o desenvolvimento do CBT – Dimensão Tecnológica

| Temas chave | Indicadores |
|---|---|
| Conhecimento científico e suporte tecnológico | Recolha precisa de dados e alteração das informações turísticas |
| | Adopção e utilização de novas tecnologias e de baixo impacto |
| | Benchmarking - genérico e competitivo (eficiência de entrada / saída) |

Fonte: Choi & Sirakaya (2006)

APÊNDICE B - GUIÃO DE ENTREVISTA

Quadro B1 - Guião de entrevista (parte 1)

| # | Nível de análise | Questões para todos os membros da comunidade |
|----|------------------|---|
| 1 | Procura | Como é que evoluiu a procura de 2ª habitação nos últimos 20/25 anos? |
| 2 | | O que mudou em termos de oferta de imóveis para 2ª habitação? |
| 3 | | Qual o tipo de procura existente, casas na aldeia ou novos empreendimentos? |
| 4 | | Qual o tipo de utilização dado aos novos imóveis? |
| 5 | Organização | Como é que era a vida na aldeia antes e depois do boom da 2ª habitação? |
| 6 | | Que alterações aconteceram na oferta de serviços e comércio nos últimos 25 anos? |
| 7 | | Houve alterações na oferta de serviços de saúde nos últimos 25 anos? |
| 8 | | Nota alguma diferença na oferta educativa existente na aldeia nos últimos 25 anos? |
| 9 | | Qual foi a evolução do investimento público local nas infra estruturas da aldeia (arruamentos, acessibilidades, transportes, património)? |
| 10 | | Nestes 25 anos, como é que tem sido feita a integração de novos elementos na comunidade local? |
| 11 | | Como é que tem sido feita a atracção de turistas para a região? |
| 12 | | Como tem sido feito o loteamento e a construção de novos imóveis? |
| 13 | | Quais as características naturais e patrimoniais distintivas da região? O que mudou nestes últimos anos? |
| 14 | | As tradições culturais e gastronómicas têm sido preservadas ao longo do tempo? |
| 15 | | Que festivais e eventos se realizam na aldeia? Houve alterações nos últimos anos? |
| 16 | | A aldeia continua a ser um local seguro ou houve alterações neste equilíbrio? |
| 17 | Competitividade | Nestes 25 anos considera que se tem assistido à degradação do ambiente? A poluição é uma preocupação? |
| 18 | | Qual a frequência da recolha do lixo? Como é que evoluiu a recolha do lixo de forma a acompanhar o crescimento da população? |
| 19 | | Como é que é feita a manutenção do património? Existe esta preocupação? |
| 20 | | Que características tornam este destino atractivo? |

Quadro B2 - Guião de entrevista (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Questões para residentes permanentes |
|----|---|
| 1 | Em que medida o sector do turismo tem tido uma contribuição relevante para o emprego local? Qual tem sido o efeito do turismo nas oportunidades de emprego locais? Acha que o maior impacto se traduz na criação do próprio emprego ou por conta doutrem? |
| 2 | O consumo de produtos e serviços locais tem-se alterado com o crescimento do turismo? Que alterações tem observado? |
| 3 | No seu entender as iniciativas locais de turismo são propriedade dos locais ou pelo contrário, estão na posse de pessoas externas à comunidade? Acha que existem incentivos suficientes para criar um negócio? |
| 4 | Na sua opinião as receitas provenientes do turismo são aplicadas no melhoramento do património natural e cultural? De que forma? |
| 5 | Existem flutuações na permanência dos turistas no local ao longo do ano? Como descreve essa distribuição? |
| 6 | O turismo tem contribuído para o desenvolvimento local? Em que medida? Gosta de viver aqui? |
| 7 | Sente-se confortável em partilhar o local com os turistas residentes? Gostaria que houvesse mais turistas deste tipo? |
| 8 | Acha que o turismo trouxe alterações na organização social? Quais? E existem mecanismos que asseguram a representatividade de todos os grupos socioeconómicos ou o poder está mal distribuído? |
| 9 | A sua satisfação em relação à vida comunitária em geral alterou-se com o crescimento do turismo? De que forma? |
| 10 | O crescimento do turismo tem contribuído para o aparecimento de políticas de controlo de desenvolvimento? Pode dar algum exemplo? |
| 11 | No seu entender, no que respeita o planeamento do turismo, existe uma boa articulação entre as autoridades locais, regionais e nacionais? |
| 12 | Os residentes locais têm um papel activo no processo de planeamento do turismo? Em que medida? |
| 13 | Todas as partes interessadas ligadas à actividade do turismo colaboram activamente no processo de planeamento? De que forma? |
| 14 | Existe um plano director para o turismo ao nível local? O enquadramento legal é o adequado para o desenvolvimento do turismo? |
| 15 | Existem fundos e políticas de segurança e saúde para garantir a assistência adequado aos visitantes? |
| 16 | O aumento do turismo teve impacto no aumento do lixo e poluição (ar, água, etc.)? De que forma? |
| 17 | O crescimento do turismo teve efeitos na taxa de criminalidade local? Em que medida? |
| 18 | Considera que existe um nível adequado de manutenção dos locais culturais? Em que medida? |
| 19 | Qual o impacto do crescimento do turismo na autenticidade da comunidade? Há alterações nos hábitos e costumes? Quais? |
| 20 | Existe algum tipo de informação promocional sobre a comunidade preparada para os visitantes? Pode dar algum exemplo? |
| 21 | Qual o impacto do turismo na degradação/erosão dos locais naturais? Em que medida? |
| 22 | Do ponto de vista de saúde publica existem os meios adequados disponíveis para residentes e visitantes? Em que medida? |
| 23 | Acha que ainda existe espaço para crescimento do número de visitantes? Em que medida se atingiu a capacidade de carga do local? |
| 24 | Em que medida a oferta e a procura turística estão ajustadas? Acha que há necessidade de diversificar a oferta de forma a aumentar a atractividade e o valor do destino? Porquê? |
| 25 | Sente que a informação sobre as actividades ligadas ao turismo é recolhida de forma adequada e que a actualização da informação é feita em consonância? Em que medida? |

Quadro B3 - Guião de entrevista (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Questões para turistas residenciais |
|----|--|
| 1 | Em que medida o turismo contribui para a criação de oportunidades de emprego locais? |
| 2 | Procura consumir produtos e serviços locais? Valoriza os produtos locais? No seu entender o que pode ser melhorado? |
| 3 | No seu entender as iniciativas locais de turismo são propriedade dos locais ou pelo contrário, estão na posse de pessoas externas à comunidade? Encontra incentivos para a criação de negócios? |
| 4 | Na sua opinião as receitas provenientes do turismo são aplicadas no melhoramento do património natural e cultural? De que forma? |
| 5 | Qual o tipo de utilização que faz da sua 2ª casa? Para utilização própria ou disponibiliza a terceiros (quer seja emprestada ou arrendada)? Com que frequência vem ao local ao longo do ano e qual é tipicamente o tempo de estadia? |
| 6 | Sente que a população anfitriã está satisfeita com o desenvolvimento do turismo? De que forma? |
| 7 | Sente-se bem acolhido pela comunidade anfitriã? Gostaria que houvesse mais turistas? |
| 8 | Sente que o turismo alterou a estrutura da organização social da comunidade? De que forma? |
| 9 | Como descreve a sua satisfação em relação à vida comunitária em geral? Gosta de viver aqui? O que pode ser melhorado? |
| 10 | Sente que existem políticas locais de controlo de desenvolvimento? Pode dar algum exemplo? |
| 11 | No seu entender, no que respeita ao planeamento do turismo, existe uma boa articulação entre as autoridades locais, regionais e nacionais? |
| 12 | Acha que os residentes locais têm um papel activo no processo de planeamento do turismo? Em que medida? |
| 13 | Tem forma de participar activamente no processo de planeamento do turismo? Em que medida? |
| 14 | Existe um plano director para o turismo ao nível local? O enquadramento legal é o adequado para o desenvolvimento do turismo? |
| 15 | Existem fundos e políticas de segurança e saúde para garantir a assistência adequada aos visitantes? |
| 16 | Considera que os níveis de controlo do lixo e poluição (ar, água, etc.) são aceitáveis? Em que medida? |
| 17 | O local é seguro para viver ou sente-se de alguma forma ameaçado? Em que medida? |
| 18 | Considera que existe um nível adequado de manutenção dos locais culturais? Em que medida? |
| 19 | A comunidade mantém a sua autenticidade ou o crescimento do turismo tem contribuído para a tornar impessoal? De que forma? Como vê a alteração de hábitos e costumes locais? |
| 20 | Conhece e/ou já recebeu algum tipo de informação promocional sobre a comunidade/local? Pode dar algum exemplo? |
| 21 | O turismo tem contribuído para a degradação/erosão dos locais naturais? Porquê? |
| 22 | Do ponto de vista de saúde pública existem os meios adequados disponíveis para residentes e visitantes? Em que medida? |
| 23 | Acha que ainda existe espaço para crescimento do número de visitantes? Em que medida se atingiu a capacidade de carga do local? |
| 24 | Em que medida a oferta e a procura turística estão ajustadas? Acha que há necessidade de diversificar a oferta de forma a aumentar a atractividade e o valor do destino? Porquê? |
| 25 | Sente que a informação sobre as actividades ligadas ao turismo é recolhida de forma adequada e que a actualização da informação é feita em consonância? Em que medida? |

Quadro B4 - Guião de entrevista (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Questões para entidades privadas |
|----|--|
| 1 | Para o desenvolvimento do seu negócio, encontra localmente os recursos humanos com as competências necessárias? Como tem evoluído o consumo de produtos e serviços locais motivado pelo turismo? Que impacto teve no seu negócio? Gostaria que fosse diferente do actual? Quais as perspectivas futuras para a evolução da procura e oferta turísticas localmente? |
| 2 | No seu entender as iniciativas locais de turismo são propriedade dos locais ou pelo contrário, estão na posse de pessoas externas à comunidade? Existem incentivos para fomentar o empreendedorismo local? E para criar um negócio? Que áreas de negócio ligadas ao turismo têm maior expressão? |
| 3 | Na sua opinião as receitas provenientes do turismo são aplicadas no melhoramento do património natural e cultural? De que forma? |
| 4 | As flutuações na permanência dos turistas no local ao longo do ano afectam o seu negócio? De que forma? Como descreve essa distribuição e que iniciativas desenvolveu para minimizar os efeitos negativos? Que aspectos são mais valorizados ou criticados pelos turistas? |
| 5 | O turismo tem contribuído para o desenvolvimento local? A comunidade local tem beneficiado com o turismo? Em que medida? |
| 6 | Sente que existe um bom relacionamento entre a comunidade e os visitantes? Gostaria que houvesse mais turistas? |
| 7 | Acha que o turismo trouxe alterações na organização social? Quais? E existem mecanismos que asseguram a representatividade de todos os grupos socioeconómicos ou o poder está mal distribuído? |
| 8 | Como qualifica o nível de satisfação em relação à vida comunitária em geral? O que foi feito e o que falta fazer? |
| 9 | Acha que o crescimento do turismo tem contribuído para a criação de políticas de controlo de desenvolvimento? Pode dar algum exemplo? Como avalia o relacionamento com as autoridades locais? |
| 10 | No seu entender, no que respeita o planeamento do turismo, existe uma boa articulação entre as autoridades locais, regionais e nacionais? |
| 11 | Acha que os residentes locais têm um papel activo no processo de planeamento do turismo? Em que medida? |
| 12 | Todas as partes interessadas ligadas à actividade do turismo colaboram activamente no processo de planeamento? De que forma? |
| 13 | Existe um plano director para o turismo ao nível local? O enquadramento legal é o adequado para o desenvolvimento do turismo? |
| 14 | Existem fundos e políticas de segurança e saúde para garantir a assistência adequado aos visitantes? |
| 15 | O aumento do turismo tem contribuído negativamente para o aumento do lixo e poluição (ar, água, etc.)? Porquê? |
| 16 | Do ponto de vista do seu negócio, o crescimento do turismo teve efeitos na taxa de criminalidade local? Em que medida? |
| 17 | Considera que existe um nível adequado de manutenção dos locais culturais? Em que medida? |
| 18 | O crescimento do turismo tem tido impacto na autenticidade da comunidade, tornando-a impessoal? Em que medida? |
| 19 | Existe algum tipo de informação promocional sobre a comunidade preparada para os visitantes? Pode dar algum exemplo? |
| 20 | Qual o impacto do turismo na degradação/erosão dos locais naturais? Em que medida? |
| 21 | Do ponto de vista de saúde pública existem os meios adequados disponíveis para residentes e visitantes? Em que medida? |
| 22 | Acha que ainda existe espaço para crescimento do número de visitantes? Em que medida se atingiu a capacidade de carga do local? |
| 23 | Em que medida a oferta e a procura turística estão ajustadas? Acha que há necessidade de diversificar a oferta de forma a aumentar a atractividade e o valor do destino? Porquê? |
| 24 | Sente que a informação sobre as actividades ligadas ao turismo é recolhida de forma adequada e que a actualização da informação é feita em consonância? Em que medida? |
| 25 | |

Quadro B5 - Guião de entrevista (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Questões para autoridades |
|----|--|
| 1 | De que forma o crescimento do turismo se relaciona com as oportunidades de emprego para a população local? Acha que a população local tem as competências adequadas para dar respostas às oportunidades criadas pelo turismo? Em que medida? |
| 2 | Os turistas consomem produtos e serviços locais? De uma forma geral, qual a avaliação que fazem da oferta? Quais as perspectivas futuras para a evolução da procura e oferta turísticas localmente? |
| 3 | Como se distribui a propriedade dos estabelecimentos turísticos? As iniciativas locais de turismo são propriedade dos locais ou pelo contrário, estão na posse de pessoas externas à comunidade? Existem incentivos para fomentar o empreendedorismo local? Existem incentivos para atrair investimento externo? |
| 4 | O sector do turismo e as suas actividades têm um peso relevante nas receitas municipais? E as receitas do turismo são aplicadas no património natural e cultural? Qual o nível de reinvestimento das receitas em gestão e protecção de áreas reservadas naturais e culturais? |
| 5 | Como é que se distribui a vinda de turistas ao longo do ano? E que impactos são sentidos nas receitas municipais ao longo do ano? Que medidas existem para nivelar a flutuação da população temporária? |
| 6 | A comunidade local tem beneficiado com o turismo? Como é que qualifica o grau de satisfação da população local com o desenvolvimento do turismo? Que melhorias podem ser implementadas? |
| 7 | Existe um bom relacionamento entre a comunidade e os visitantes? Que medidas foram tomadas para evitar conflitos entre a comunidade e os visitantes? |
| 8 | O turismo alterou a estrutura da organização social da comunidade? Existe uma distribuição equilibrada do poder? Que mecanismos existem para garantir a representatividade de todos os grupos socioeconómicos? |
| 9 | Como qualifica o nível de satisfação em relação à vida comunitária em geral? O que mudou e o que pode ser melhorado? |
| 10 | De que forma o crescimento do turismo (e a sua flutuação populacional) tem contribuído para o aparecimento de políticas de desenvolvimento local? Quais os principais factores de sucesso e de risco para o desenvolvimento local? |
| 11 | No que respeita ao planeamento do turismo, que tipo de articulação existe entre as autoridades locais, regionais e nacionais? |
| 12 | Acha que os residentes locais têm um papel activo no processo de planeamento do turismo? Em que medida? |
| 13 | Todas as partes interessadas ligadas à actividade do turismo colaboram activamente no processo de planeamento? De que forma? Qual o papel das autoridades na criação de pontes de entendimento entre as partes interessadas? |
| 14 | Existe um plano director para o turismo ao nível local? Este instrumento é suficiente para o desenvolvimento adequado do turismo? E a legislação existente para o turismo é suficiente? De que forma? |
| 15 | Que tipo de políticas de segurança e saúde foram implementadas para dar a assistência adequada aos visitantes? E que fundos são disponibilizados para este efeito? |
| 16 | Que medidas têm sido tomadas para controlar o lixo e poluição (ar, água, etc.) causados pelo aumento do turismo? |
| 17 | Que alterações têm ocorrido na taxa de criminalidade motivadas pelo crescimento do turismo? Em que medida? |
| 18 | Que iniciativas foram implementadas para garantir um nível adequado de manutenção dos locais culturais? |
| 19 | Qual o impacto do crescimento do turismo na autenticidade da comunidade? Há alterações nos hábitos e costumes? Quais? |
| 20 | Existe algum tipo de informação promocional sobre a comunidade preparada para os visitantes? Quais? |
| 21 | Qual o impacto do turismo na degradação/erosão dos locais naturais? Em que medida? |
| 22 | Do ponto de vista de saúde pública existem os meios adequados disponíveis para residentes e visitantes? Em que medida? |
| 23 | Acha que ainda existe espaço para crescimento do número de visitantes? Em que medida se atingiu a capacidade de carga do local? |
| 24 | Em que medida a oferta e a procura turística estão ajustadas? Acha que há necessidade de diversificar a oferta de forma a aumentar a atractividade e o valor do destino? Porquê? |
| 25 | Quais os mecanismos existentes para a recolha de dados sobre a actividade do turismo? E qual a frequência de actualização da informação turística? |

APÊNDICE C – RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Quadro C1 - Percepções resultantes das entrevistas com todos os membros da comunidade

| # | Nível de análise | Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (Parte 1) |
|----|---|---|
| 1 | Procura | Forte crescimento até à crise. Nessa altura estagnou e agora sente-se um retomar da procura. |
| 2 | | Não há construções novas. A oferta é de casas já edificadas. E tanto quanto se apercebe não há muita disponibilidade. Há um sentimento que há muitas casas que estão fechadas e não são utilizadas |
| 3 | | Nota-se uma retoma em termos de procura mas não há muita oferta. Tanto nos novos empreendimentos à volta da Aldeia como na própria aldeia nos novos empreendimentos |
| 4 | | Para 2ª habitação e fim de semana. Há um sentimento geral que algumas dessas se transformaram em residência principal |
| 5 | Organizacional | É unânime que houve uma grande transformação. Passou de ambiente rural a ambiente de serviços. Antes, a actividade estava ligada sobretudo a agricultura e ao cavalo, no fundo ambiente de campo. E agora há mais serviços, ligados com as novas habitações, manutenção e remodelação. |
| 6 | | Mudou em função das novas necessidades causadas pelas quintas. Surgiram empresas locais de jardinagem, de segurança, para além de serviços de manutenção como electricista, pintores, carpinteiros. E comércio para servir a nova população. E 2 campos de Golfe e polo equestre com zona de lojas, restaurante e bar e bungalows |
| 7 | | Não há uma voz consensual, há quem diga que sim e há quem diga que nada mudou |
| 8 | | A nível de oferta educativa houve melhoria. Foi construída a creche, aumentou-se o jardim de infância e escola primária, pois aumentou o nº de crianças |
| 9 | | Houve melhorias nas acessibilidades e nos arranjos exteriores da aldeia. O transporte das crianças para a escola é agora assegurado pela Câmara mas o transporte público de ligação a Benavente é deficitário. Houve desenvolvimento e investimento público mas todos acham que podia ter sido maior. |
| 10 | | A integração das pessoas de fora foi boa. Inicialmente houve uma tentativa de aproveitamento por terem um maior poder de compra mas depois as coisas equilibraram. |
| 11 | | Boca a boca. Amigos e conhecidos |
| 12 | As grandes herdades foram divididas em parcelas o que permitiu construção de habitações com terreno. 1º a Herdade do Zambujeiro, depois a Mata do Duque (I e II), a Vila Nova de Santo Estevão. As parcelas têm dimensão e o índice de construção é baixo. No zambujeiro não há estradas alcatroadas, nem passeios pois faz parte do conceito. É um espaço natural. Tem sistemas autónomos (fossas assépticas e furos de captação de água). Embora a pouco e pouco se vão fazendo algumas melhorias nos pavimentos. Na Mata do Duque II a via principal já está alcatroada. Mas não é um espaço urbano. Pelo que não se irá fazer muito mais. | |

(Continua)

(Quadro C1 - Continuação)

| # | Nível de análise | Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (Parte 1) |
|----|------------------|---|
| 13 | | Em termo patrimoniais não tem características distintivas. Em termos naturais o montado, as lezírias ribatejanas e o estuário do Tejo. Santo Estevão sempre foi conhecido por actividades ligadas aos cavalos. Houve uma aposta nestas actividades hípicas. Desenvolveram actividades de equipagem e ligadas aos jóqueis. Fruto da crise estas actividades foram descontinuadas. Perdeu-se esse foco. |
| 14 | | Sim as tradições gastronómicas têm-se mantido e a Junta tem ajudado a dar maior visibilidade aos produtos da terra. A festa dos espargos e das trufas foi lançada recentemente (4/5 anos) com forte adesão dos restaurantes, da população e dos visitantes que vêm de propósito experimentar estas iguarias. |
| 15 | | As festas da aldeia são no último fim de semana de Agosto. Mantêm-se e tem crescido conseguindo atrair mais pessoas de fora sobretudo através de familiares, amigos e conhecidos pois não é feita muita divulgação fora do conselho |
| 16 | Competitividade | Sim continua a ser um local seguro. Houve um ligeiro aumento de assaltos em relação ao que havia há 30 anos, o que é normal pois há 30 anos não havia o que há hoje e foram episódios pontuais sobretudo no auge da crise. Obviamente que o país evoluiu e a este nível é diferente do que era antes mas continua a ser um local tranquilo e seguro |
| 17 | | Poluição não há. Construção de baixo índice com preocupação na preservação do parque florestal |
| 18 | | A Câmara teve o cuidado de acompanhar o crescimento e faz recolha de lixo várias vezes por semana. A Junta faz recolha de ramos verdes uma vez por semana. Houve um grande esforço para tentar corresponder às necessidades, que têm vindo a aumentar. A autarquia tem feito um esforço e não sendo perfeito, de uma forma geral consideram que está adequado. Mesmo a Junta faz a recolha às 6ª de verdes (ramos, folhas) que são colocadas ao lado ou dentro dos contentores. Actualmente já não há essa acumulação como acontecia dantes |
| 19 | | Existe. Vai sendo feita à medida das necessidades. Santo Estevão sempre foi arranjadinha e continua a ser |
| 20 | | Proximidade de Lisboa. A paisagem, a Natureza. A calma e a tranquilidade. Sossego e segurança. Não há filas nem problemas de estacionamento. Vida de pequena aldeia mas perto de Lisboa |

Quadro C2 – Percepções resultantes das entrevistas com Residentes Permanentes Nativos

Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
|---|---|---------------------|--------------|
| 1 | É unânime a opinião que este tipo de turismo residencial criou sobretudo oportunidades de emprego directamente relacionadas com as habitações, tais como, trabalho doméstico, limpeza, manutenção, jardinagem | | |
| 2 | Todos afirmam que o turismo tem impacto no consumo dos produtos e serviços locais. Há negócios que surgiram devido à vinda dos visitantes | | |
| 3 | A maior parte dos negócios estão ligados às pessoas da comunidade local, com uma ou outra excepção mas de pessoas do concelho. Desconhecem a existência de incentivos de apoio ao empreendedorismo | | |
| 4 | Há opiniões muito contrárias. Há quem ache que está bem e que a Câmara canaliza verbas para manter os espaços públicos que estão arrançados e para as acessibilidades e há quem ache que está mal e que a Câmara não faz nada. | | |
| 5 | Todos concordam que há um acréscimo de visitantes aos fins de semana ao longo do ano e eventualmente nos períodos de férias. | | |
| 6 | Todos os entrevistados são unânimes em afirmar que o turismo contribuiu muito para o desenvolvimento da aldeia. Todos gostam muito de viver em Santo Estevão. | | |
| 7 | Todos se sentem muito confortáveis com os visitantes. O relacionamento entre a comunidade e os visitantes é visto como muito boa e de uma forma geral acham que seriam bem vindos mais turistas. Outro sinal da boa convivência é que muitos dos habitantes de 2ª habitação transformaram-se em residentes permanentes. | | |
| 8 | Não há uma ideia clara sobre o efeito do turismo na organização social da comunidade. Uns acham que sim, pois houve uma mudança nas actividades dos locais e os visitantes trouxeram outra cultura e ideias, outros acham que nem por isso pois os visitantes encaixaram-se na comunidade existente | | |
| 9 | Todos são unânimes em afirmar que gostam de viver Santo Estevão e que se sentem satisfeitos com a vida comunitária, dado o bom relacionamento com os novos habitantes que acham que se integraram lindamente | | |

(Continua)

(Quadro C2 – Continuação)

Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
|----|---|--|---|
| 10 | Há um consenso claro em relação ao papel relevante da autarquia em matéria de controlo do desenvolvimento urbanístico. Consideram que a Câmara tem tido um papel importante e activo na preservação de toda a envolvente da Aldeia, apenas permitindo parcelas com alguma dimensão e níveis de construção baixos. Consideram também que houve uma atenção especial em aprovar a construção de casas que incluíssem elementos arquitectónicos da região ribatejana | | |
| 11 | | O sentimento geral é de que não existe planeamento do turismo. Há quem entenda que existe uma boa articulação entre a junta e a câmara mas não propriamente ao nível do turismo. | |
| 12 | Todos consideram que os residentes locais não têm um papel activo no planeamento do turismo | | |
| 13 | Todos consideram que não há participação activa no planeamento do turismo. Houve há uns anos, quando o Eng. Pimentel Fragoso apostou na região para desenvolver o turismo. Quando morreu, acabou... | | |
| 14 | Nenhum dos entrevistados tem conhecimento da existência dum plano director para o turismo. Todos acham que não existe nada a esse nível. | | |
| 15 | Em relação a políticas de saúde a opinião é unânime, é um assunto que não levanta preocupações. Acham que neste momento está adequado para a dimensão da aldeia. E para urgências há Vila Franca de Xira ou Lisboa. | | Em relação ao patrulhamento pela GNR há quem diga que existe e quem diga que não. |
| 16 | Todos acham que o turismo não contribuiu negativamente para o aumento da poluição. Todos afirmam que não há poluição. Em relação ao lixo, tem havido uma boa capacidade de adequação do município em termos de recolha. | | |
| 17 | Há unanimidade em relação à segurança e tranquilidade da aldeia. Não se sentem de nenhuma forma ameaçados em termos de criminalidade pois esta não existe. Algumas pessoas referem que no auge da crise houve alguns assaltos a vivendas fechadas mas nada que lhes tire o sono. | | |
| 18 | Todos consideram que há um nível adequado de manutenção dos locais culturais e da aldeia como um todo. Todos estão bastante satisfeitos com o grau de preservação do património, edificado e ambiental, da aldeia | | |

(Continua)

(Quadro C2 – Continuação)

Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
|----|--|--|--------------|
| 19 | Todos concordam que a vinda dos proprietários de 2ª habitação teve impacto nos hábitos e costumes das pessoas locais mas acham que a comunidade local continua a ter a sua identidade própria e que não se tornou impessoal. | De uma forma geral, consideram que houve uma transformação da comunidade motivada por duas realidades. Por um lado a boa integração dos novos elementos na comunidade permitiu que as pessoas locais aprendessem com os que vieram de fora. Por outro lado os visitantes adaptaram-se à realidade local e passaram a comungar dos interesses e costumes da comunidade local. | |
| 20 | Todos são unânimes em afirmar que não há nenhuma informação promocional sobre a aldeia | | |
| 21 | Completa unanimidade em relação à não degradação do ambiente causado por esta forma de turismo. Há inclusive quem vá mais longe e até ache que o desenvolvimento do turismo residencial contribuiu para a preservação do meio ambiente na medida em que o abate de sobreiros está proibido. | | |
| 22 | Todos concordam que agora estão bem em termos de meios de saúde com a existência de um médico no centro de saúde diariamente. A farmácia é referida como o meio de saúde que consideram importante. Para alguma urgência consideram que a proximidade de Benavente ou do Hospital de Vila Franca de Xira é suficiente. | | |
| 23 | | Praticamente todos consideram que se está longe da capacidade de carga e que há espaço para acolher muito mais pessoas, sendo que isso é totalmente desejável para que a aldeia funcione ainda melhor. Apenas uma opinião de que o número actual é o ideal e que se atingiu um equilíbrio | |
| 24 | | Não há unanimidade. A maioria acha que é preciso aumentar a oferta para se conseguir atrair mais pessoas e pelo menos voltar ao nível antes da crise. Para aumentar a procura é necessário aumentar a oferta. As opiniões divergem no conteúdo mas a maioria fala na construção de unidades hoteleiras, que não existem e sobretudo no retomar das actividades hípcas que existiam antes da crise. | |
| 25 | Não sentem que haja qualquer recolha de informação pois não existe promoção turística | | |

Quadro C3 - Percepções resultantes das entrevistas com Residentes Permanentes Adoptivos

| Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2) | | | |
|--|---|----------------------------|---|
| Nível de análise: Sustentabilidade | | | |
| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
| 1 | É unânime a opinião que este tipo de turismo residencial criou sobretudo oportunidades de emprego directamente relacionadas com as habitações, tais como, trabalho doméstico, limpeza, manutenção, jardinagem | | |
| 2 | | | Todos afirmam que o turismo tem impacto no consumo dos produtos e serviços locais, excepto uma pessoa. Há negócios que surgiram devido à vinda dos visitantes |
| 3 | A maior parte dos negócios estão ligados às pessoas da comunidade local, com uma ou outra excepção mas de pessoas do concelho. Desconhecem a existência de incentivos de apoio ao empreendedorismo | | |
| 4 | | | Há opiniões muito contrárias. Há quem ache que está bem e que a Câmara canaliza verbas para manter os espaços públicos que estão arrançados e para as acessibilidades e há quem ache que está mal e que a Câmara não faz nada e que há estradas de terra esburacadas, dentro do Zambujeiro. |
| 5 | Todos concordam que há um acréscimo de visitantes aos fins de semana ao longo do ano e eventualmente nos períodos de férias. | | |
| 6 | Todos os entrevistados são unânimes em afirmar que o turismo contribuiu muito para o desenvolvimento da aldeia. Todos gostam muito de viver em Santo Estevão. | | |
| 7 | Todos se sentem muito confortáveis em viver em Santo Estevão e sentem que foram bem acolhidos. O relacionamento entre a comunidade e os visitantes é visto como muito boa e de acham que seriam bem vindos mais turistas. Outro sinal da boa convivência é que muitos destes residentes permanentes começaram por ser habitantes de 2ª habitação. | | |
| 8 | | | Não há uma ideia clara sobre o efeito do turismo na organização social da comunidade. Uns acham que sim, pois houve uma mudança nas actividades dos locais e os visitantes trouxeram outra cultura e ideias, outros acham que nem por isso pois os visitantes encaixaram-se na comunidade existente |
| 9 | Todos são unânimes em afirmar que gostam de viver Santo Estevão e que se sentem satisfeitos com a vida comunitária, dada tranquilidade e qualidade de vida e o bom relacionamento com a comunidade local | | |

(Continua)

(Quadro C3 – Continuação)

| Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2) | | | |
|--|---|--|---|
| Nível de análise: Sustentabilidade | | | |
| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
| 10 | Há um consenso claro em relação ao papel relevante da autarquia em matéria de controlo do desenvolvimento urbanístico. Consideram que a Câmara tem tido um papel importante e activo na preservação de toda a envolvente da Aldeia, apenas permitindo parcelas com alguma dimensão e níveis de construção baixos. Consideram também que houve uma atenção especial em aprovar a construção de casas que incluíssem elementos arquitectónicos da região ribatejana | | |
| 11 | | O sentimento geral é de que não existe planeamento do turismo. Há quem entenda que existe uma boa articulação entre a junta e a câmara mas não propriamente ao nível do turismo. Há uma pessoas que refere que o PDM foi alterado para acolher o turismo | |
| 12 | Todos consideram que os residentes locais não têm um papel activo no planeamento do turismo | | |
| 13 | Todos consideram que não há participação activa no planeamento do turismo. | | |
| 14 | Nenhum dos entrevistados tem conhecimento da existência dum plano director para o turismo. Todos acham que não existe nada a esse nível. | | |
| 15 | Em relação a bombeiros todos se queixam que fechou o quartel e que está tudo em Benavente, até as ambulâncias. Isto é uma preocupação em caso de emergência. | | Em relação à existência de fundos e políticas de saúde a opinião mais forte é não. Apesar de quem considere que já esteve pior e que agora o centro de saúde já tem médico diariamente. Em relação ao patrulhamento pela GNR há quem diga que existe e quem diga que não. |
| 16 | Todos acham que o turismo não contribuiu negativamente para o aumento da poluição. Todos afirmam que não há poluição. | Em relação ao lixo, as opiniões divergem. Há quem ache que tem havido uma boa capacidade de adequação do município em termos de recolha mas também há quem se queixe e afirme que o lixo acumula. Se bem que o facto de haver pessoas que não colocam o lixo nos ecopontos (má cidadania) pode influenciar essa percepção. | |
| 17 | Há unanimidade em relação à segurança e tranquilidade da aldeia. Não se sentem de nenhuma forma ameaçados em termos de criminalidade pois esta não existe. Algumas pessoas referem que no auge da crise houve alguns assaltos a vivendas fechadas mas nada que lhes tire o sono. | | |

(Continua)

(Quadro C3 – Continuação)

Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
|----|---|--|--|
| 18 | | | Opiniões extremadas. Uns consideram que há um nível adequado de manutenção dos locais culturais e da aldeia como um todo e estão bastante satisfeitos com o grau de preservação do património, edificado e ambiental, da aldeia. Mas também há quem considere que nada foi feito em termos de manutenção |
| 19 | Todos concordam que a vinda dos proprietários de 2ª habitação teve impacto nos hábitos e costumes das pessoas locais mas acham que a comunidade local continua a ter a sua identidade própria e que não se tornou impessoal. De uma forma geral, consideram que houve uma transformação da comunidade. A boa integração dos novos elementos na comunidade permitiu que as pessoas locais aprendessem com os que vieram de fora. | | |
| 20 | Todos são unânimes em afirmar que não há nenhuma informação promocional sobre a aldeia | | |
| 21 | Completa unanimidade em relação à não degradação do ambiente causado por esta forma de turismo. Consideram que tem havido cuidado em preservar o ambiente. | | |
| 22 | | Nota-se que há um desconhecimento sobre o Centro de Saúde em Santo Estevão pois muitos referem que fechou e não sabiam que está reposto. A proximidade a Lisboa e Vila Franca dá algum conforto em termos de alguma urgência. Os mais atentos, consideram que para a população local está adequado. | |
| 23 | Todos consideram que se está longe da capacidade de carga e que há espaço para acolher muito mais pessoas, sendo que isso é totalmente desejável para que a aldeia funcione ainda melhor. | | |
| 24 | | Não há unanimidade. A maioria acha que é preciso aumentar a oferta para se conseguir atrair mais pessoas e pelo menos voltar ao nível antes da crise. Para aumentar a procura é necessário aumentar a oferta. As opiniões divergem no conteúdo mas a maioria fala na construção de unidades hoteleiras, que não existem e sobretudo no retomar das actividades hípcas que existiam antes da crise. | |
| 25 | Não sentem que haja qualquer recolha de informação pois não existe promoção turística | | |

Quadro C4 - Percepções resultantes das entrevistas com Turistas Residenciais

| Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2) | | | |
|--|---|--|--|
| Nível de análise: Sustentabilidade | | | |
| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
| 1 | É unânime a opinião que este tipo de turismo residencial criou sobretudo oportunidades de emprego directamente relacionadas com as habitações, tais como, trabalho doméstico, limpeza, manutenção, jardinagem e ainda com o comércio local. | | |
| 2 | Todos afirmam que consomem os produtos e serviços locais. | | |
| 3 | A maior parte dos negócios estão ligados às pessoas da comunidade local, com uma ou outra excepção mas de pessoas do concelho. | | |
| 4 | | | Há opiniões contrárias. Há quem ache que está bem e que a Câmara canaliza verbas para manter os espaços públicos e há quem ache que está mal e que a Câmara não faz nada. No entanto a maioria acha que é feito pouco, o que indica que acham que não há uma relação directa entre as receitas recolhidas na freguesia e o retorno em termos de investimento por parte da autarquia. |
| 5 | | De uma forma geral a utilização da 2ª habitação é feita aos fins de semana ao longo do ano e nos períodos de férias. Maioritariamente para uso próprio para passar tempo com a família e amigos mas há quem empreste a familiares para fazerem uma escapadela da cidade. | |
| 6 | Todos os entrevistados são unânimes em afirmar que a comunidade local está satisfeita com o turismo, o que é sentido na forma como são tratados. | | |
| 7 | Todos se sentem bem acolhidos pela comunidade anfitriã. O relacionamento entre a comunidade e os visitantes é visto como muito boa e de uma forma geral acham que seriam bem vindos mais turistas, desde que não se perca o espírito de aldeia. | | |
| 8 | | | Não há uma ideia clara sobre o efeito do turismo na organização social da comunidade. Uns acham que sim, pois o nível de vida dos residentes aumentou, outros acham que nem por isso pois dada a proximidade de Lisboa, não há grandes diferenças entre os visitantes e os residentes |
| 9 | Todos são unânimes em afirmar que gostam de viver Santo Estevão, uma pequena aldeia bastante tranquila e que se sentem satisfeitos com a vida comunitária, dado o bom relacionamento com a população local. | | |

(Continua)

(Quadro C4 – Continuação)

Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
|----|---|--|---|
| 10 | Há um consenso claro em relação ao papel relevante da autarquia em matéria de controlo do desenvolvimento urbanístico. Consideram que a Câmara tem tido um papel importante e activo na preservação de toda a envolvente da Aldeia, apenas permitindo parcelas com alguma dimensão e níveis de construção baixos. Consideram também que houve uma atenção especial em aprovar a construção de casas que incluíssem elementos arquitectónicos da região ribatejana | | |
| 11 | | | As opiniões divergem bastante, não havendo um consenso sobre esta temática. A maioria acha que não existe planeamento. Mas também há quem pense que existiu um planeamento de turismo para a região, há 25 anos atrás, e que a crise estragou a sua implementação. Há quem entenda que existe uma boa articulação entre a junta e a câmara mas não propriamente ao nível do turismo |
| 12 | Todos consideram que seria interessante que os residentes locais tivessem um papel activo no planeamento do turismo mas tal não acontece. | | |
| 13 | | Enquanto alguns afirmam que não têm forma de participar formalmente no planeamento do turismo, outros acreditam que as associações de moradores poderiam ter um papel activo neste campo. | |
| 14 | Nenhum dos entrevistados tem conhecimento da existência dum plano director para o turismo. Todos acham que não existe nada a esse nível e que há muito para fazer. | | |
| 15 | Em relação a políticas de saúde a opinião é unânime, é um assunto que não levanta preocupações. Dada a proximidade de Vila Franca e Lisboa, as urgências estão sempre asseguradas. E como vivem em Lisboa, é lá que fazem as visitas de rotina ao médico. | Há um sentimento generalizado de que o patrulhamento da GNR e que a presença local dos bombeiros deveriam ser melhorados | |
| 16 | Todos acham que o turismo não contribuiu negativamente para o aumento da poluição. Todos afirmam que não há poluição. | Em relação ao lixo, sobretudo ao fim de semana e período de férias, tem havido uma boa capacidade de adequação do município em termos de recolha. Apenas uma pessoa é da opinião que neste capítulo poderia ser feito um pouco mais, apesar de considerar que não é preocupante. | |

(Continua)

(Quadro C4 – Continuação)

Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
|----|---|--|--------------|
| 17 | Há unanimidade em relação à segurança e tranquilidade da aldeia. Não se sentem de nenhuma forma ameaçados em termos de criminalidade pois esta não existe. Algumas pessoas referem que no auge da crise ouviram histórias de assaltos a vivendas fechadas mas nada que lhes tire o sono pois tem sistemas de alarmes. | | |
| 18 | Todos consideram que há um nível adequado de manutenção dos locais culturais e da aldeia como um todo. Todos estão bastante satisfeitos com o grau de preservação do património, edificado e ambiental, da aldeia | | |
| 19 | Todos concordam que a vinda dos proprietários de 2ª habitação teve impacto nos hábitos e costumes das pessoas locais mas acham que a comunidade local continua a ter a sua identidade própria e que não se tornou impessoal. | De uma forma geral, consideram que houve uma transformação da comunidade motivada por duas realidades. Por um lado a boa integração dos novos elementos na comunidade permitiu que as pessoas locais aprendessem com os que vieram de fora. Por outro lado os visitantes adaptaram-se à realidade local e passaram a comungar dos interesses e costumes da comunidade local. | |
| 20 | Todos são unânimes em afirmar que não há nenhuma informação promocional sobre a aldeia | | |
| 21 | Completa unanimidade em relação à não degradação do ambiente causado por esta forma de turismo. Há inclusive quem vá mais longe e até ache que o desenvolvimento do turismo residencial contribuiu para a preservação do meio ambiente na medida em que o abate de sobreiros está proibido. | | |
| 22 | Não é assunto que levante preocupação. A farmácia é referida como o meio de saúde que utilizam e que consideram importante. Este assunto não é factor de decisão de compra. Para alguma urgência consideram que a proximidade de Lisboa é suficiente e para rotina médica fazem-no em Lisboa | | |
| 23 | Todos consideram que se está longe da capacidade de carga. Há espaço para acolher muito mais pessoas, sendo que isso é totalmente desejável para que a aldeia funcione ainda melhor. | | |
| 24 | | Não há unanimidade. Há quem sinta que assim está óptimo e que a oferta está ajustada à procura. No entanto, a maioria acha que é preciso aumentar a oferta para se conseguir atrair mais pessoas e pelo menos voltar ao nível antes da crise. Para aumentar a procura é necessário aumentar a oferta. As opiniões divergem no conteúdo mas a maioria fala na construção de unidades hoteleiras, que não existem e sobretudo no retomar das actividades hípias que existiam antes da crise. | |
| 25 | Não sentem que haja qualquer recolha de informação pois não existe promoção turística | | |

Quadro C5 - Percepções resultantes das entrevistas com Entidades Privadas

Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
|---|--|--|--------------|
| 1 | | Os negócios são diversos e consequentemente as necessidades de RH também. No entanto, há um consenso entre estes empresários que com maior ou menor dificuldade, conseguem encontrar as competências necessárias em Santo Estevão ou quanto muito ao nível do conselho. | |
| 2 | O turismo tem contribuído para um aumento do consumo de produtos e serviços locais. Todos são unânimes que se nota o efeito do fim de semana com um acréscimo enorme de consumo face à semana. | | |
| 3 | A maior parte dos negócios estão ligados às pessoas da comunidade local, com uma ou outra excepção mas de pessoas do concelho. Apesar de não existirem apoios ao empreendedorismo, as pessoas da terra aproveitaram as oportunidades de mercado que surgiram com o turismo | | |
| 4 | Há um sentimento generalizado de que foi feito pouco, o que indica que acham que não há uma relação directa entre as receitas recolhidas na freguesia e o retorno em termos de investimento por parte da autarquia. | | |
| 5 | É perfeitamente consensual que os negócios locais sofrem uma flutuação aos fins de semana, de uma forma constante ao longo do ano e também nos períodos de férias, sobretudo no verão. Todos tentam equilibrar os seus negócios durante a semana com as pessoas da aldeia, mas sem os turistas residenciais aos fins de semana dificilmente teriam a porta aberta. | | |
| 6 | Todos os entrevistados são unânimes em afirmar que este tipo de turismo contribuiu para o desenvolvimento local e que a comunidade local beneficiou da criação de novos tipos de emprego em substituição dos empregos tradicionais que estavam ligados à agricultura. | | |
| 7 | O relacionamento entre a comunidade e os visitantes é visto como bom e todos são unânimes em afirmar que seriam bem vindos mais turistas. | | |
| 8 | | Existe uma percepção generalizada de que o desenvolvimento do turismo teve impacto na estrutura social, uma vez que passou a haver uma maior diversidade de pessoas na comunidade. Este desenvolvimento trouxe pessoas de um nível socio-económico mais elevado, pessoas de diferentes culturas e permitiu o regresso de imigrantes reformados. De uma forma geral, a questão da representatividade não é um problema e não existe um sentimento de poder mal distribuído. | |

(Continua)

(Quadro C5 – Continuação)

| Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2) | | | |
|--|---|---|---------------------|
| Nível de análise: Sustentabilidade | | | |
| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
| 9 | | De uma forma geral existe um nível elevado de satisfação em relação à vida comunitária. Houve uma boa integração dos novos elementos, por isso respira-se harmonia social e a proximidade a Lisboa permite equilibrar uma vida numa aldeia pacata com umas escapadelas à grande cidade. Todos são unânimes em afirmar o seu gosto por viverem em Santo Estevão. | |
| 10 | Há um consenso claro em relação ao papel relevante da autarquia em matéria de controlo do desenvolvimento urbanístico. Consideram que a Câmara tem tido um papel importante e activo na preservação de toda a envolvente da Aldeia, apenas permitindo parcelas com alguma dimensão e níveis de construção baixos. Consideram também que houve uma atenção especial em aprovar a construção de casas que incluíssem elementos arquitectónicos da região ribatejana | | |
| 11 | Apesar de acharem que há uma boa articulação entre a junta e a câmara, acham que tem sido feito muito pouco ao nível do planeamento do turismo. | | |
| 12 | Todos consideram que seria interessante que os residentes locais tivessem um papel activo no planeamento do turismo mas tal não acontece. Isso aconteceu apenas numa fase de arranque na pessoa do Eng. Pimentel Fragoso mas tirando isso não há um envolvimento da comunidade no planeamento e pensamento estratégico para o turismo em Santo Estevão. | | |
| 13 | São unânimes em afirmar que não há envolvimento formal. | | |
| 14 | Nenhum dos entrevistados tem conhecimento da existência dum plano director para o turismo. Todos acham que não existe nada a esse nível e que há muito para fazer. | No entanto, alguns acreditam que se está a fazer um esforço para desenvolver um plano estratégico para o desenvolvimento do turismo na região. Aqui a opinião divide-se em que uns acham que é Câmara outros dizem que é junta | |
| 15 | Há um sentimento generalizado de que há patrulhamento regular e adequado por parte da GNR. | Em relação a políticas de saúde a opinião não é tão unânime. Consideram que tem havido altos e baixo mas que agora aparentemente está melhor. Dada a proximidade de Vila Franca e Lisboa, as urgências estão sempre asseguradas. | |
| 16 | Todos acham que o turismo não contribuiu negativamente para o aumento da poluição. | Em relação ao aumento de lixo, sobretudo ao fim de semana e período de férias, tem havido uma boa capacidade de adequação do município em termos de recolha. Apenas uma pessoa é da opinião que neste capítulo poderia ser feito um pouco mais e que deveria haver um maior reforço nos fim de semana e períodos de férias. | |

(Continua)

(Quadro C5 – Continuação)

| Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2) | | | |
|--|--|--|---------------------|
| Nível de análise: Sustentabilidade | | | |
| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
| 17 | Há unanimidade em relação à segurança na aldeia. Não sentem que o turismo tenha tido impacte em termos de criminalidade pois não existe. Reconhecem que no auge da crise houve uma onda de assaltos a vivendas fechadas mas entendem que isso é um fenómeno generalizado do país e não uma questão local. | | |
| 18 | Todos consideram que há um nível adequado de manutenção dos locais culturais e da aldeia como um todo. Todos estão bastante satisfeitos com o grau de preservação do património, edificado e ambiental, da aldeia | | |
| 19 | Todos concordam que a vinda dos proprietários de 2ª habitação teve impacto nos hábitos e costumes das pessoas locais mas acham que a comunidade local continua a ter a sua identidade própria e que não se tornou impessoal. | De uma forma geral, consideram que houve uma transformação da comunidade motivada por duas realidades. Por um lado a boa integração dos novos elementos na comunidade permitiu que as pessoas locais aprendessem com os que vieram de fora. Por outro lado os visitantes adaptaram-se à realidade local e passaram a comungar dos interesses e costumes da comunidade local. | |
| 20 | Todos são unânimes em afirmar que não há nenhuma informação promocional sobre a aldeia | | |
| 21 | Completa unanimidade em relação à não degradação do ambiente causado por esta forma de turismo. Há inclusive quem vá mais longe e até ache que o desenvolvimento do turismo residencial contribuiu para a preservação do meio ambiente na medida em que o abate de sobreiros está proibido. | | |
| 22 | Sim. A opinião generalizada é de que existem os meios de saúde suficientes e adequados para os habitantes da Aldeia, quer sejam residentes quer visitantes. O centro de saúde está a funcionar durante a semana e ainda há a farmácia. Para alguma urgência sentem-se confortáveis com a existência de uma oferta vasta de serviços de saúde relativamente próxima no Hospital de Vila Franca de Xira. | | |
| 23 | Todos consideram que se está longe da capacidade de carga. Há espaço para acolher muito mais pessoas, sendo que isso é totalmente desejável para que a aldeia funcione ainda melhor | | |
| 24 | Todos são unânimes em apontar que são necessários mais serviços e actividades para se poder atrair mais turistas. | Para aumentar a procura é necessário aumentar a oferta. As opiniões apenas divergem no conteúdo mas a maioria fala na construção de unidades hoteleiras, que não existem, no retomar das actividades hípicas e no aproveitamento do parque ambiental do conselho | |
| 25 | Não sentem que haja qualquer recolha de informação pois não existe promoção turística | | |

Quadro C6 - Percepções resultantes das entrevistas com Autoridades

Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
|---|---|---------------------|--------------|
| 1 | É unânime a opinião que este tipo de turismo residencial criou sobretudo oportunidades de emprego directamente relacionadas com as habitações, tais como, trabalho doméstico, limpeza, manutenção, jardinagem e ainda com o comércio local. | | |
| 2 | O turismo tem contribuído para um aumento do consumo de produtos e serviços locais. São unânimes que se nota o efeito do fim de semana com um acréscimo enorme de consumo face à semana. | | |
| 3 | A maior parte dos negócios estão ligados às pessoas da comunidade local ou do concelho. Apesar de não existirem apoios ao empreendedorismo, as pessoas da terra aproveitaram as oportunidades de mercado que surgiram com o turismo. Iniciativa própria. | | |
| 4 | Não há uma relação directa entre as receitas recolhidas na freguesia e o retorno em termos de investimento por parte da autarquia. | | |
| 5 | De uma forma geral a utilização da 2ª habitação é feita aos fins de semana ao longo do ano e nos períodos de férias. Não têm nenhuma estratégia para levar as pessoas a transformarem a 2ª habitação em 1ª, mas este fenómeno tem acontecido de uma forma natural. | | |
| 6 | Os entrevistados são unânimes em afirmar que este tipo de turismo contribuiu para o desenvolvimento local e que a comunidade local beneficiou da criação de novos tipos de emprego em substituição dos empregos tradicionais que estavam ligados à agricultura. Senão fosse o turismo provavelmente Santo Estevão estaria numa situação socioeconómica difícil | | |
| 7 | São unânimes em afirmar que há um bom relacionamento entre a comunidade e os visitantes. Cada vez mais se vai esbatendo a diferenciação entre as pessoas da aldeia e as pessoas das quintas | | |
| 8 | O desenvolvimento do turismo teve impacto na estrutura social, uma vez que passou a haver uma maior diversidade de pessoas na comunidade. Este desenvolvimento trouxe pessoas de um nível socio-económico mais elevado, pessoas de diferentes culturas e permitiu o regresso de imigrantes reformados. De uma forma geral, não sentem que a questão da representatividade seja um problema e que o poder esteja mal distribuído. | | |
| 9 | Existe um nível elevado de satisfação em relação à vida comunitária. Houve uma boa integração dos novos elementos, por isso respira-se harmonia social. Numa fase inicial, havia um maior afastamento entre as pessoas das quintas e da aldeia (ricos e pobres). Os comerciantes tentaram tirar um proveito exagerado das pessoas das quintas e isso criou uma certa tensão. Talvez a crise possa ter ajudado na aproximação das pessoas mas agora atingiu-se um equilíbrio | | |

(Continua)

(Quadro C6 – Continuação)

Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2)

Nível de análise: Sustentabilidade

| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
|----|--|---|--------------|
| 10 | A autarquia tem tido um papel activo em matéria de controlo do desenvolvimento urbanístico e preservação do meio ambiente. O PDM tem sido desenvolvido para poder acolher o turismo. | | |
| 11 | Pouca articulação em relação ao turismo. A Junta tem iniciativas próprias para promover a restauração e diz que está melhor posicionada que a Câmara para aplicar as receitas do IMI na sua zona de actuação. A Câmara queixa-se do governo que não chegou a aprovar o pacote legislativo para as apostas de cavalos que era o grande projecto de turismo para a região. | | |
| 12 | | Não há envolvimento da população local. As razões que sustentam isso é que são diferentes. A junta aponta que as pessoas até se envolveriam se houve matéria para se envolverem (já o fazem nas colectividades). A Câmara defende que as pessoas não tem interesse em promover o turismo pois estão é preocupadas com o seu dia a dia | |
| 13 | São unânimes em afirmar que não há envolvimento formal em relação ao turismo. | | |
| 14 | Não há um plano director para o turismo. A Câmara soube reagir aos interesses dos privados e adequou o PDM para que se pudesse desenvolver o turismo de 2ª habitação, o golfe, o polo equestre, etc. | | |
| 15 | Coincidente com a crise, Santo Estevão ficou sem bombeiros e médico no Centro de Saúde. Agora voltou a haver médico diariamente. | A Junta reclama mais serviços à Câmara. O município diz que olha para todo o conselho e que tenta manter um equilíbrio ao nível do território. Por exemplo, bombeiros, a Junta diz que está a fazer pressão para voltar a abrir o quartel. A Câmara diz que o quartel em Benavente é suficiente em termos de tempos de resposta. | |
| 16 | O turismo não contribuiu negativamente para o aumento da poluição. Em relação ao aumento de lixo, sobretudo ao fim de semana e período de férias, tem havido uma boa capacidade de adequar a recolha para dar a resposta adequada. | | |
| 17 | Há unanimidade em relação à segurança na aldeia. Não sentem que o turismo tenha tido impacte em termos de criminalidade pois não existe. Reconhecem que no auge da crise houve uma onda de assaltos a vivendas fechadas mas entendem que isso é um fenómeno generalizado do país e não uma questão local. | | |

(Continua)

(Quadro C6 – Continuação)

| Ideias principais obtidas a partir das questões colocadas (parte 2) | | | |
|--|---|--|--------------|
| Nível de análise: Sustentabilidade | | | |
| # | Unanimidade | Diferenças ligeiras | Discordância |
| 18 | Consideram que há um nível adequado de manutenção dos locais culturais e da aldeia como um todo. Recuperar as tradições | | |
| 19 | Todos concordam que a vinda dos proprietários de 2ª habitação teve impacto nos hábitos e costumes das pessoas locais mas acham que a comunidade local continua a ter a sua identidade própria e que não se tornou impessoal. | De uma forma geral, consideram que houve uma transformação da comunidade motivada por duas realidades. Por um lado a boa integração dos novos elementos na comunidade permitiu que as pessoas locais aprendessem com os que vieram de fora. Por outro lado os visitantes adaptaram-se à realidade local e passaram a comungar dos interesses e costumes da comunidade local. | |
| 20 | Não há nenhuma informação promocional sobre a aldeia ou mesmo o conselho | | |
| 21 | Completa unanimidade em relação à não degradação do ambiente causado por esta forma de turismo. | | |
| 22 | Sim. Existem os meios de saúde suficientes e adequados para os habitantes da Aldeia, quer sejam residentes quer visitantes. O centro de saúde está a funcionar durante a semana e para alguma urgência há uma oferta vasta de serviços de saúde relativamente próxima no Hospital de Vila Franca de Xira ou mesmo Lisboa. | | |
| 23 | Consideram que se está longe da capacidade de carga. Há espaço para acolher muito mais pessoas, sendo que isso é totalmente desejável para que a aldeia funcione ainda melhor | | |
| 24 | São unânimes em apontar que são necessários mais serviços e actividades para se poder atrair mais turistas. | Para aumentar a procura é necessário aumentar a oferta. As opiniões apenas divergem no conteúdo mas é necessária a construção de unidades hoteleiras, que não existem, no retomar das actividades hípicas e no aproveitamento do parque ambiental do conselho | |
| 25 | Não há qualquer recolha de informação pois não existe promoção turística | | |